FON FON
ANNO XXIII N.º 46
Rio, 16 de Novembro 1929
PREÇO 1$000

— Que tragico momento quando, no meio da festa, sentiu aquella horrivel dôr de cabeça que o fez cahir num sofá, emquanto todos, angustiosos, o rodeavam!

Graças, porém, a um feliz acaso, um amigo seu trazia no bolso CAFIASPIRINA. Dois comprimidos, um copo d'agua, e.... dentro de cinco minutos estava outra vez dançando, tão bem disposto e alegre como d'antes!

Desde então, elle leva sempre comsigo, a toda festa ou reunião social que vae, "para o que possa succeder", um tubo da nobre e excellente

CAFIASPIRINA

Ideal contra as *dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas e rheumatismo; consequencias das noites passadas em claro, dos excessos alcoolicos, etc.*

Não *affecta* o coração nem os rins.

O conto brasileiro

O PRESENTE

POR
LEOPOLDO D. AMARAL

HAVIA na antiga Escola Militar de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, tres rapazes alumnos, amigos inseparaveis.

A diversidade de genio não impedia que vivessem em boa camaradagem. Despreoccupados, alegres e espirituosos, a vida era um regalo para os tres. Seus nomes, sobrenomes e naturalidade eram: Alfredo Nogueira Lopes, do Maranhão; Osvaldo de Carvalho Passos, de Sergipe, e Annibal Severiano de Castro, do Rio Grande do Sul.

Dos tres rapazes, o de mais espirito e talento era o Osvaldo de Carvalho.

A despeito do rigor excessivo da disciplina e da seriedade do estudo, não perdiam as festas que, com frequencia, se succediam.

Essas festas consistiam principalmente em reuniões familiares, a que as bellas gaúchas, com sua graça natural e fina educação, davam um vivo realce e esplendente encanto.

Dentre as familias que mais assiduamente frequentavam, contava-se a do major "Come Gato", da Guarda Nacional.

A casa desse official superior da briosa era preferida, não só dos tres rapazes, mas tambem de todos os alumnos, pelas ruidosas e esplendidas festas que ali se realizavam.

Ignacio Boaventura da Rosa — era este o nome todo do major que, quando rapaz, havia morto e comido um gato. Dahi a alcunha de "Come Gato". Tinha um defeito physico: era zarolho.

Diziam que um bichano lhe arrancára o olho.

Ao contrario do que, em geral, acontece, o matar o gato não lhe acarretou tropeços na vida, nem atrazos nos negocios. Pelo contrario, prosperou sempre, de modo que, tendo-lhe tocado por herança dos paes unicamente duas casas, decorridos dezoito annos já possuia mais de vinte bons predios bem localizados.

Com o seu labor acumulára uma fortuna de mais de trezentos contos de réis.

Residia com a familia, que cercava de todo conforto, num grande "chalet" afastado do centro da cidade, tendo um bello jardim na frente.

Era um grande amigo dos alumnos da Escola Militar.

Os tres rapazes amigos frequentavam a casa do major "Come Gato", cuja vaidade ardilosamente incensavam em beneficio de todos os collegas.

Gabavam-lhe a belleza das filhas, que eram umas corujas; o talento dos filhos, brancos como a toupeira, e o donaire de sua mulher, que em vão tentava esconder a velhice e a fealdade: uma tartaruga!

Credulo e bonacheirão, acceitava reconhecido os elogios feitos á sua familia, mas não admittia a menor allusão a seu appellido.

* * *

— Alfredo — diz o Osvaldo de Carvalho ao seu amigo e collega — o major "Come Gato" nos tem obsequiado sempre; você não acha que devemos offerecer-lhe alguma cousa?

— De accordo; si quizeres, corro uma subscripção entre os alumnos e...

— Não é preciso — atalha o outro — contribuirei sózinho para a compra do mimo que lhe será offerecido em nome de todos os alumnos.

— Estás, então, tão endinheirado que não acceitas nem a minha contribuição?

— Não é preciso; darás noutra occasião. Recebi hoje 500$000 de meus paes. Para outra vez solicitarei o auxilio dos collegas.

— Faze o que quizeres, certo de que minha bolsa está á tua disposição.

— Obrigado; bem sei que posso sempre contar comtigo.

Uma commissão de alumnos foi á casa do major "Come Gato" prevenil-o de que a Escola em peso iria, tres dias após, num domingo,

(Conclúe na pagina 80)

O COMMENTARIO

SUA Magestade o Café falou...

A crise de preços desse producto, gerada por motivos varios, vinda em linha recta da perturbação da Bolsa noveyorkina abalou o paiz. Houve um começo de panico. E os intermediarios logrados nos seus lucros fabulosos puzeram a bôca no mundo: emissão, moratoria ou a bancarrota!

O presidente da Republica ouviu-os, meditou e respondeu-lhes com a maior calma, filha de sua firmeza de propositos e segurança no seu plano financeiro: nem emissão, nem moratoria! Até agora não houve a annunciada bancarrota. O senhor Washington Luis lavrou um tento perante a nação.

E Sua Magestade o Café metteu a viola no saco...

Uma Grande Comedia

De VICENTE VEGA

— Terminou aquillo.

— Aquillo, que?

— Ora!... Falo-te de minha comedia *A dôr de chegar*. Já mandei passal-a a limpo, á machina, e tirar varias copias... E só falta estreal-a!...

— E onde?...

— Ainda não sei. Vou lel-a a Fulano, que este anno virá como primeiro actor.

— Puf! Devias tel-a lido antes.

— Antes de escrevel-a.

— Então?

— Tenho uma carta de recommendação para o sr. Miranda.

— Um nome illustre!

— E não acho difficil lel-a a Pereira Costa, empresário do theatro X.

— E nada mais?

— Que queres dizer?

— Que quero dizer? — Olha: fantasia-se muito em padrinhos e recommendações.

— Achas?

— Estou convencido.

— Tanto melhor, porque os Mecenas de hoje não costumam ser como o Lemos de Cervantes, que premiava, sem exigir do autor outra cousa sinão continuar a ter talento.

— E que haveriam de exigir-me?

— Psch! ... Talvez se dignassem a collaborar em tua obra: abririam teu manuscripto, taxariam tudo o que nelle fosse brilhante, alado, subtil... Depois, talvez reclamassem até direitos de autor.

— Cala a bocca! Não fales assim. Vão pensar que é a inveja, o despeito ou a impotência que te inspiram essas queixas.

— Bem...

— Trata-se de minha primeira obra, e desde logo não a julgo perfeita. Penso, porém, que, á força de constancia, esforço e trabalho, farei meu êxito.

— Começa por ter êxito, que haverá imbecis que te julgue com talento.

* * *

O critico da moda (serio como um discurso em latim, impassivel como a consciência de um asbio).

O empresário do theatro X (joven, fronte tensa, onde mais a falta de rugas, do que a juventude, indica a completa nullidade de idéas. Escuta com grande capacidade).

O autor (que acaba de ler aos dois outros o final do último acto de sua obra).

O critico. — Tranquillize-se, senhor.

O empresário. — Sim, tranquillize-se.

O autor. — Obrigado. Muito obrigado por me terem supportado...

O critico. — Ouvimol-o com muita complacência.

O empresario. — Com muitissimo prazer.

O autor. — Obrigado. Muito obrigado.

O critico. — E' preciso que nós animemos aos moços.

O empresário. — E' necessário ajudál-os...

O autor. — Não sei como agradecer-lhes.

O critico. — O senhor nos offereceu um jantar magnifico.

O empresário. — Estupendo!

O autor. — Por Deus, senhores!

O critico. — Emfim! ...

O empresário. — Emfim! ...

O autor. — E... sua opinião?... Minha obra?...

O critico. — Ah!... Não está mal.

O empresário. — Não; não está mal.

O critico. — Tem algum interesse. Os personagens se movem com desembaraço...

O empresário. — Interessante. Muito movimentada.

O critico. — Vê-se que é sua primeira obra...

O autor. — Exactamente.

O critico. — Observa-se alguma inexperiência...

O empresário. — Falta de pratica...

O critico. — O primeiro acto não chega a expôr com toda clareza o assumpto...

O empresário. — Sim. Um pouco confuso aquelle primeiro acto.

O critico. — Por isso, no segundo, o conflicto não se dá como devia...

O empresário. — Não é verdade.

O critico. — E o desenlace soffre de inverosimilitude...

O empresário. — Um pouco falso.

O critico. — São seus primeiros passos, joven! De certo chegará a produzir algo de notável.

O empresário. — Ha madeira!

O autor. — Então, a comedia...

O critico. — Ora! ... Deixe isso. E', apenas, sua primeira obra.

O empresário. — Os primeiros passos...

O critico. — Siga o conselho tão repetido: comece pela terceira comedia ou pelo quinto drama.

O empresário. — Quaá! quá! quá

O autor. — Mas...

O critico. — Coragem, e não desanime! Algum dia se lembrará o senhor desta sobremesa.

O empresário. — Sim. De certo não a esquecerá.

Cumprimentos. Despedidas. O garçon apresenta a conta.

• • •

Bravos!... Bravos!... O autor! ... Bravos! ...

Cinco sahidas á scéna, e estamos no segundo acto! ...

Intervallo. Cigarros. Commentarios.

— E' uma consagração com todas as honras da lei!

— Senhor Miranda, que acha da peça?

— Não está mal. Melhorou muito esse moço.

— O senhor o conhece?

— E' claro!... Si lhe dei os primeiros conselhos! Vou abraçar esse moço.

... ...

— Afinal, entrou no caminho da celebridade, hein?

— Assim parece, senhor Miranda.

— O que nos offereceu esta noite foi magnifico, meu amigo. Seguiu meu conselho, não é verdade? Esta é a quarta comedia ou o quinto drama?

— E' a mesma comedia de meus primeiros passos. Aquella que li ao senhor e ao empresário do theatro X, á sobremesa de um jantar e da qual apenas mudei o titulo...

ALEGRIA . . .
FELICIDADE

Agora . . . e sempre

A nova combinação Radio-Electrola-Victor põe ao seu alcance immediato toda a alegria e felicidade que a musica offerece. Dentro de seu proprio lar, já seja musica apanhada do ar ou musica gravada em discos, este famoso instrumento *duplica*, com exactidão assombrosa, a execução de seus artistas predilectos.

A nova combinação Radio-Electrola-Victor representa um novo passo dado no aperfeiçoamento da reproducção do som. Somente a Victor podia produzir este *realismo absoluto*.

Os moveis dos instrumentos Victor, por sua belleza indescriptivel, mereceram os mais francos elogios dos peritos na materia. Visite *hoje* mesmo qualquer commerciante Victor de sua localidade e peçao que lhe faça uma demonstração do magnifico instrumento que a Victor acaba de lançar no mercado.

A nova combinação Radio-Electrola-Victor RE-45 reproduz electricamente a musica apanhada do ar e a gravada em discos. Amparada pela insuperavel qualidade Victor. Preço

O Novo

Radio-Victor

MICRO-SYNCHRONICO

com ELECTROLA

PROTEJA-SE

Somente a Victor fabrica o Radio Victor, a combinação Radio-Electrola-Victor e as Victrolas.

Não é legitimo sem esta marca. Procure-a!

VICTOR TALKING MACHINE DIVISION — RADIO-VICTOR CORPORATION OF AMERICA, CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. da A.

Distribuidores Geraes: PAUL J. CHRISTOPH COMPANY — Ouvidor, 98 — Rio de Janeiro — S. Bento, 35 — S. Paulo. — O material VICTOR tambem se acha á venda nas seguintes casas: Dorfman & Irmão, rua do Cattete, 79 e 253; The Dental Mafg. Co. of Brasil, rua Ouvidor, 127; Vasco Ortigão & C., Largo de São Francisco; F. A. Pereira, rua Ouvidor, 179; Mestre & Blatgé, rua Passeio, 48; L. Ruffier, rua Ouvidor, 121; Roberto Donati & C., rua do Ouvidor, 103; Nascimento Silva & C., rua Sete de Setembro, 238; J. de Oliveira, rua Carioca, 48; Waddington Barbosa & C., rua Gonçalves Dias, 40; Sampaio Araujo & C., Av. Rio Branco, 122; Stephen Schaefer & C., Galeria Cruzeiro; Viuva Julio Bohm & C., rua Assembléa, 71; Compassi Camin, rua Assembléa, 79; Adelardo Salgado & C., rua S. Christovam, 211; Casa Mercedes Ltda., rua Sachet, 19; S. Carvalho & C., Av. Rio Branco, esquina Ouvidor; Harvey Villela, rua 13 de Maio, 04; J. F. Mello & C., rua Marechal Floriano, 229; Carles Wehrs & C., rua da Carioca, 47; Lino José Barbosa, Avenida Rio Branco, 159.

O Chapéo do deputado

QUANDO Francisco Bengulat, caixa de uma companhia de seguros de Paris, pousou o pé no caes de Bézignac, o seu primeiro cuidado foi metter a sua valise em terra, para procurar o seu ticket perdido em um bolso da sua capa de gabardine.

Distrahido com essa operação complicada, uma vez que os bolsos da capa estavam cheios de objectos diversos — jornaes, sandwichs, luvas — aspirava o ar carregado de brumas.

"Ainda bem! — pensou elle. — Aqui se respira melhor do que em Paris! Emfim, vou descansar, realmente, tanto mais quanto ninguém me conhece, nem tenho nenhuma visita a fazer nem a retribuir.

Eis como comprehendo o repouso no campo. E os que assim não fazem são tolos."

Uma sombra passou deante dos seus olhos.

"Ah, diabo! Onde fui metter o meu ticket!"

Um carregador, que o fitava de longe, tocou no seu bonet.

— Nesta terra ha muita gente polida — disse Bengulat, esboçando um sorriso de saudação.

Mas já se havia approximado, apoderando-se, á força, da valise.

— Vou leval-a, senhor deputado.

— Que? — murmurou Bengulat, muito surprehendido do epitheto e das attenções com que era tratado.

— Venha por aqui, senhor deputado.

— Mas... o senhor está enganado...

O homem da valise sorriu:

— O sr. deputado, sem duvida, viaja incognito. Deseja ficar desconhecido?

E elle o conduziu ao escriptorio do chefe da estação.

Ao fital-o, o funccionario avançou, a mão estendida, o rosto brilhante.

— Que bons ventos o trouxeram, sr. deputado!

Ainda! Francisco Bengulat perguntou a si mesmo, quando terminaria aquella pilheria.

— O ultimo discurso de v. ex. na Camara foi muito admirado entre nós. Não ha erro. V. Ex. conhece bem a questão dos vinhos. A nossa pequena cidade será feliz de acolher v. ex. e de felicital-o. V. ex. é o bemfeitor da região!

Bengulat julgou prudente cortar o mal pela raiz.

— Meu caro amigo — disse elle, acceitando o papel que desejavam elle desempenhasse — vim para aqui repousar. Nada mais que isto. E não desejo que se saiba da minha chegada.

— Comprehendo — sorriu o chefe da estação. — A vida privada dos nossos representantes não olha ninguem, e talvez v. ex....

— Justamente! — affirmou Bengulat, que nada comprehendia daquillo.

Os subentendidos tê-

gaston guillot

laso de excellente auto assim todas as interpretações. O chefe desejou que se fizesse a maior discreção em torno da pessoa de s. ex. Poz um dedo sobre os lábios.

— Mudo como uma sepultura, sr. deputado. Mas v. ex. não me recusará a honra de tomar uma garrafa de vinho no meu escriptorio, não?

Deputado ou não, um viajante tem sêde sempre, após um longo trajecto. Bengulat acceitou.

— Em boa hora, tenho a ventura de encontral-o — disse o funccionario. — A' sua saude, senhor deputado! A' saude da região, que tem em v. ex. o mais eloquente dos defensores!

Bengulat gaguejou vagos agradecimentos. Depois, perguntou:

— Qual é o melhor hotel da cidade?

— Sr. deputado, todos são bons. Mas si eu ousasse...

— Ouse, meu caro amigo.

— Eu offereceria hospedagem a v. ex. em casa de meu genro. Ha lá um quarto disponivel. V. ex. estaria como em sua casa.

Depois de alguma relutancia, Bengulat acceitou a hospedagem, fazendo questão, no emtanto, de absoluto segredo sobre a sua estadia na terra.

* * *

No seu quarto, no dia seguinte, Bengulat monologava:

— Mas que historia complicada é essa? Tomam-me por um deputado. Está bem. Mas qual será elle? Sou deputado de que? Vejamos, eu não desejo tal coisa. Esse esquisito chefe de estação tem geito de não estar maluco... Emfim, eu não me vou eternizar aqui. Hoje, á tarde, tomarei o trem para outra cidade, onde fique em paz.

Desceu para a sala do jantar, onde fumegava o café, numa tigella, ao lado de um prato cheio de bolos.

— Que boa gente! — suspirou elle, commovido.

E, sobre a mesa, viu um jornal. Machinalmente, o desdobrou.

— Tem tres mezes, esse diario. Por que foi que m'o trouxeram?

Ia pol-o de lado, quando notou uma photographia, em bom logar, com estas palavras: "Discurso do sr. Torchut, na Camara".

O' prodigio! Esse Torchut, de quem elle ainda não ouvira falar, parecia-se com elle, como si fosse seu irmão.

— E' estranho! — disse elle. — O mesmo olhar, o mesmo bigode á mosqueteiro, a mesma cabelleira assanhada. Ahi está! Pensam que sou Torchut.

E depois, raciocinando:

— O melhor de tudo é fugir. Usurpação de identidade e de funcções, eis o que não me convém.

Escreveu num papel as suas despedidas aos seus hospedeiros e partiu. Não querendo ser visto pelo chefe da estação, dirigiu-se por uma rua deserta, atravessou a cidade, não sem ser saudado por uns e outros, e chegou á ponte de Santa Maria, a cavallo. Uma idéa divertida lhe assomou ao cerebro.

— Não tenho pressa. Vou fazer-me pilotar até á outra margem do rio, por um marinheiro, ao sabor da sua fantasia.

U m a embarcação es-

O chapéo do deputado

(*Conclusão*)

corregava na superficie da agua, tripulada por alguns homens, a vinte metros da margem, onde elle havia descido.

— Olá! Tragam um barco! Esse serve!

Os marinheiros se entreolharam. Elles haviam reconhecido o deputado.

— Muito bem, sr. Torchut!

Depois, prevendo o seu desejo:

— Si tem prazer em passear comnosco... iremos até Cahors.

Bengulat accedeu.

A embarcação, a largas remadas, se dirigiu para o sitio onde estava o falso deputado, e este saltou para o barco.

Cordial, o bom homem escutou uns e outros, tornando-se popular dentro de poucos momentos.

Foi delicioso o passeio.

Pouco antes de chegarem a Cahors, Bengulat se curvou para o rio e o seu chapéo cahiu n'agua. Como movidos por uma mola ignota, os seis homens se atiraram á agua para apanhar o chapéo, o entregaram ao seu dono.

Confuso, enrubescendo, Bengulat fez gesto de procurar a carteira.

— Não é preciso, senhor Torchut. Não se occupe comnosco.

Na impossibilidade de esclarecer o *quiproquó*, e dissipar o equivoco, Bengulat declarou:

— Pois bem, é isso, meus amigos, não esquecerei o vosso gesto. Quando me escreverdes, não esqueçaes de alludir á historia do chapéo de Torchut. Prometto que ficareis contentes commigo.

Bengulat desembarcou em Cahors e tomou o primeiro trem que passou para Paris, onde não mais pensou na sua aventura.

* * *

Ora, Torchut, o verdadeiro Torchut, conheceu um grande supplicio quotidiano. Todas as manhãs o correio da Camara lhe levava numerosa correspondencia. E curioso é que, cada carta, lhe falava no "chapéo" de Torchut"...

Em pouco a historia foi conhecida e se tornou para elle um pesadelo terrivel.

Torchut resolveu não responder áquellas cartas cacêtes.

Pessima decisão... Um politico que renega os seus amigos e eleitores está perdido. Quando chegou a época da campanha eleitoral, Torchut visitou a sua circumscripção. Acolheram-no friamente. Quiz tomar a palavra, mas foi inutil. Ninguem o quiz ouvir.

— O chapéo! O chapéo! — berravam todos, indignados.

O chefe da estação de Bezignac foi um dos seus mais ferozes adversarios.

O desgraçado Torchut nunca soube a significação daquella historia. O caso é que elle não foi reeleito.

Quanto a Bengulat, esse continuou a alinhar os seus algarismos e a contar dinheiro no *guichet* da companhia de seguros, sem se recordar do prejuizo que causara ao seu sósia o deputado Torchut...

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

Um Exito Editorial

— O publico londrino não está tão habituado á leitura de jornaes como geralmente se pensa — começou dizendo-me *mister* Jefferson. — Talvez por esse motivo, *A Voz Livre*, diario fundado por mim, e orgão defensor dos interesses dos consumidores de gomma de mascar, decahia visivelmente. Os assignantes começavam a escassear e não havia maneira de arrancar um annuncio aos annunciantes, nem mesmo ameaçando-os com a valsa *Ramona*, tocada em vitrola. Em vão recorremos a esses mil processos de que lançam mão os jornaes que agonizam: crear secções novas, fazer numeros especiaes, modificar o formato e diminuir o ordenado dos redactores.

Mister Henry Jefferson fez uma pausa ao chegar a esse ponto, e, depois de adoptar sua posição favorita — estirar os pés até pôl-os perto de mim — proseguiu:

— Foi nesse tempo que Cecil Humbert se apresentou em nossa redacção. Eu já o conhecia de vista, e quando elle me expoz o motivo de sua visita, não pude deixar de emocionar-me. Cecil Humbert, inteirado da angustiosa situação por que atravessava nosso orgão defensor dos interesses dos consudores de gomma de mascar, se offerecia para collaborar nelle. Abracei-o, commovido.

"Minha emoção, porém, subiu mais que o elevador de um arranha-céo, quando elle me disse o seguinte:

"Tenho um remedio infallivel para fazer subir o jornal. Aposto o que queira como, publicando aqui um artigo com minha assignatura não ficará um unico exemplar.

"— Não ficará um unico exemplar?...

"— Não ficará um, sim! Ha de ver! Comprometto-me a esgottar a edição. E a esgottal-a em menos de meia hora. Como digo!

"Durante algum tempo discutimos as condições. Nós, dada a tiragem relativamente pequena, do jornal, não podiamos offerecer-lhe tudo o que desejava. Mas elle, bem depressa, encontrou a solução.

"— Quando digo que me comprometto a esgottar a tiragem do jornal — disse-nos —, não me refiro á que fazem os senhores, mas á que queiram fazer. Tanto se me dá uma de vinte mil como uma de quatrocentos mil exemplares. Ahi têm, pois, a solução: quadrupliquem a tiragem do diario. Continúo dando-lhes minha palavra como o exito será immenso. Não ficará nem um numero, hão de ver!

"Afinal chegámos a um accordo e augmentámos consideravelmente a tiragem segundo as indicações de Humbert. Nossas machinas funccionaram de dia e de noite, vomitando exemplares e mais exemplares nos quaes apparecia, pela primeira vez em nossas columnas um artigo de Cecil Humbert — artigo que, dadas as precipitações da luta, eu não pidéra ler ainda.

"Tinha-mos em casa sessenta mil exemplares, fóra os que haviam sido entregues aos vendedores, quando me annunciaram a visita de dois cavalheiros. Dei ordem para que os fizessem passar a meu gabinete, e, uma vez em minha presença, me communicaram o objectivo de sua visita:

"— Vimos buscar o jornal.

"— Ah, muito bem! Quantos exemplares desejam os senhores? Um?... Dois?...

"— Levaremos os exemplares existentes na casa.

"— Mas, cavalheiros — disse-lhes — é preciso que saibam que ha sessenta mil exemplares!...

"— Não importa. Prevendo isso, trouxemos um carro.

"Dei um suspiro de satisfação e lamentei-me não ter feito uma tiragem ainda maior. Cecil Humbert não me havia enganado. Que exito editorial! Dois cavalheiros — dois apenas — compravam sessenta mil exemplares!

"Nesse momento, chamaram-me ao telephone. Era Cecil que me communicava que em toda a cidade não havia mais um exemplar do jornal. Felicitei-o effusivamente.

"Quando, ao terminar a conversação, fui falar com aquelles cavalheiros, verifiquei que estes já haviam desapparecido, não sem levar os exemplares da Voz em um carro.

Deixaram-me, porém, uma nota em que li:

"Prefeitura de policia do Districto do Tâmesis. Senhor Director da *Voz Livre*. Amigo e senhor meu: Em consequencia do artigo firmado por *mister* Cecil Humbert me vi obrigado a ordenar sejam recolhidos todos os exemplares de seu diario pelos agentes de minha autoridade. Deus guarde a V. S."

LUIZ MARTIN

FERNANDA (Capital) — Aqui vae a sua carta côr de cinamomo. E' essa a melhor maneira de responder á sua consulta. Por ella a interessada poderá esclarecer a questão.

"Não se assuste... não lhe escreve uma apaixonada nem uma paulificante consulente a insistir sobre estudos graphologicos. Escreve-lhe uma admiradora sincera da sua intelligencia culta, do seu nunca desmentido talento, que lhe solicita o obsequio de uma informação.

Ha alguns annos atraz fui uma das amigas de Juanita Borel Machado; acompanhei com carinho os seus primeiros ensaios litterarios, tenho mesmo muitas producções suas e fiquei até como principal interprete de uma peça theatral da sua lavra.

Depois nos separamos, perdendo, eu assim o seu endereço e desejando, possuir o seu primeiro livro, possuir e apreciar, lembrei-me de lhe pedir a sua direcção, visto como o retrato que *Fon-Fon* publicou, de Juanita, vem ao senhor dedicado.

Procurei infructiferamente, em todas as livrarias, "Terra Cabocla".

Não sendo uma poetisa nem uma litterata, sou uma admiradora fervorosa dos nossos poetas e prosadores... *de verdade.*

Tenho uma bibliothecasinha, ao lado do meu quarto, pequena, mas escolhida. De um lado, figuram os autores francezes e hespanhoes, e de outro *os nossos*, onde sobresahem, em relevo, as obras luminosas do *Yvres* tão adorado pelas mocinhas brasileiras.

Desculpe-me ter lhe tomado tanto tempo.

Gratissima

Fernanda."

Pode ser que a escriptora lhe mande o seu endereço por meu intermedio. Apenas, V. Ex. deve ficar de atalaya.

De quando em quando, poderá bater á minha porta:

— O' de casa!

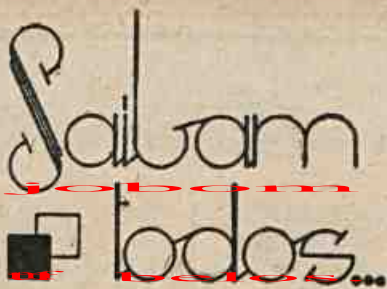
— O' de fóra!

— Faz favor de dizer si já recebeu o endereço de minha amiga...

E então, eu lhe direi o resultado — de accordo com as instrucções que a sra D. Juanita Machado me fornecer.

Si quer, pode telephonar para mim e obterá a resposta. Tome nota: C. 4136 — de 11 ás 12 e de 1 ás 5 horas da tarde.

JESUS VIEGAS (Pará) — O seu conto "Repudiada" vae ser publicado.

A. FATHOM (Capital) — A sua *Carta Aberta* é literatura de principiante. Falta-lhe aquella segurança de technica, indispensavel em quem escreve em revista. No

emtanto, posso assegurar que o senhor está bem encaminhado. Vá escrevendo, lendo e comparando. E, daqui a um anno, o senhor me dirá si o que deseja agora vêr publicado não é uma vaidade pueril...

LUIS PERY (Pernambuco) — Tenha paciencia, caro conterraneo. E' claro que me interesso em ser util aos poetas que me procuram. Mas é necessario que elles me auxiliem, enviando-me trabalhos, cuja publicação eu possa pleitear aqui no Fon-Fon.

O senhor não me auxiliou nessa tarefa. Os seus versos se resentem de muitas imperfeições. Fica para outra vez. E dê lembranças a essa gente bôa do Espinheiro — que é o arrabalde onde nasci...

MAGDALA DO ORIENTE (?) — Agradeço e retribúo as suas gentilezas. Continúo um pouco doente. E' pena que não possa ir a São Paulo no começo do anno. Emfim, tudo depende de causas aleatorias...

EDELWEISS (?) — Pergunta-me V. Ex. o nome do volume de Maeterlinck que desejo possuir. Possuir, não, porque já possúo alguns. Portanto, si se tratasse de *possuir* desejaria todos. Agora, si me pede o nome do volume que *deseje adquirir*, e passei adeante para resistir a tentação e não arrebentar as frageis finanças — direi que foi "L'Oiseau bleu", que conheço através de emprestimo. Mas, francamente, quem vê na vitrine de uma livraria: "La Sagesse et la Destinée", "L'Intelligence des fleurs" e "L'Oiseau bleu", poderá fazer escolha, sem remorso?

Não se ria de tal insinuação. Comprar livros é um prazer, é uma volupia que só os espiritos superiores poderão comprehender. Mas entre esse prazer e a sua realisação ha um elemento material, conhecido pelo nome de dinheiro, e que, na minha mão, se evaporaria n'um minuto, si me dispuzesse a adquirir todos os livros que me fascinam com os seus autores illustres...

Diga-me cá: V. Ex. é paulista? Creio que a sua pergunta é bem a de uma filha de São Paulo...

SANTINO GROU MALL ou SANTINO GOMES MELLO? (S. Paulo) — A sua assignatura é indecifravel. E' um aranhol.

E um aranhol para um homem dado ao estudo recreativo da graphologia, porque estudo de almas complicadas.

Mas vamos ao azedume de sua carta.

Francamente, não me recordo da resposta que lhe dei, e que, certamente, provocou a sua replica nesse tom displicente de semi-deus ferido no seu amor proprio... literario...

Va lá que o sr. tenha razão. Suspeitar da honestidade literaria de um poeta é o mesmo que suspeitar de uma virtuosa senhora, inflexivel como o ferro batido — que não enverga. Aliás, não ha senhoras nem literatos que não sejam honestos — no respectivo dominio das suas responsabilidades.

Só ha plagiarios quando estes são apanhados em flagrantes — como as adulteras. Mesmo porque essas fraquezas não são coisas que se confessem publicamente... E para ellas ha sempre uma bôa defesa...

Mas, quero crêr que o sr. não seja de facto o plagiario que suppuz. E aqui, por um dever de probidade literaria, declaro ao sr. que não tenho elementos para provar que seja capaz de se apoderar de um soneto alheio. Vou além: o sr. podia explorar uma idéa alheia com palavras semelhantes, sem o dolo de plagiar quem quer que seja. (Freud — "Psychanalyse de la vie quotidienne)..

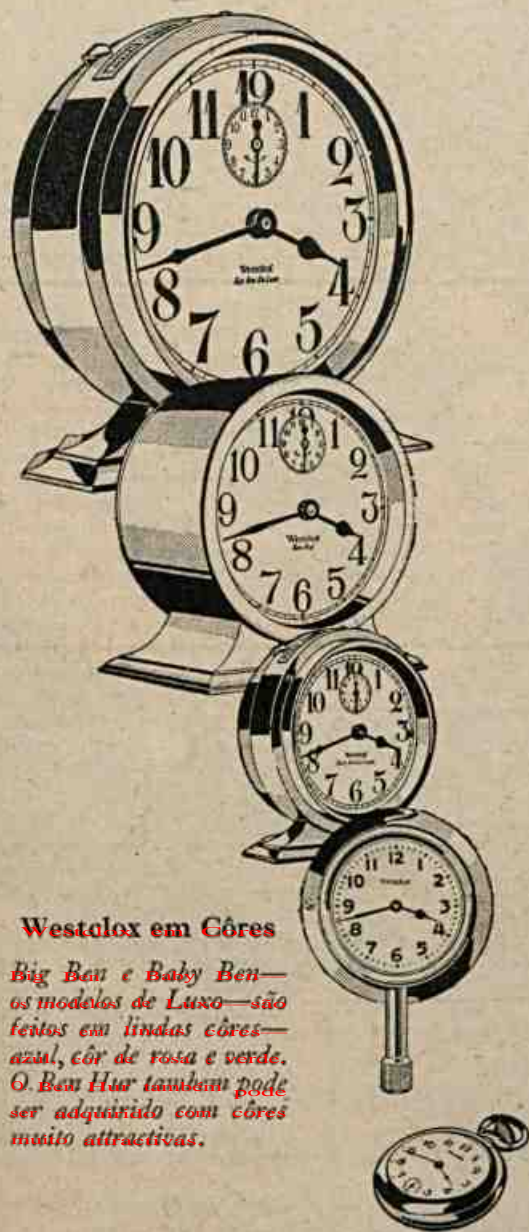
Mas, caro poeta, o sr. não me pode negar o direito de levantar suspeitas sobre o autor de um trabalho literario cuja assignatura autographa é tão desconhecida quanto indecifravel. O sr. podia ter querido pregar-me uma bôa peça — como me tem acontecido varias vezes.

Quanto aos sonetos que me remette, como amostras dos productos da sua mercearia literaria devo dizer que não estão bem acabados, posto que nelles o sr. revele possuir algum estro. Isto é inegavel, não ha duvida.

Não sou rigorista, nem desmereço um bom trabalho literario pelo facto de se resentir de pequenos senões. Mas já que o sr. faz alarde de que já viu o seu nome em letras de fôrma, (julguei que fosse em letras de ouro...) não sinto embaraço em accentuar que ha n'A *Cruz do monte* dois versos quebrados: I — *Poente de ouro e prata Almo capuz;* II — *Os braços hirtos, sobre o alto monte.*

O soneto *Conversão*, sim: está perfeito — apezar de se lhe poder apontar um verso forçado, como este: *Florindo em esperanças o meu peito.*

Westclox

Qualidade Assegurada

Westclox em Côres

Big Ben e Baby Ben—os modelos de Luxo—são feitos em lindas côres—azul, côr de rosa e verde. O Ben Hur tambem pode ser adquirido com côres muito attractivas.

Quando V. Sa. compra um relogio ou um despertador que leva no mostrador o nome "Westclox," pode estar seguro que está obtendo um medidor de tempo exacto que lhe fornecerá um longo serviço.

A alta qualidade dos materiaes e fina mão de obra que entram na construcção dos Westclox, são os factores responsaveis pela fama mundial que gosam.

Qualquer dos muitos modelos Westclox, nickelados ou em lindas côres, com mostrador luminosos ou mostrador commum, fornecerá ao possuidor um longo e esmerado serviço.

WESTERN CLOCK COMPANY
La Salle, Illinois
E. U. A.

Esse encontro de — em e esperança — isto é, em-es, é horrivel e arrepiante como o ruido de um triturador de pedra.

ZEZÉ AQUINO, (Minas) — Graças! Graças á Nossa Senhora dos jornalistas, não vi findar esta semana sem receber uma cartinha feminina, onde não ha perfume chimico, manipulado nos laboratorios de Paris, mas onde se presente a suavidade de um perfume espiritual — o mais doce de todos perfumes.

Deante das pilhas de cartas, a gente se desencoraja para abril-as. Por que? Porque temos a certeza da semsaboria com que são traçadas, da banalidade com que os poetas neophitos formulam, em cassange, os pedidos de publicação de versos detestaveis; da chateza de espirito de certas missivistas — que primam em fazer palhaçadas, na supposição de que estão revelando requintes de espiritualidade...

Mas Deus é justo. Elle sabe applicar a lei das compensações; para tanto plebeismo, para tão fatigante *basbleuismo*, ha de haver sempre um pouco de poesia e belleza. E essa poesia e essa belleza eu as encontro agora na missiva — tão vibrante de emoção, tão vivace pelo seu estylo, tão rica de coloridos e matizes verbaes.

Aqui vae a sua carta. Sei que os mediocres — esses que dormem no fundo da cesta — dirão que publico a sua carta porque ella me elogia. Pobres de espirito, não querem vêr que muitas vezes *je m'en fiche* desses elogios e rio de quem m'os faz, insinceramente.

De qualquer modo — digo como a poetisa de *La Prière a l'Amour:*

Mains jointes, devant toi, je m'agenouille...

Eis as suas palavras bonitas e amaveis:

"Caro Yves — Sou da terra das montanhas, das flores... e do repouso. Da terra que não te encanta e pertenço ao numero das mulheres que não te fascinam. Já sabes pois, que não sou paulista, nem pernambucana, nem carioca.

Contudo sou do numero das mulheres que te estimam pelos teus versos visto não ter o prazer de te conhecer pessoalmente, pois de outro modo naturalmente te estimaria pelo teu sorriso, pela tua voz e..., francamente, prefiro amar-te espiritualmente. Vocês, homens, são tão falsos e correspondem tão mal á confiança das mulheres!

Sou mineira, Yves, mineira de coração, apesar de adorar o Rio, essa cidade mulher, perfida e maravilhosa. Bem vês que faço justiça ao meu sexo e não falo só dos homens.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Mas não era de tudo isto que eu te queria falar e sim do teu "Suave Enlevo", — tão meigo e suave que me deixou enlevada. Quando findei a sua leitura puz-me a sonhar, como si outra coisa houvera feito durante a sua leitura.

Os versos maravilhosos continuavam a perpassar ante os meus olhos e a harmonia do seu rythmo cantava sempre aos seus ouvidos.

Yves, será que pediste a alguma fada uma varinha de condão para de coisas tão banaes como amor e beijos, fazer versos tão deliciosos? Qual foi o magico que presidiu ao teu nascimento dando-te o dom maravilhoso de falar ao coração e á alma?

Os teus versos são meigos, Yves, meigos e lindos e lendo-os, tem-se a impressão de andar por paizes maravilhosos onde

"Não se pensa no destino!
E todos sabem o futuro o que será.
Lá não se aprende, pois, desde menino,
que a sorte é falsa, o amor illude e a
Vida é Má."

E a minha imaginação vagabunda se delicia em phantasiar os teus versos, formando, formando jardins maravilhosos, por onde passeia os teus enamorados, confiantes ou desilludidos, de accordo com o que dizes.

E's maravilhoso, querido Yves, e adoro os teus versos. Não sei si a minha admiração pesa alguma coisa, mas é sincera e enthusiasta. Sou moça e a minha alma é moça tambem e talvez seja a propria mocidade que se deixe prender aos teus versos puros e jovens.

Yves, meu caro, não te zangues com a minha tagarellice, mas tinha necessidade de te dizer que os teus versos são amaveis, bellos, sãos e encantadores como o retrato que vem no fim do livro.

Fica descansado, isto não é uma declaração e sim uma homenagem ao teu talento e ao teu livro delicioso.

Creio que falei demais para uma primeira vez, mas perdoa-me, Yves, pois a culpada foi a magia que se apoderou de mim.

Digo-te ainda, Yves, que:

Enchi minhas mãos nervosas, de rosas (e beijos vãos;
Foram-se os beijos... As rosas, desfolho-as nas tuas mãos".

Sinceramente tua,

Zézé Aquino.

B. H. 14-9-29.

MAIA, (S. Paulo) — A sua carta é muito literaria, está muito bem concebida e traçada. V. Ex. é uma linda Paulista e, consequentemente, é natural que saiba escrever bem.

Ao lel-a, fiquei encantado, tanto embriagado com o juizo que expende a meu respeito. Quanto ás respostas que lhe devo, eu as consigno aqui em tres itens:

I — V. Ex. poderá escrever para esta pagina as vezes que lhe aprover. Será sempre recebida com a attenção que as filhas de S. Paulo me merecem.

II — Infelizmente estou com o trapiche do coração abarrotado de irmãsinhas e a situação é tão premente que me vejo forçado a exportal-as para a China, onde os filhos do paiz do Sol nascente estão em crise de "irmãsinhas" e amiguinhas espirituaes". As "minhas" — coitadas! — estão no meu coração como arenques em lata de conserva.

Em todo caso, vou ver si arranjo um logarzinho para V. Ex. nem que seja sobre a cabeça de alguma "irmãzinha" que já esteja ahi pelos seus trinta e nove, e, portanto, fóra dos prelios de Cupido...

III — Graphologia... Ah, não é possivel. Tanto mais quanto o nome que me deu não é verdadeiro.

THOMAZ GONZAGA, (Capital) — Dirija-se á Livraria Alves, rua do Ouvidor, 166, e lá encontrará os livros de literatura e sciencia que deseja.

J. VENTURA MARTIS, (?) — O novo titulo *Sublime tormento* é mais sonoro. Mas o sr. é bastante poeta e tem talento para conseguir um outro menos corriqueiro. Porque não lê os poetas francezes, nas anthologias? Ha ahi um mundo de suggestões para bellos titulos.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitam, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 16-11-1929

Nome do consultante ....

....

Data da consulta...........

completa a hygiene da bocca, pois, além de evitar a carie dos dentes, desinfecta e refresca a bocca, endurece as gengivas, combate o máo halito e evita as pedras.

a dona da pensão

ELLA se chamava Laura. Mas a vizinhança a tratava com outro nome. Baptizara-a por *dona da pensão*. Morava só. Completamente só. Dividira seu apartamento de fôrma que, emquanto uma parte era occupada por seu dormitorio, destinava a outro a sala de jantar, onde fornecia refeições a dois homens e uma mulher, equilibrando com isso, honestamente, sua vida.

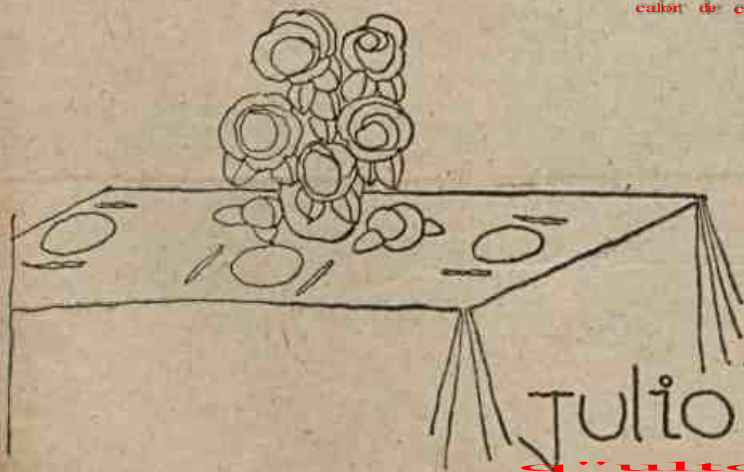
Dessas modestas mensalidades vivia Laura, respeitada por todos, embora, na sua ausência, ás vezes, alguem troçasse della pela excessiva bondade e solicitude quasi maternal com que se occupava de tudo o que dissesse respeito a seus pensionistas. Ella os chamava assim: seus pensionistas, como si fossem seus parentes, sua familia, todo o mundo sentimental e affectivo que começava e terminava em torno daquella mesa humilde, limpa e familiar. Assim, por isso, na vizinhança, Laura era conhecida pela *dona da pensão*. E havia um pouco de ironia velada no profundo respeito e na admiração que despertava aquella mulher dedicada frequentemente ao cuidado de seres estranhos. Não comprehendia aquella gente, em seu egoismo, que o carinho pudesse ser offerecido assim, a mãos cheias, como Jesus, o Mestre luminoso, o havia ensinado.

* * *

LAURA não era joven. Chegára a essa edade em que a mulher, vendo-se tratada por senhorita, sente a possivel ironia a que a condemnou a vida. Entretanto, era senhorita. Era-o e o seria até que a morte chegasse junto della. De seu passado se ignorava tudo absolutamente. Salvo episódios soltos, versões, sem duvida, de confidencias obtidas em longas e pacientes investigações das desoccupadas, que enchiam aquella casa de apartamentos. Falava-se de um longo noivado, de muitos annos de illusões, que, depois, o tempo, o juiz supremo, transformou em amargas e crúas realidades. Dizia-se também que naquelle fracasso sentimental e definitivo para seu futuro intervira uma amiga intima, isto é, uma beldade que occultava um pouco de veneno... E assim, diziam, a senhorita Laura, depois de longos annos de espera, e quando o tempo levára um pouco daquella juventude, se viu, de repente, frente a frente com a desillusão, com a realidade da vida e com uma sombra immensa no caminho do futuro... Depois, numa longa viagem, collocou enorme distancia entre ella e suas recordações, e aquella ferida deve ter cicatrizado... Quem sabe!... — O certo era que, na realidade, a *dona da pensão* vivia só, com o pensamento voltado, da manhã á noite, para seus pensionistas. Gostava delles, sim, por que occultal-o? Elles eram algo parecido com sua familia... Não tinha outros seres em torno de si com que enganar os dias frios daquella sua velhice. Velhice de mulher que só vive de recordações... Por isso tratava delles, por isso os amava. Porque, tendo-os recolhido no caminho da vida, hoje, ao sental-os á sua mesa, elles lhe davam a illusão de familia, de algo proprio, de algo que ella não tinha...

* * *

OS pensionistas eram tres: Carmen, dezesete annos, empregada numa casa commercial. Uma primavera em flor, de lábios vermelhos e dentadura branca, que alegrava a quantos mostrava ruidosamente o triumpho claro de seu riso. Ricardo, moço de vinte e cinco annos, estudante, ligeiramente bohemio, despreoccupado, e para quem, depois dos livros, a vida era uma serie interminável de sensações novas. Finalmente, Martinho, trinta e oito annos, sceptico, observador infatigavel de todos os arestos que occulta a vida, no mysterio profundo de seu interior. Ali estavam, pois, a illusão e o cansaço, ligados por meio da conversação junto áquella mesa da senhorita Laura, que escutava a todos com benevolencia, com satisfação, com desejo de lhes agradecer o bem que lhe faziam. Todos falavam quasi a um tempo. Carmen, que despontava na vida acreditando na sinceridade de tudo e de todos. Sua alma de menina ingênua, isenta de qualquer pensamento perturbador pela própria nobreza de seus sentimentos, ria, ria sempre. Como cascavéis agitados estrepitosamente, seu riso chocava contra as palavras graves e medidas de Martinho e juntamente com a palestra frivola do rapaz, do estudante, a quem a pratica da leitura havia dado desembaraço á palavra. Eram esses os pensionistas da *dona da pensão*: uma menina, um estudante, um sceptico. E por sobre elles a senhorita Isaura, querendo-os em silencio — a todos egualmente, porque elles, com seus risos, com suas conversações, com seus ruídos, com sua algazarra simples e humana, constituíam sua vida e punham nella calor de coração.

(Illustrações de Marcio Roberto)

E chegou dezembro, o mez das alegrias familiares.

Desde cedo, Laura pensou em seus pensionistas e resolveu preparar-lhes uma surpresa para o Natal e Anno Bom. Pouco a pouco, com suas economias, consequencia pratica de tantos regateios no mercado, deante da luta diaria de adquirir provisões, foi comprando quanta guloseima achou agradavel para obsequial-os. Todos os pacotes, todas as garrafas, tudo foi occulto zelosamente por ella. Era uma criancice de sua velhice aquillo, mas, não obstante, esperava a chegada dessas datas com illusão infantil...

E assim, lentamente, como todas as coisas na vida, chegaram Natal e Anno Bom. Mas. .

*

* * *

— A senhora vae me desculpar, dona Laura — exclamou o estudante.

E, depois de uma breve pausa, continuou:

— Não havia pensado nisso... Os velhos me chamam... Querem que eu passe com elles o Natal e o Anno Bom... Por isso... eu...

Era a primeira vez que o rapaz falava com esse tom tão grave. Ella, a pobre Laura, então, com uma sombra de desillusão no rosto, lhe aconselhou:

— Faz muito bem... Primeiro os seus... Aqui ficamos eu, Carmen e Martinho...

E, de repente, se calou. A duvida amarga de que ninguem a acompanharia naquella noite, na mesa, se tornou cruel, lhe mordeu na alma e lhe queimou os olhos.

E assim foi. Carmen, a joven de riso rumoroso, que mostrava no esmalte de seus dentes a gloria de sua juventude, tambem não poude ficar ali, nas festas do fim do anno. Reclamavam-na os seus, como a todos, e ella devia ir. As mesmas palavras do estudante. E como nem um nem outro, em virtude da edade, não olhassem para trás, partiram por caminhos differentes, rumo do lar paterno. Laura comprehendia-o. Perdoava-o. Para elles, sua casa não era mais do que a casa de pensão, que ficava perto do trabalho, que significava commodidades de distancia e de tempo, que economizava fadigas. Nada mais. Apenas um logar para se deter um instante, o necessario para descansar uns breves momentos, repôr as forças, e depois partir, assim, como se iam todos naquella noite de festa, naquelle dia classico das festas da humanidade. Ella era a enganada, sim, porque os quizera como familia, como cousa propria, e não como estranhos... E os estranhos eram esses que a deixavam ali, com a mesa servida, e que depois tornariam a se encontrar, como sempre, e de quem não podia reclamar carinho, porque mensalmente lhe davam seu dinheiro... Iam-se... Mas... ainda ficava Martinho, o sceptico, o cansado, o homem que rodára por tantos caminhos da vida. E Martinho chegou para despedir-se tambem.

— Estas festas são vulgares, monotonas — disse. — Come-se, bebe-se, fazem-se promessas, tecem-se ainda mais illusões, e depois se começa de novo...

— Então, se vae?

— Sim...

— Para onde?... O senhor não tem familia...

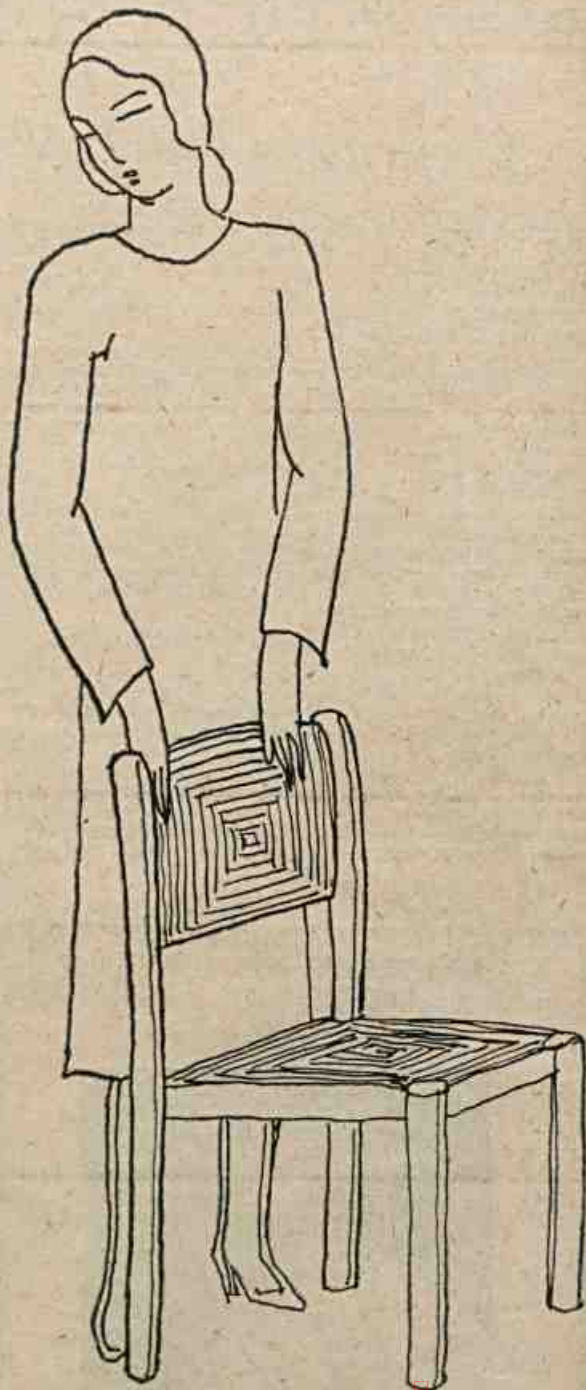
— Ora! Vou para onde vamos todos os que não temos familia: para a rua, para o café, occultar a dôr de tel-a perdido ou de não tel-a sabido formar.

Houve um momento de silencio. Depois, perguntou elle:

....

— E os moços?

— Foram-se... para suas casas...

— Ora!...

Umas palavras mais e uns passos que se afastam... que se perdem... que já não se ouvem... E depois nada, absolutamente nada... Laura ficou ali, na sala de jantar, olhando o movimento oscilante do pendulo do relogio de parede. Aquelle seria seu companheiro fiel na noite de Natal e no dia de Anno Bom! o amigo que, com a mesma indifferença, marcava para ella as horas alegres e as horas tristes.

Por isso ficou ali longo tempo, cravada na cadeira, com os olhos brilhantes como si chorassem sem lagrimas, emquanto que, de quando em quando, os logares desoccupados das cadeiras, junto á mesa, a despertavam brutalmente...

E como uma criança abandonada, orphã de ternura, teve medo da soledade que vagava, como um fantasma, por seu apartamento...

CULTURA PHYSICA

De EDUARDO OSMONT

A primeira vez que José, meu criado, me viu tomar os apparelhos de gymnastica, não poude occultar um sorriso. No dia seguinte, se poz a rir com toda a franqueza, e no outro prorompeu em sonoras gargalhadas.

Perguntei-lhe, então, a causa de tão singular hilaridade. E elle respondeu:

— O senhor me perdoará, mas é que toda essa gymnastica que faz é um pouco infantil. Eu trabalhei dois annos em casa de um professor de cultura physica racional, e, si o senhor quer, lhe ensinarei vários movimentos que são de uma efficacia muito maior. Este, por exemplo...

E, aproximando uma das mãos da outra, fez gesto de entregar-se a uma energica fricção.

— E' claro — accrescentou — que, si o senhor conserva desoccupadas as mãos, este exercicio lhe parecerá enfadonho. Mas si o senhor mettesse sua mão nesta bota e, tomando com a outra uma escova, se puzesse a engraxal-a, o exercicio resultaria muito mais divertido. Si o senhor quer experimentar...

Fil-o por curiosidade, emquanto José me olhava com certo ar de protecção maternal.

— Este movimento — disse-me elle — parece que não é nada, mas resulta excellente para os musculos dos braços, aos quaes revigora ènormemente. O senhor póde apreciar a dupla vantagem deste methodo: supprime, em primeiro logar, as despezas de todo apparelho de gymnastica e, depois, constitue um sport muito mais attrahente do que o que o senhor costuma fazer. Porque, engraxando uns sapatos, a gente não demora em sentir-se interessado pelo resultado da manobra. Quando uma parte do couro começa a brilhar, não se póde resistir ao desejo de ver brilhar o resto. A transformação do calçado, que se vae operando ante nossos olhos, constitue um revigorador moral de primeira ordem. Trabalha-se em consciência, e isso constitue um magnifico entretenimento. Ahi está! Vê o senhor? Deixou a bota admiravel de brilho. Seu trabalho é estupendo! Um engraxate não o faria melhor. Vamos com a outra.

Quando terminei de engraxar o par, José proseguiu:

— Passemos, agora, a outro genero de exercicio. Trata-se de fazermos funccionar os musculos das pernas. Para isso basta pôr o pé sobre esta escova de encerar e esfregar fortemente o soalho. Mais. Assim. Continue o senhor desse modo até que o soalho esteja como um espelho. Muito bem! Não acha esse exercicio mais agradavel que o dos apparelhos de gymnastica?

Com effeito, é muito mais attrahente e divertido, e em vista disso, resolvi acceitar definitivamente este methodo. Todas as manhãs limpo, não só meus sapatos, mas os de José, porque este acha que a limpeza de um só par não é sufficiente para robustecer os musculos dos braços. Limpo, também, o soalho. Faço a cama, pois José diz que isso robustece enormemente os musculos do dorso. Egualmente limpo os metaes. Confesso que tudo isso me fatiga um pouco. Mas meu professor assegura que é excellente para a saúde.

José assiste, sem falta, a todas essas lições. Sentado em uma cadeira, com um charuto á bocca, preside a todos os meus exercicios e me ordena como devo fazel-os.

Mas, depois de algum tempo, engraxando meus sapatos, escovando minha roupa, limpando minha casa, etc., cheguei á conclusão de que os serviços de José já não me eram necessários.

Despedi-o, pois. E José anda agora, por ahi, desacreditando-me e dizendo que sou um ingrato...

O Inutil Sacrificio

De **JOSÉ M. BRAÑA**

ELEGANTE salinha em casa da senhora Rosalinda, viuva Melgares, em uma cidade européa. Essa senhora Rosalinda passeia, impaciente, de um lado para outro, dando mostras de esperar alguem. Embora não faça muita honra a seu nome, a viuva Melgares não é nenhuma assassinadora. E' séria, leal e, si se quizer, um pouco brusca. Quasi rebentando de impaciencia, ouve soar a campainha no fundo da casa. Isso a faz reagir.

— Até que afinal! — exclama.

Suas feições perdem rapidamente sua aridez, e em seus olhos brilha como que um raio de esperança. Dentro em pouco se ouvem os passos seccos de Manoela, a criada, pelo corredor, e, em seguida, umas pancadinhas suaves na porta, e com ellas a voz tremula de velhice da empregada:

— Póde-se entrar, patrôa?

— Sim.

Manoela introduz a cabeça, e annuncia:

— O senhor Ramires acaba de chegar.

— Mande-o entrar immediatamente.

— Muito bem, patrôa.

Manoela desapparece detrás da porta, que se fecha, e Rosalinda se revolve com ansiedade. Já chegou o homem que esperava com tanta impaciencia: o homem que puzera os nervos tensos como as cordas de um violão.

— Agora vou saber o que quero — diz comsigo, escutando cada vez mais proximos os passos de Manoela, arrastados e pesados, e os do senhor Ramires, meudos e rapidos. — Aqui está elle.

Abre-se a porta, e apparece nella a figura magna e sympathica do esperado. Esse senhor Ramires, embora sympathico, tem uma profissão que não o é: é tabellião. Sauda-o com uma genuflexão de lacaio, dizendo, reverente:

— A's suas ordens, minha estimada senhora Melgares!

— Entre, senhor Ramires. Queira sentar-se.

— Com muito prazer, senhora.

Adeanta-se o senhor Ramires até á sala que lhe indica sua interlocutora, que, por sua vez, se deixa cahir em uma ampla poltrona.

— Antes de tudo, senhor Ramires, devo pedir-lhe mil desculpas por tel-o incommodado.

— Não tem de que se desculpar, senhora, pois estou inteiramente ás suas ordens. A' contrario: eu é quem devia fazel-o, por ter-me demorado muito. Emfim, senhora: dirá em que posso servil-a.

— Ora, em algo que, como poderá presumir, se relaciona com o testamento de meu defunto marido.

— Muito bem. Vejo que não esqueceu que está chegando a hora de sua execução. A 23 do corrente, de accordo com a ultima vontade do finado senhor Melgares, sua fortuna, invejável por certo, deve passar ás suas mãos, si fôr cumprida a clausula que para isso elle estabelece, ou, contrariamente, á caixa de certas instituições beneficentes já designadas.

— Assim é. Meu defunto esposo, com um espirito mesquinho, que muito o honra, mesmo depois de sua morte quiz troçar de mim, privando-me de herdal-o como legitimamente me corresponde, ou fazendo-me herdal-o á custa do mais indigno dos procedimentos. Isto é, unindo minha existencia á de um homem á margem da sociedade, cheio de defeitos physicos e moraes, e, como si isto fosse pouco, antipathico e repulsivo.

— Sim, senhora. Essa foi a ultima vontade de seu senhor esposo.

— Vontade iniqua, não o negará o senhor.

— Não o nego, senhora. Mas que tem que ser cumprida de uma ou de outra maneira, mas ser cumprida irremessivelmente.

— Sim, sim. Já o sei. Que tem de ser cumprida de uma ou outra maneira, irremissivelmente. Salvo si...

— Salvo que?...

— Salvo si se violasse essa vontade iniqua.

— Senhora! Isso não póde ser.

— De maneira alguma?

— De maneira alguma.

— Pois eu suppunha que o senhor poderia fazel-o. Por isso é que o mandei chamar.

— Eu não posso fazer nada, senhora, a não ser fazer com que seja cumprido ao pé da letra o que constitue a ultima vontade de um homem que deixou de existir.

— E o senhor, é claro, o cumprirá, mesmo sabendo que se transforma no cúmplice de um máu homem.

— Senhora! ...

— Perdão, senhor Ramires, mas não quiz offendel-o. O senhor póde muito bem imaginar meu estado d'alma. Depois de ter soffrido por espaço de tres annos, supportando meu marido, velho gotoso, impertinente e repulsivo, que ainda não me pagaria todo o bem que lhe fiz tratando-o, si me legasse livremente todos os seus bens; depois de tel-o supportado por espaço de tres annos repito olhe como me paga. Condemnando-me á tortura de unir minha vida á de um homem desprezivel, si eu quizer herdal-o.

— Foi essa sua ultima vontade, senhora. Não sou culpado por tal disparate.

— Já sei que o senhor não é culpado por isso. Mas eu queria, agora, que está a se vencer o praso estipulado para a execução do testamento, que o senhor me dissesse francamente si haveria um meio decoroso e racional de resolver este terrivel problema.

— Ha um só... e esse a senhora já o sabe. E' casar com um homem depravado e repulsivo.

— E sem contrahir esse matrimonio ignominioso?

— Nesse caso o problema se resolveria pelo outro

O INUTIL SACRIFICIO

(Conclusão)

maio. A fortuna de seu defunto esposo passaria, integral, a essas sociedades beneficentes mencionadas no testamento.

— E essas sociedades...

— Ah! A essas instituições não se póde enganar. Seus directores, como a senhora, esperam, ansiosos, que expire o prazo, para cahir em cima da herança. E cahirão sobre ella como lobos, pois estão bem vigilantes...

— De modo, pois, que a elles não se poderia enganar.

— De maneira alguma. No caso de a senhora contrahir enlace, ao chegar a hora tão esperada, verificariam elles, com todo o rigor imaginavel, si seu novo esposo reunia as condições requeridas. Si não as reunisse satisfatoriamente, é inutil dizer-lhe, senhora, que se agarrariam ao mais fraco motivo para despojal-a de seus direitos.

— E' indigno isso!

— E' indigno sim, senhora, mas tem que ser cumprido. A senhora verá o que mais lhe convem: si contrahir esse enlace repugnante ou si perder os bens deixados pelo senhor Melgares. Faltam onze dias. Onze dias, que passam num vôo. Si, no fim delles, não tiver resolvido sua situação satisfatoriamente, eu, com o maior pezar, juro-lh'o, não poderei agir sinão desta maneira: pôr essas entidades na posse da herança.

— Que infamia a de meu marido!

— E' e não é uma infamia, senhora.

— Que diz o senhor?

— Ouça-me attentamente, sem violentar-se, que vou falar-lhe paternalmente, como si, em vez de ser a senhora uma de minhas clientes, fosse minha filha. A senhora, em má hora por certo, se casou com um homem velho, enfermo, egoista...

— Foi contra minha vontade, senhor Ramires. Foi para obedecer a minha mãe, que muita dôr causou a meu coração, fazendo-o trahir o homem pobre e honrado por quem palpitava... Esse homem digno que, como eu, se submetteu, afinal, ao sacrificio de esperar a felicidade.

— Bem. Sua mãe, portanto, é a unica culpada nesse caso. Ella a fez sacrificar um amor puro e nobre para corresponder a um velho millionario, incapaz de satisfazer as suas ansias de homem por caduco e inutil. Como não pensou sua mãe que esse homem, ciumento e desconfiado por natureza, veria na senhora apenas a mulher ambiciosa, criminosa, que acceleraria a hora de sua morte pelo desejo de herdal-o quanto antes? Si ella houvesse pensado nisso, de certo que lhe teria evitado tão terrivel dôr. Mãe alguma, porém, pensa nisso. Do contrario, nenhuma consentiria que uma filha de suas entranhas se unisse a um homem caduco, despresivel, repugnante.

— Então...

— Que quer que lhe diga eu, senhora? Não está em mim aconselhal-a. Si assim não fosse...

O tabellião levanta-se e estende a mão á viuva. A senhora Rosalinda, com os olhos brilhantes pelas primeiras lagrimas que repontam nelles, levanta-se tambem e estende a mão ao senhor Ramires. Mão ardente e tremula. Silenciosamente, o senhor Ramires aperta-a. Sem soltal-a ajunta:

— Tudo isso não são mais que cousas do Destino, que é sempre ironico. O Destino é que póde inspiral-a, aconselhal-a. Si eu o fizesse, poderia carregar minha consciencia com os remorsos. E eu não quero mais inquietudes, que muitas já tenho em defender minha vida e a vida de meus filhos. Restam-lhe onze dias para resolvel-o. Onze dias, senhora! Não o esqueça!

— Não o esquecerei não.

— Então, bôa tarde.

— Adeus senhor Ramires.

Sáe o tabellião, fazendo soar levemente seus sapatos sobre as madeiras do soalho. E ella, a atribulada senhora Melgares, se deixa cahir em uma poltrona, estalando em soluços:

— Que inutil, Senhor! Que inutil foi nosso sacrificio!

Um expediente indecifravel

(Por FERNANDO SERNADA)

NOS vinte e cinco annos que levava Isidoro Lapiolit no Ministerio, não fizéra outra cousa sinão esperar pacientemente a hora da sahida. Essa continuidade no esforço lhe valêra a estima geral e chegar a chefe.

Ao occupar sua *poltrona*, Isidoro se prometteu *in petto* não fazer sinão o que havia feito nas categorias inferiores, e firmava todos os expedientes que lhe apresentavam sem lel-o siquer.

No emtanto, um dia de chuva, em que o tedio parecia invadir-lhe a alma, Lapiolit teve a idéa de abrir uma bibliotheca que até então não se lembrara de explorar. Tirou alguns expedientes cheios de pó, sobre os quaes deitou um olhar desdenhoso, e, como aquelle exercicio lhe deu calor, voltou a sentar-se em sua cadeira, para descansar. De repente, uma caixa verde lhe chamou a attenção. Abriu-a e se viu deante de um expediente indecifravel.

Um pouc ointrigado, examinou-o detidamente e, tendo obtido um resultado negativo, chamou em seu auxilio o respectivo secretario.

— Diga-me uma cousa, Jamonillo: você conhece algo do famoso expediente dos hydro-aviões submarinos?

O secretario olhou seu chefe pensando que elle havia enlouquecido de repente. Era a primeira vez que o via interessar-se por alguma cousa.

— Não — balbuciou. — Não conheço nada.

— Bem: aqui encontrei esta caixa com estes papeis. Embora pareçam um logogrypho, talvez correspondam a esse assumpto. Vamos examinal-os juntos?

— A's suas ordens, chefe.

E, depois de olhar a caixa, ajuntou:

— Aqui estão as iniciaes: *M. U...* Que significarão? Ministerio de U...?

— Não — respondeu Lapiolit. — Isso quer dizer ser *Muito Urgente*. Todas as caixas trazem as mesmas iniciaes, notadamente as de algum assumpto recommendado. Assim, si pedem o expediente, os interessados verificam que o assumpto está em vias de ser resolvido.

— Que idéa genial! Mas não percamos o tempo. Vamos ver o que é isso.

Lapiolit tomou um expediente e começou a folheal-o.

— Repare as indicações — exclamou. — Aqui diz: *Hydro-aviões necessarios: oito.* Mais abaixo: *No Ministerio: falar chefe, propôr compra, recusa de condições.* Aqui vem um *Plano de ataques no Mar Negro.* Indubitavelmente, se encara a probabilidade de uma nova guerra, na qual deveriam ser utilizados os hydro-aviões submarinos. Que interessante, hein?

— Interessantissimo — respondeu Jamonillo.

— Nesta folha ha um croquis que não entendo... Repare... Diz: *Disposição da machina: projectar para a esquerda. Primeiro termo, hydro-avião. Piloto... energia... soco de... vampiro... vampiro... vampiro. E' o nome de alguma peça dos hydro-aviões?*

— Não sei — respondeu completamente idiotizado, o secretario.

— Ah!... Comprehendo: é o nome do apparelho... Oh! Aqui sim que ha algo realmente mysterioso... Palavras em inglez... *Rex Igram... Pearl White...* Não sabe que será *pearguite*?... Talvez a marca do motor... Eu ouvi isso e não sei onde... *Pearguite, pearguite...* Agora aqui ha um esquema que parece a disposição de um exercito, e diz: *Vampiros; submarinos; chefe; passagem multidão; quadros de hydro-aviões; ataque nocturno; arrazar cidade; preparar scena lynchamento negros...* Que têm os negros a ver com os hydro-aviões submarinos?

— Talvez seja quando os apparelhos estiverem no Senegal.

Lapiolit continuou lendo, cada vez mais assombrado. Aquelle expediente apresentava umas caracteristicas summamente raras. Verdade é que Isidoro não se lembrára de folhear nenhum até então, mas conhecia *de ouvido*, a terminologia e o estylo administrativo que não appareciam ali por parte alguma.

— Que o diabo me leve si entendo alguma cousa disto!... — exclamou. — *Olhar fixo... Trahidor compungido... Vampiro triumpha sobre perseguidores... Carreira montanhas; quéda precipicio chefe vampiros... Luta sobre a ponte...* Mas, que é isto?

— Agora comprehendo tudo! — exclamou Jamonillo. — Esse não é o expediente dos hydro-aviões submarinos.

— Então, que é?

— O argumento de um film cinematographico: *Os Vampiros Vermelhos*, que Cacumenez escreveu e queria enviar a uma empreza norte-americana.

— Hein? — balbuciou, suffocado, Lapiolit. — E neste Ministerio se passam semelhantes cousas?... Um argumento cinematographico? Mas, para que servem, então, os expedientes?

E, cheio de uma ira olympica, Isidoro preparou a suspensão de Cacúmenez. Motivos?... Empregar as horas de trabalho em assumptos alheios ao mesmo...

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones — Director: C. 0877
Administração: C. 4136 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

RIO DE JANEIRO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 40$000
Semestre .... 30$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.

Praça do Patriarcha, 8 - sob.
Caixa do correio, 1481.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgaste

VIVA TONAL

Columbia

OS DISCOS PREFERIDOS DO PUBLICO

OS MELHORES DISCOS POR SEREM GRAVADOS PELO SYSTHEMA ELECTRICO MAIS MODERNO E SEREM ESTAMPADOS POR PROCESSO PRIVILEGIADO QUE ASSEGURA A COMPLETA EXTINCÇÃO DO CHIADO DE AGULHA.

MUSICA TYPICA NACIONAL

REPERTORIO EXTRANGEIRO

EXECUTADOS PELOS MELHORES INTERPRETES DO GENERO

Á VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS

DISTRIBUIDORES GERAES:

B Y I N G T O N & C o.

Rua General Camara, 63

RIO DE JANEIRO

S. PAULO - SANTOS
CURYTIBA - RECIFE

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE-BAHIA

KOHOUT.
Escrava voluntaria
Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo fragil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.
Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel: — o uso d' "A SAUDE DA MULHER."
Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio.
A SAUDE DA MULHER
A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 46

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1929

O Salão Juvenal Galeno

A tradição dos salões literarios tão em voga nas cultas sociedades do outro lado do Atlantico ainda não morreu. Elles nascéram nos jogos floraes dos troveiros e menestreis do fim da idade media e floresceram sumptuosamente no fim do seculo XVII. O seculo XVIII vio o seu apogêo. Sobretudo em França.

Outr'ora, nas côrtes dos reis e dos grandes senhores feudaes se reuniam os cantores de balladas, os improvisadores de rondeis e os trovistas de bom e de mal dizer. Até as rainhas como Maria de França e Margarida de Navarra, compunham lais ou escreviam contos facecciosos. E' esplendida o amor das coisas do espirito. Depois, nas casas dos escriptores e poetas se reuniam as tertulias e se discutiam as philosophias. Por fim, as grandes damas, fidalgas ou *femmes d'esprit*, abriram seus faustosos salões para a galantaria e especialmente para a assembléa de pensadores e romancistas, poetas e prosadores. Os salões das duquezas du Berry e du Maine fizeram epoca como a casa de Voltaire, em Ferney ou o retiro de Port-Royal. Assim, nascéram até escolas literarias.

Nem os horrores da Revolução supprimiram o habito dos salões literarios. Em casa de Bailly, *maire* de Paris, pontificava e prophetiza o velh Coazotte. Nas salas de Josephina se ajuntava o que de mais fino havia na sociedade franceza. E as recepções de Madame de Genlis, de Madame de Stael, lembrando as de Madame de Sevigné, formavam verdadeiros torneios de literatura.

Resurgem os salões do genero na epoca do romantismo, em que os Chateaubriand, os Lamartine, os Musset e os Hugo dominam a vida mental. E o seu paradigma se encontra na casa admiravel da linda Madame Récamier.

Pouco e pouco, porém, o progresso das grandes capitaes, a moderna vida febril, o movimento crescente, a falta de tempo resultante das actividades multiplicadas pelo modernismo, tudo isso contribuio para a morte dessas reuniões interessantes e fecundas.

No Brasil, ellas fôram sempre raras. Apesar do exemplo de D. Pedro II, que reunia em S. Christovam homens de letras e sabios, poucos salões fructificaram como o da casa de Nabuco de Araujo. Mais raros ainda fôram os femininos.

Hoje, a existencia desses salões só é talvez possivel nas cidades de vida mais calma e que ainda conservem as tradições antigas, escapas á foice do progresso material. Em Fortaleza, capital do Ceará, por exemplo, ha um salão literario digno de encomio e de estudo. E' o que Henriqueta Galeno, figura de relevo nas letras cearenses, mantem com enthusiasmo e carinho na augusta casa de seu pae, o velho e grande poeta Juvenal Galeno, o Mistral dos boiadeiros e dos violeiros do Nordeste, o cantor do sertão e das jangadas. Alli se ajuntam uma vez por semana os poetas e escriptores locaes, trocando idéas, discutindo questões, formando uma verdadeira Academia. Alli se realizam festas de arte, com musica, canto e recitativos. Alli se trata do movimento intellectual do paiz e se conhece do que vae pelo mundo em materia de arte e literatura. Alli se recebem os literatos de nomeada que aportam ao Ceará em festas inesqueciveis. E alli se homenagêam os cearenses que a generosidade de seus contemporaneos entende que têm merecimentos.

Henriqueta Galeno faz resurgir em plena epoca de materialismos, naquella terra abençoada, a tradição brilhante dos grandes salões literarios.

JOÃO DO NORTE

O dr. Paulo de Frontin, que projectou, ha quinze annos passados, a duplicação da linha da Serra do Mar, recebeu, segunda-feira ultima, quando transcorreu mais um anniversario daquelle grande feito da engenharia nacional, uma expressiva homenagem dos seus amigos, collegas e admiradores, os quaes lhe offereceram um almoço, no Palace Hotel.

FILIGRANAS

Ha dias em que me vem tal cansaço dos homens, das coisas, da vida, que a minha alma fica acinzentada e eu desejaria fugir para longe, para muito longe, para onde não ouvisse a trepidação das cidades civilizadas...

Lembro-me, então, de repente, de tudo quanto a observação tem accumulado sobre os homens de todos os seculos, daquem e dalem mares, do campo e das capitaes, selvagens ou cultissimos. São todos iguaes, vinho da mesma pipa, agua da mesma torneira, homens lobos dos homens. E no meu espirito cresce uma onda de piedade, immensa, transbordante, piedade dessa pobre humanidade cujo destino é apodrecer...

ERRO

Esse que trago neste momento na memoria e na alma, julguei um dia amar... Breve, porém, reconheci meu erro. Era para mim objecto de grande carinho, de grande admiração, de respeito e de serena dedicação. E' para mim um irmão muito querido, um irmão mais velho que, por muito occupado na vida, não me póde buscar de quando em quando para matar saudades.

Mas... tu vieste para a minha vida, com todo esse esplendor mystico que me envolveu para sempre o coração... Só então soube o que era o amor... só então o senti!

Emquanto que elle só me causava alegria, só me cumulava de paternal carinho, solicito, desvelado, amigo, tu me fazias soffrer com o teu doloroso e frio indifferentismo...

Emquanto, cheia de ardor, eu corria ao seu encontro, difficilmente me animava a dirigir-me a ti... E' a ti que eu amo! E' a ti!...

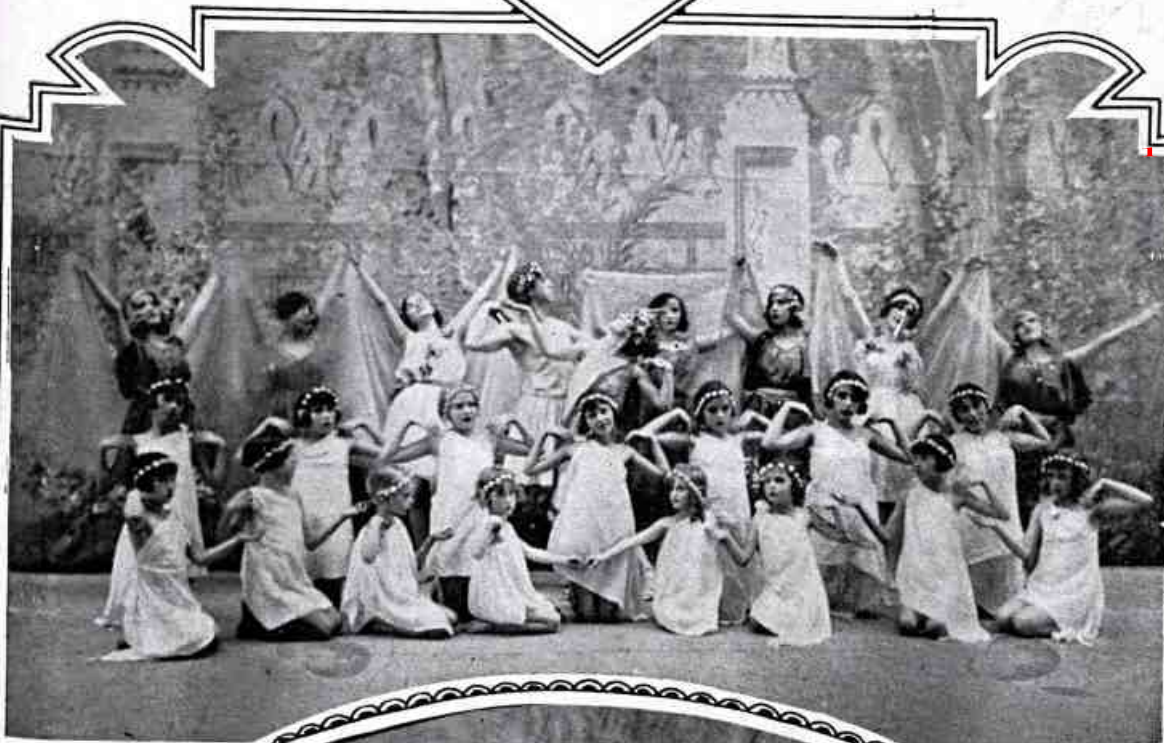
BARONEZA DE BRANCCION

A Sociedade Sul Rio Grandense, commemorando, sexta-feira penultima, o 72.° anniversario de sua fundação, offereceu, na tarde daquelle dia, nos salões do Club Germania, uma brilhante festa á «élite» carioca.

Antes de você partir, já sinto saudade dos seus olhos. Dos seus lindos olhos que derramam lampejos de ouro na minha alma, e que você vae levar para longe de mim.

Agora, não sei como possa enxergar o mundo, si os planetas negros dos meus olhos ficam sem a luz deslumbrante das estrellas doiradas dos seus olhos.

Por isso é que a saudade já me persegue nesta vespera da sua partida... Saudade dos seus olhos, que illuminam minha vida...

As Sacerdotisas do Rythmo

Muito elegante, foi o festival de arte que se realizou, sabbado passado, no Theatro Municipal, em beneficio do Natal das crianças pobres, promovido pelo Fluminense Football Club. As alumnas dos professores Pierre Michailowsky e Véra Grabinska deram um grande realce á festa, executando bailados classicos, com muita graça e harmonia.

I

"Desgraçado daquelle que deixou seu destino
Nas mãos de uma mulher!"

*

Ainda estou vendo, marcada de fita vermelha,
Aquella phrase,
Na folha fina de papel de arroz
Do grande livro que cansei de lêr.

II

Bem ditoso daquelle que deixou seu destino
Nas mãos de uma mulher!

*

Ainda estou lendo, marcada de tinta carmim,
Aquella phrase,
Na folha branca de marmore fino
Do teu corpo adorado, ultimo e grande livro
Que eu desejara relêr!

EVANIDADE...

MALUM EST MULIER...

NÃO me recordo bem da origem do proverbio latino. Sei apenas que elle assegura ser a mulher um mal, mas um mal necessario. (Malum est mulier, sed necessarium malum).

Quero crer que esse conceito, aliás um tanto desabusado, visa tão somente a personalidade da mulher que se ama. E' bem possivel mesmo que não se trate de nenhuma outra.

Perguntamos: haverá razão para que os representantes do sexo opposto ao nosso se molestem com a rudeza do proverbio?

Primeiramente, elle affirma que ella é um mal. Mas reconhece que é um mal necessario. Tambem o sublimado corrosivo é um veneno. Mas não deixa de ser necessario a muitos males.

De mais a mais, é bom não esquecer que só se fala mal das mulheres interessantes. Interessantes — porque são bonitas ou intelligentes.

Alphonse Karr, humorista amigo das mulheres — porque falava mal dellas — escreveu certa vez: "Quando não se pode affirmar que uma mulher é bonita, nem que possue espirito, a unica coisa que se lhe pode dizer de amavel é que é "boasinha".

Nessa amabilidade é que está toda a venenosa perfidia.

* * *

A meu ver, pois, mesmo que o dictado latino não fizesse aquella resalva — de que ella é um mal necessario — toda a mulher devia sentir-se envaidecida.

Mas vamos admittir que elle vise apenas as mulheres que nós amamos. Aquellas que nasceram para o amor, e que, em nome desse sentimento demodé, praticam toda sorte de leviandades.

A senhorita Isaltina Dias da Cruz é uma pianista que tem dado provas brilhantes das suas qualidades de «virtuose». Ainda na ultima audição das professoras Milone Vaz, realizada a 3 do corrente, no salão da Associação dos Empregados no Commercio, a senhorita Dias da Cruz alcançou grande exito, interpretando, com a expressão do seu talento artistico, trechos difficeis dos mais notaveis compositores.

(Photo De los Rios)

Na verdade, serão ellas as peores? Ou por outra — serão um mal, mas um mal necessario?

A resposta não é muito facil. Talvez fosse melhor perguntar si Musset, que tanto soffreu a ingratidão de George Sand, — tem razão para exclamar: "O Dieu! de quoi se plaignent les hommes? Qu'y a-t-il de plus doux que d'aimer?"

Grande enigma!

O que me parece mais racional é que, cada um de nós, ama e sente a seu modo. Não ha regra, não ha base, não ha fundamento, nem clausulas, nem leis para o amor. Si a mulher é um mal — mas um mal necessario, é porque não podemos prescindir da sua alma e do seu coração. Seria difficil encontrar outra alma e outro coração que substituisse os femininos... Portanto, o remedio é nos contentarmos com ella — a mulher. Por peor que ella seja, ha de ser sempre um bem.

Diz um poeta arabe: "Deixae o amante se consumir de amor pela sua amante. Todo soffrimento que nos vem de uma amiga se transforma numa doce volupia."

Stendhal, que era um entendedor de almas, é da opinião de que "même les rigueurs de la femme qu'on aime ont des graces infinies". E essas encantos não se encontram nunca, mesmo nos melhores momentos, ao lado de qualquer outra filha de Deus...

A guerra entre o homem e a mulher vem desde o começo do mundo. Nasceu com a lenda de Adão e Eva — um accusando o outro. Mas a verdade é que são duas vontades, orientadas para o mesmo fim, que se procuram e se completam.

Para ellas, tambem nós somos um mal necessario...

A doce alegria de ser joven...

ESTRELLINHAS — De Yves — A' hora do almoço, nesta casa de hotel, — o almoço dos domingos ha uma atmosphera de bom humor. Os hospedes se reunem em torno ás pequenas mesas, onde se empina o perfil esguio de uma dhalia, de uma rosa ou de um cravo de Petropolis. Faz-se *blague*. Trocam-se piadas. Bôas piadas.

— Seu Montenegro... E aquelle caso? Como vae a pequena de São Paulo?

— E o senhor, seu João? Que diz da pequena da baratinha?

— Mas eu não sei dessa historia da baratinha.

— E' — intervem outro — os "morangos" ("morango" é synonymo de "boa", "melindrosa camarada", etc.) os "morangos" agora são com elle...

Emfim, o ambiente é de bom humor.

Ha sempre quem bata no piano, que fica na sala de espera...

Ha dias — num domingo, á hora do almoço — alguem fez accordar nas teclas brancas do instrumento de Beethoven a alma antiga de uma valsa chorosa.

Quando a musica se derramou na sala, como uma glycerina melodiosa, a voz de um hospede protestou num tom alegre de pilheria:

— Por favor! Não me tire o appetite com essa valsa. Isso é mais velho do que o Paraiso Terrestre...

Ergui o garfo, e voltei-me para o autor da piada:

— Perdão! Não ironize a pobre valsa.

— Mas essa é muito antiga.

— Não importa! Todas as valsas são iguaes. Não ha velhas nem novas.

O outro ficou sem comprehender.

— E as de Strauss? E as de Chopin?

— Eu me farei comprehender.

— Não falo das valsas classicas. Falo dessas que se compõem para o encanto dos bailes. Dos bailes! Qual de nós não tem a sua valsa na vida — guardada dentro da alma? Repare que todos nós recordamos sempre alguma coisa bôa, que passou em nossa vida, através a melodia de uma valsa. "Não esqueça que a valsa como toda musica expressiva, feita de lyrismo e tristeza, é um poderoso excitante da memoria. E' como o perfume. Repare si não é...

— Mas...

— Com licença. Deixe-me concluir o meu pensamento. A valsa, isto é, a musica é o perfume sonoro das coisas lindas que encantam e embalam o coração...

— E o perfume?

— O perfume é a musica aromal, silenciosa e doce, que evoca sempre numa harmonia interior, as coisas bôas que amamos, as horas lindas que vivemos...

Nisto, o alguem que estava ao piano atacou, inesperadamente, as notas irreverentes de um fox moderno...

Olha a pomba,
olha a pomba...
mulher bonita
de mim não zomba...

— E agora? — indagou maliciosamente o meu companheiro de refeição.

Respondi, com um sorriso:

— Ora! Em cada alma que ama, se aninha a pomba branca e arrulhante de uma saudade...

— Só?

Não respondi mais. Continuei o meu almoço...

CHARLA — De Yves — Eu sou um homem pouco superstiçioso. Não sou dos que, como Napoleão e Luis XIV, se impressionavam com pequenas coisas sem importancia.

Não creio que o numero 13 dê azar. O piar da coruja não me impressiona. Morcegos e borboletas podem entrar e rodar alta noite no meu quarto, que não me bate o coração.

Quando saio de casa, não tenho a preoccupação de pôr na rua, em primeiro logar, o pé direito.

Mas tenho cá certas crenças, em coisas que podem não ter importancia para os senhores, mas que valem muito para mim.

Por exemplo: não sou religioso carola. No emtanto, não ha força humana, que me faça passar por uma egreja sem lhe tirar o chapéo.

Por que? Nem eu mesmo o sei. Talvez um instinctivo pavor mystico. Atavismo? Pura questão mesologica? Quem sabe lá! Talvez isso... "Na realidade, — observa Salomão Reinach — succedeu-lhe (refere-se a Chateaubriand) o que succede sempre aos homens, que, educados em um certo meio intellectual, não podem, por mais que façam, libertar-se dos preconceitos que nelle receberam."

Eu sou assim: não sou supersticioso; mas tenho cá os meus *tabús*.

Ha dias, um meu amigo, que se dá ao goso da cartomancia, leu o meu destino nas cartas.

Carregou o sobrecenho, e declarou com ares cabalisticos:

— Um homem, que lhe é chegado, vae morrer...

— Deixa-me fortuna?

— Deixa dividas... Receberá cartas... Nellas, virão muitas insolencias.

— Isso é commum para mim.

— Terá forte polemica pela imprensa...

— Sempre as tenho — atalhei.

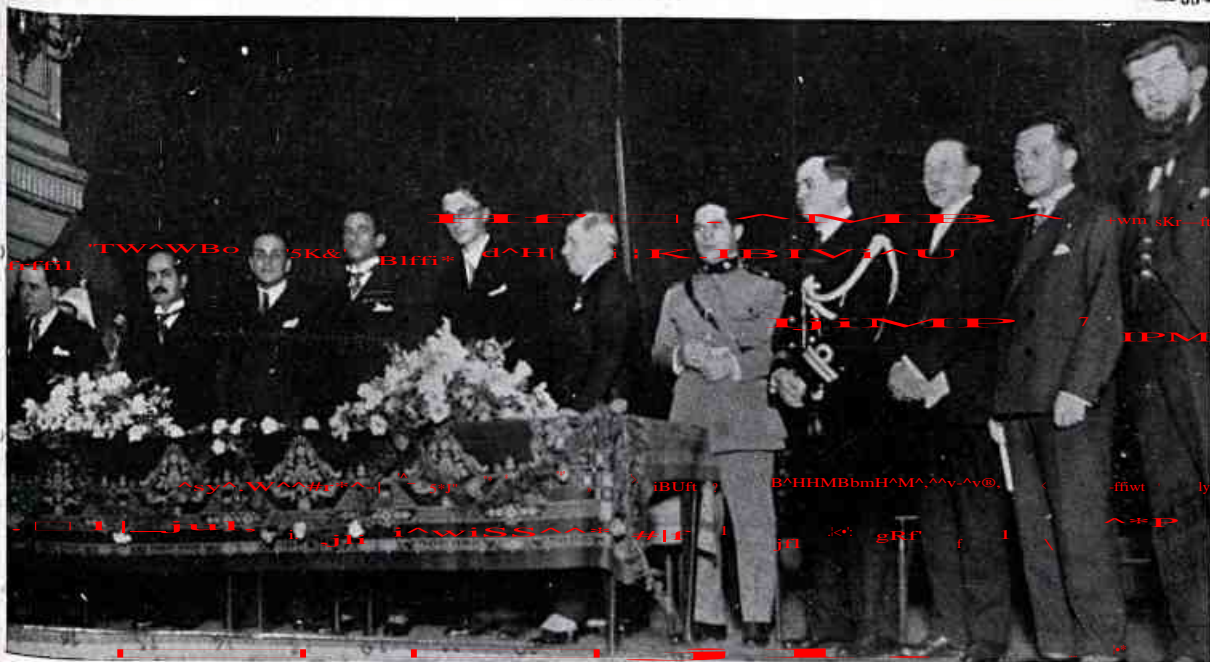
— Por causa de uma mulher — completou elle. Terá um attrito com dois homens e duas mulheres... E receberá muito dinheiro, proximamente...

Ora, eu não sei si creia nas coisas más, ou nas bôas. Em todo caso, — sem ser supersticioso — inclino-me a acreditar nas coisas más...

Ellas são mais possiveis.

SANTELMOS — Eu gosto das creaturas artificiaes. Wilde aconselhava: "D e v e - s e ser sempre um tanto inverosimil." E só pelo artificialismo é que se consegue essa maneira de ser.

Mas, quand odigo que amo as creaturas artificiaes, é claro que me refiro ás doces filhas de Eva.

O homem só tem o direito de ser artificial quando se trata de uma obra de arte. A verdade é estupida. E si n'uma producção do nosso espirito a mentira não

A Sociedade Polono-Brasileira commemorou, segunda-feira ultima, o anniversario da independencia da Polonia, com uma solennidade que se realizou no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, estando presentes figuras representativas do nosso mundo intellectual e diplomatico.

Dois aspectos das commemorações do 11.º anniversario do Armistício, que segunda-feira se realizaram nesta capital: a cerimonia civica em homenagem á memoria dos mortos da guerra, no consulado de França, e o banquete dos antigos combatentes belgas, que se realizou sob a presidencia de honra do embaixador Paul May.

Psychologia de collarinhos

NO ambiente de um café; a sala está quasi cheia. Os espelhos dos portaes reflectem vagamente os transeuntes, os vehiculos que passam na rua. De uma mesa para a outra, discute-se um pouco de sport, muita politica... Dois amigos, partindo do estribilho eleitoral, chegaram á zona das generalizações.

Nestor. — Ninguem póde negar que o tempo que se foi era melhor, mais cheio de bôa fé, de moralidade.

Octavio. — Visto de longe, meu amigo, visto de longe. A perspectiva alinda o panorama. O que havia outr'ora era mais hypocrisia. E só.

Nestor. — Como queira. A hypocrisia é necessaria; mantém as apparencias, evita o escandalo, o prejuizo do máu exemplo.

Octavio. — Sim; e sobretudo permitte, aos que assim se preoccupam com a edificação do proximo, gozarem as vantagens dos dois partidos da humanidade. Pertencem á equipe dos conservadores e jogam no campo dos liberaes. No fundo, não passam de uns grandes egoistas, que não querem imitadores.

Nestor. — Você prefere, então, o cynismo da gente de hoje?

Octavio. — Tudo na vida tem um valor comparativo. A attitude natural de um só parece cynica ante a reserva de outros. Você fallou, ainda ha pouco, no prejuizo do máu exemplo. Este só é notavel, só escandalisa, isolado. A repetição de qualquer gesto tira-lhe todo o valor.

Nestor. — Sim, talvez o valor que se impõe; mas o gesto repetido ganha em insinuação o que perde em apparato. Não sabe você que a peor convicção é a que se implanta no sub-consciente?

Octavio. — Mas si essa convicção é para melhor, é para o mais natural? Examinemos, por exemplo, o modo de vestir das mulheres. O que absurdamente chamam de impudor não passa de melhor comprehensão da esthetica, maior lealdade. A's vezes, ponho-me a pensar na ignorancia total em que os homens viviam outr'ora de suas amadas... Quantas decepções, hein?

Nestor. — Por isso mesmo se amava a alma e não o corpo.

Octavio. — Ora deixe-se de poesia! Toda a vida o amor foi o mesmo. Questão de termos, apenas. Pedia-se a "mão" e offertava-se o "coração". No fundo, todas essas formulas são tolas, absurdas.

Nestor. — Mas, meu amigo, não é possivel chamar-se tudo pelo nome...

Octavio. — Por que? Acaso dizendo-se uma phrase alambicada, a imagem presente no espirito não é a mesma? As "preciosas" do Hotel de Rambouillet usavam metaphoras como esta: "Contentae o desejo que tem esta cadeira de vos abraçar". Qual a impressão correspondente? a de uma pessoa que se senta, tal e qual si tivesse resoado apenas uma palavra: "Sentae-vos". Questão de termos somente...

Nestor. — Sophismas...

Octavio (*terminando seu pensamento*). — Olhe, sabe qual é a minha impressão? Que a humanidade actual vive de collarinho molle... Rejeitou o collarinho duro physica e moralmente. Comprehende você? Póde-se dizer que a psychologia moderna se resume nessa mudança.

Nestor. — Ora, que idéa!

Octavio. — Idéa não... Um facto. E de um alcance que se não suspeita á primeira vista. Observe a historia. A época das golas e punhos de renda foi galante e futil. A era do collarinho duro foi hypocrita, formalista, rigida, mal humorada. Você comprehende, dentro daquelles canudos suppliciantes todos os pes-

(*Conclúe na pagina 60*)

Philosophia de pés de moveis

N*uma salinha clara e limpa, decentemente arranjada. Moveis quasi antigos. Uma "etagére" de espelho, uma crystalleira, a mesa de quatro pés, cadeiras. D. Elvira, de oculos, com o balaio da roupa lavada ao lado, coze, Liseta debruçada sobre a mesa, olha uma revista.*

D. Elvira. — Menina, já não te fartaste de olhar essas gravuras? Vem ajudar-me a serzir as meias.

Liseta. — Eu não. Perder meu tempo? Mamãe se cansa atôa. Coze, coze, e mal a roupa vae servir: zás! rasga outra vez. Tão tola não sou!

D. Elvira. — Tu o que és, é uma grandessissima desperdiçada.

Liseta. — Desperdiçada não. (*Com emphase*). Mamãe não entende de economia domestica.

D. Elvira (*suffocada*) — Não entendo de economia? Não entendo! Pois olha, filha, quem te déra, ser poupada como eu! Teu pae sempre me fez essa justiça...

Liseta (*sorrindo*). — Acalme-se... Economia aqui não significa poupar dinheiro... Quer dizer... quer dizer... (*procurando os termos*). o modo geral de dirigir a casa, entende?

D. Elvira (*mais indignada ainda*). — E eu não sei dirigir a casa!!!! Estas meninas de hoje não duvidam de nada, e são de uma presumpção!

Liseta (*impacientada*). — Não é isso. Não me expliquei direito. Tambem mamãe materializa tudo! Economia é... é o modo de melhor gastar o dinheiro.

D. Elvira (*com ironia*). — Ah! si se trata de saber gastar, é bem possivel que entendas disso mais do que eu.

Liseta. — O que ha de horrivel nos mais velhos é o espirito de rotina. Mamãe, por exemplo, não comprehende que si exercesse uma profissão qualquer, ganharia mais dinheiro do que vivendo apenas do montepio que papae deixou.

D. Elvira. — Olha a descoberta! Pois é claro que sim. Mas, e o tempo para exercer essa profissão?

Liseta. — Ahi é que está! Mamãe acha que não se póde deixar a casa porque precisa cuidar que a criada não carregue os mantimentos, não quebre as louças, tem de remendar a roupa velha, etc. E não vê que nisso desperdiça seu tempo. Porque, si tivesse acceito aquelle emprego no Correio, que lhe offereceram, ganharia o sufficiente para jogar fóra as meias muito rasgadas, fechar os olhos aos "pintos" da cozinheira, substituir a louça partida... e ainda sobrava...

D. Elvira (*no auge da revolta*). — Jogar fóra a roupa rasgada! Deixar a criada roubar!!! Não se importar com a louça quebrada!!!! Mas que salada virava a casa! Deus me livre!

Liseta (*desanimada*) — Qual!... E quando eu cigo...

D. Elvira (*proseguindo com vehemencia*). — E quem fazia o rol da lavadeira? E quem pesava a carne que o açougueiro traz pela metade? E quem limpava a casa?...

Liseta (*desinteressada*). — Punha-se outra empregada.

D. Elvira. — Que horror! Para viverem as duas brigando! Depois ellas não limpam nada. Olha, só em casa da Mariasinha, e verás que regalo de poeira em baixo dos moveis. E!... moças modernas... só cuidam de elegancias apparentes.

Liseta (*absorta*). — Compravam-se moveis sem pés.

D. Elvira (*surprehendida*). — Moveis sem pés?

Liseta. — Pois então? Moveis modernos, sem pés. Aqui mesmo nesta revista estava olhando uns lindos... e pensando... Diga-me, mamãe... você é capaz de descobrir uma utilidade nos pés dos moveis?

D. Elvira (*embasbacada*). — Uma utilidade nos pés dos moveis? Mas toda a vida os moveis tiveram pés.

Liseta (*triumphante*) — Pois agora não têm mais.

(*Conclúe na pagina 60*)

A MULHER CHIC
Inteiramente "balnearia"...

MACEDONIA

Conta-se que um magico, depois de ter estudado minuciosamente o organismo humano, construiu uma figura de homem perfeita na forma e na côr. Dentro do seu seio escondeu o mecanismo que

Dr. Luiz Vianna, joven ornamento da nossa classe medica, e que recebeu, ha dias, uma homenagem por motivo das suas ultimas victorias scientificas.

devia fazê-la andar, falar, agir. E soltou-a no mundo como o golem de céra de certo romance judeu. Mas a humanidade não recebeu o boneco com sympathia.

— Por quê? indagou em voz alta o magico, verificando isso.

— Porque — respondeu-lhe um sabio que o escutava — puzeste na tua obra uma mola em logar dum coração...

Lendo esse apologo num livro velho de Emilio Souvestre, um amigo meu accrescentou com inaudita perversidade:

— O boneco do magico era do sexo feminino...

* * *

Teu amor e uma cabana. Eis a celebre phrase com que se pinta a cegueira da paixão deante dos bens materiaes do mundo. E' a synthese vocabular do anseio de viver exclusivamente um para o outro, quando dois entes de verdade se amam.

O povo bretão tem uma formula mais rude, porém mais energica de externar a mesma idéa:

Frita lawen pawrentez
Var a billig a farantez.

O que, traduzido em francês, lingua que, consoante o dictado, brave l'honnêteté, significa:

Frire les poux de la pauvreté
sur le poêle de l'amour...

E, em portuguez, mais ou menos:

Frigir os piolhos da miseria
na chapa do fogão do amor...

Admiravel!...

* * *

Na escuridão envolvente, o rumor do mar não descontinuava. Sosinho, elle povoava a solidão da noite escura e fria, que ameaçava chuva.

— O mar é como o coração da terra: não pára nunca de bater, disse o amigo que me fazia companhia na praia deserta.

— O mar é como certos homens e mais ainda certas mulheres: nunca pára de se lamentar...

* * *

Um proverbio antigo recommenda não se experimentarem nunca duas coisas: as pontes recentemente construidas e a virtude das mulheres.

Eu ainda prefiro experimentar as pontes...

* * *

O céo sombrio cobria o mar sombrio. No horizonte, nuvens carregadas. O açoite da chuva sobre as vagas inquietas. Rajadas violentas de momento a momento. E os passaros marinhos rasavam as ondas espumantes, feriam-lhes as cristas com a ponta aguda da asa e brincavam no meio da tempestade...

E eu pensei, sem querer, na minha vida. Quantas vezes não me tenho divertido, assim, com forças que me podem tragar ao menor descuido!

— Du luxe! como diria o Flambeau do Aiglon.

* * *

Os que começam a amar, li alhures, parecem com os que começam a se afogar. O amor sobe como a agua e acaba por ir além da cabeça.

Nada mais verdadeiro. Por isso, no amor, é muito necessario saber nadar...

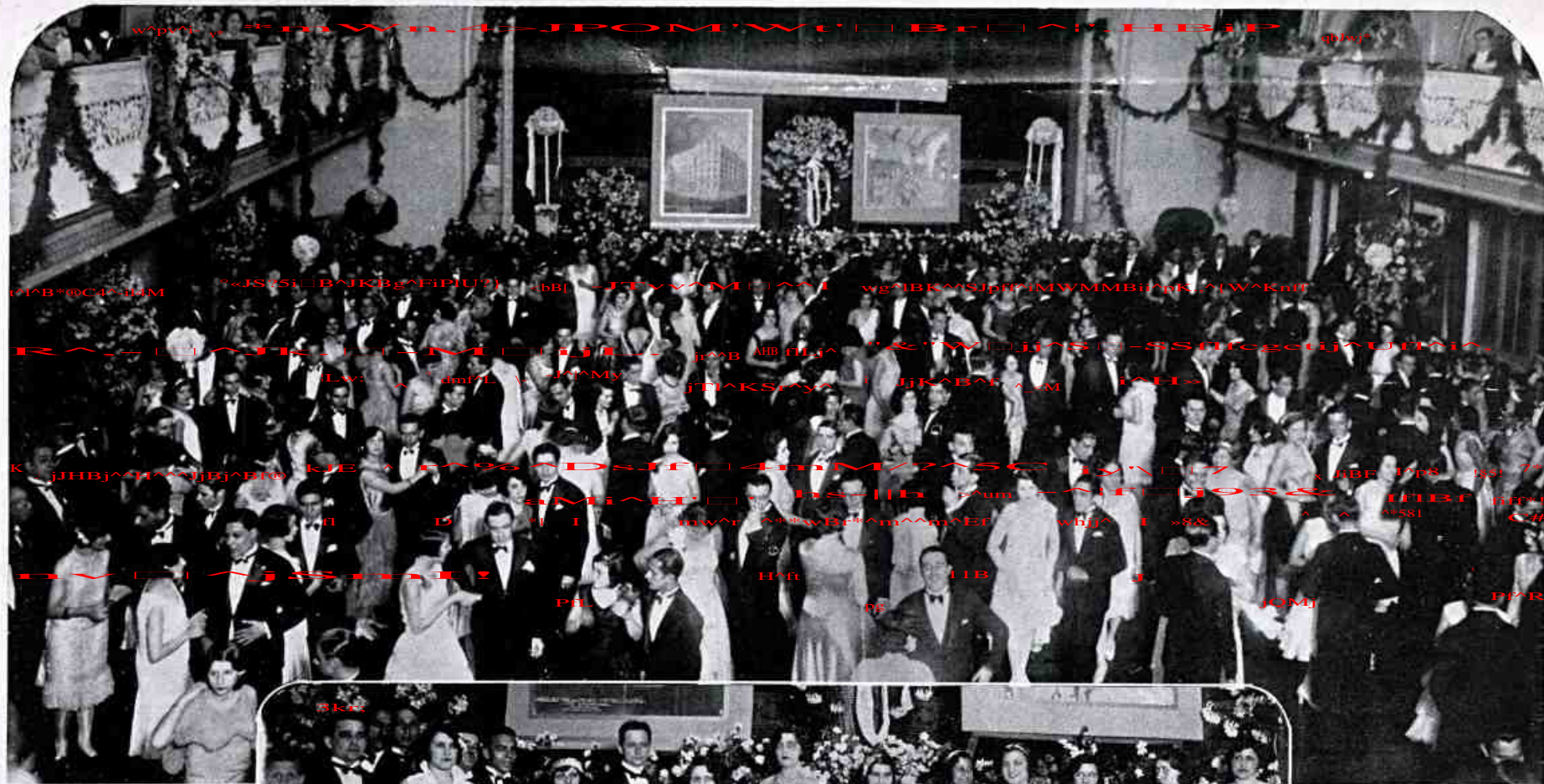
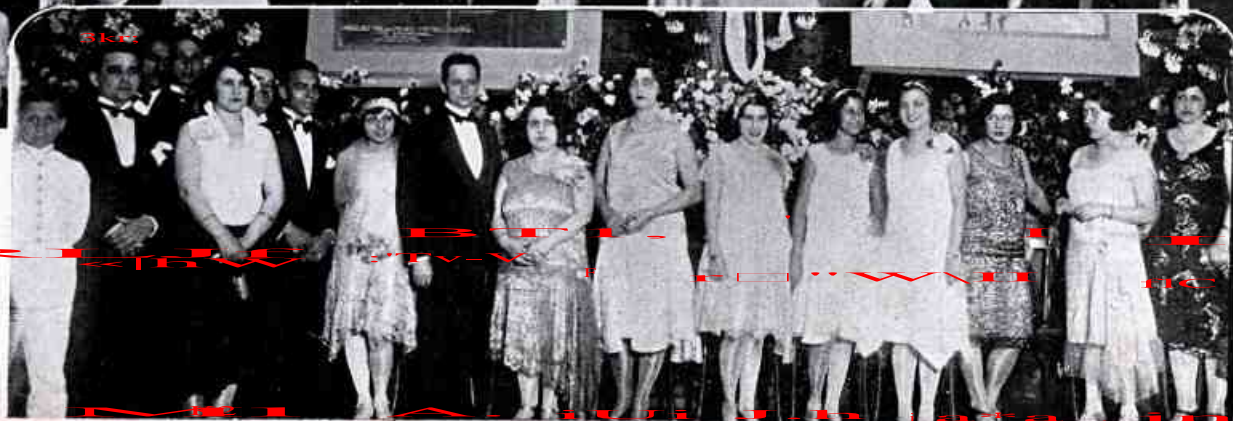
* * *

Numa lenda antiga, o demonio diz a Nosso Senhor, cynicamente, estas palavras: "O melhor meio de tornar os homens máus, não é fazer-lhes o mal e sim fazer-lhes o bem."

Talvez seja por isso que Deus os empobreça e que o diabo os enriqueça...

D. Jayme

O dr. Jones Rocha é o distincto cirurgião patricio que acaba de ser homenageado por um grupo de amigos, regosijados pela passagem do seu anniversario. Elemento de destaque na classe medica desta capital, o dr. Jones Rocha é uma figura moça que se impõe pelo brilho da sua intelligencia

(Photo De los Rios)

O baile tradicional com que o Club Gymnastico Portuguez festeja o anniversario de sua fundação realizou-se sabbado ultimo e teve grande esplendor mundano, movimentando alacremente os salões da conhecida sociedade.

IMPACIENCIA

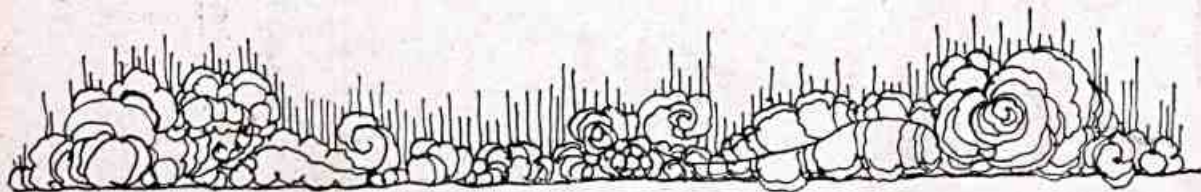
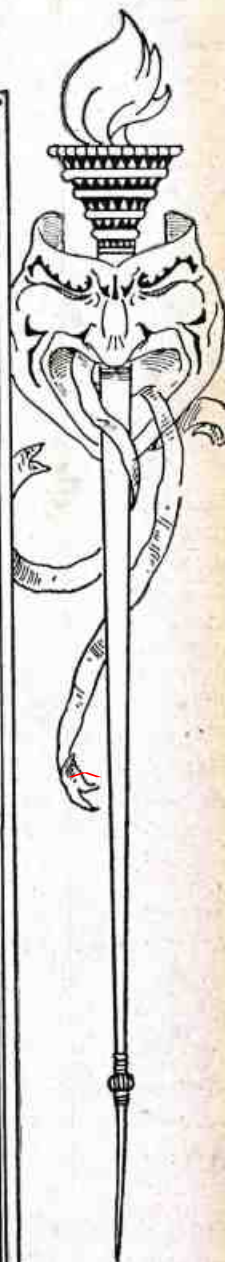
MEU coração, hoje, está exactamente como a natureza: cheio de melancolia e de bruma. Uma angustia envolvente acompanha o rythmo das suas pulsações. Angustia que suffoca a torturante ansiedade da minha vida.

Esperei-a tanto, esta manhã... Esperei-a tanto, e com tão grande inquietude, que os transeuntes vagarosos das primeiras horas passavam pelo meu vulto parado assestando-me ironicos olhares de desconfiança. E você não veiu ao encontro da minha impaciencia dolorosa. Você não veiu, como todos os dias, trazendo-me o conforto immenso do seu olhar e a rutilante promessa do seu sorriso. E eu fiquei inutilmente á sua espera. Inutilmente, desoladamente... Sentindo na sua demora indefinida um silencioso aviso da sua ameaça. Meus olhos desalentados fitavam o ponto de onde sempre você surgia nas outras auroras. E eu tinha, por vezes, a impressão de vêl-a deante de mim, sorridente e formosa na sua simplicidade. E em cada silhueta de mulher que caminhava para o meu lado, eu julgava adivinhar a sua figura luminosa. Esperei-a durante quasi uma hora. Ameaçava a tempestade. O céo escurecia. Escurecia a rua silenciosa. A chuva já se approximava. Os outros se apressavam, atropelando-se na subida dos vehiculos que iam para a cidade. Eu continuava no meu posto, impassivel, sereno, mas intimamente inquieto. Continuava a esperal-a, a esperal-a... Presentindo já que você não havia de vir. E não veiu. E eu viajei sozinho num omnibus cheio de gente. Meu coração ardia. Meus olhos não viam ninguem. Não viam as casas que desfilavam de um lado e outro do vehiculo. Não viam nada.

Eu estava longe, bem longe de mim. Pensava em você. Via os seus olhos côr de ouro deslumbrando os meus olhos sombrios. Via o seu sorriso illuminando ainda mais a brancura de seus labios, e dando-me o consolo verde da esperança. Via toda a sua figurinha clara e linda esplendendo para o meu amor.

E assim cheguei até aqui. Você fugiu de mim, e eu a acompanhei com os olhos da lembrança. Você fugiu de mim, e meu espirito a seguiu, num passo incerto, melancolico...

Estou, hoje, como nunca me senti, desde que nos conhecemos. Amargurado, quasi descrente, e com uma grande tristeza no coração. Odiando o mundo, que nos separa. Odiando os homens, que inventaram os preconceitos sociaes. Odiando a mim mesmo, que não sei controlar esta emotividade que me faz assim. Odiando a vida, que nos acena com uma longinqua promessa de felicidade.

Mas amando cada vez mais a você. Amando-a com todo este affecto vertiginoso e humano, que o impossivel diviniza...

FIGURAS DE THEATRO

QUE dizer de Josephina Backer? Melhor do que nós, diz ella mesma nas suas memórias: «Faço girar os meus hombros como roda de machina feita de carne. Jogo bolas com os olhos. Alongo os lábios quando isso me apraz. Caminho sobre os calcanhares quando tenho vontade de fazel-o. Corro de quatro patas quando desejo correr. Faço todos os olhares. Não sou uma almofada de alfinetes, apezar disso. Digo quem sou com as minhas mãos e os meus braços. Remo e nado no ar. Súo e salto, eis tudo!» Josephina com esse olhar brejeiro, apparece ahi vestida por Jean Patou. A «toilette», que é a das millionarias, lhe dá um ar de grande dama. Josephina chega ao Rio amanhã e amanhã mesmo fará sua estréa nesta capital.

A SALVAÇÃO

CONTO DE BASTOS PORTELLA

ILLUSTRADO POR MARCELO ROBERTO

CARLOS Alberto acabava de dar o ultimo retoque á sêda da sua gravata côr de salmão, mirando-se ao espelho do luxuoso appartamento de um "arranha-céo" da Cinelandia, quando ouviu pancadas fortes na porta.

Subitamente, immobilizou-se ao reconhecer aquelle bater nervoso e agitado. Era ella! Não havia duvida! Afinal, que acontecera? Qual teria sido o resultado da tentativa da moça? Que lhe teria dito o gynecologista?

Repetiram-se, nervosamente, as pancadas.

Carlos Alberto foi vêr quem batia. E, quando a sua mão torceu o trinco da porta, e esta deu passagem a uma joven elegante, de attitudes discretas, com uma linha irreprehensivel, na sua toilette de tom escuro, o advogado verificou que não se havia enganado: era, realmente, Margarida.

A moça entrou. Encaminhou-se, num passo firme, para uma *dormeuse*, e deixou-se cair sobre ella.

Antes que o rapaz lhe dirigisse a palavra, annunciou, atirando as luvas e o chapéo, para cima da mesa do aposento:

— Nada!

— Nada?

— Sim! E o doutor Casella era, como sabes, a minha ultima esperança. Era o unico medico a quem eu podia recorrer, nesse transe difficil.

Carlos Alberto, muito pallido, approximou a sua cadeira para junto da amante.

Elle sabia medir a responsabilidade que lhe pesava nos hombros, e o desastre que representava, para ambos, a recusa do gynecologista em praticar aquella operação criminosa. Previa o escandalo que, certamente, cedo ou tarde, haveria de estourar, — si, porventura, não conseguisse, quanto antes, apagar os signaes daquelle amor clandestino... Já não era facil a Margarida, encobrir, por mais tempo, a situação que ella creára com as proprias mãos...

Ella sómente? Talvez fosse elle mesmo o maior culpado de tudo. Pois era certo que, sendo um perfeito conhecedor das leis do paiz, como advogado que era, tinha, além do mais, a aggravar o seu crime de amor, a circumstancia de ser um homem casado...

Emfim, Carlos Alberto ousou interrogar:

— E' inabalavel a resolução do dr. Casella?

— Inabalavel! Recusa, terminantemente, intervir nesse "caso", que considera escabroso e declara não entrar na sua clinica de homem digno e cheio de escrupulos.

Carlos Alberto ficou pensativo.

A cabeça entre as mãos, pôz-se a meditar, procurando uma solução para o afflictivo problema.

Tinha os olhos fixos no tapete, emquanto Margarida fitava, longe, os olhos humidos, a Guanabara, que se via pela janella alta do 12.º andar do "arranha-céo"...

Carlos Alberto tomou-lhe as mãos brancas e finas. Disse-lhe carinhoso:

— Já que o medico não nos quer auxiliar nessa empreza, só temos um recurso de que possamos lançar mão, no momento.

— Qual é elle? — alvoroçou-se, curiosa, a victima do D. Juan.

— Casares com o Altino Pacheco...

E antes que ella oppuzesse qualquer objecção:

— Sim... Esse consorcio será apenas um consorcio *pro forma*, uma formalidade, conforme já delineámos, ha uma semana.

Margarida teve um suspiro de desalento, e balbuciou, com uma sombra de resignação e melancolia na voz:

— Será a minha salvação... Dos males o menor. O que é preciso é evitarmos o escandalo... Imagina si a minha familia desconfia de tudo isso!...

E numa crise de chôro, inesperadamente:

— Ah, eu seria capaz de matar-me! E, no emtanto, como seria feliz, si a sociedade me permittisse guardar o meu filho!...

Carlos consolou-a com esta promessa, que valia por um juramento de honra:

— Amanhã, tudo estará resolvido!

* * *

Um mez depois, a egreja da Gloria era invadida por uma multidão ruidosa de alegres senhoritas e senhoras da nossa *haute gomme*, e simples curiosos que iam assistir ao casamento de mlle. Margarida Villares com o fazendeiro sulista Altino Pacheco.

Havia um interesse crescente por esse casamento. Primeiro, porque a noiva "era um ornamento da alta sociedade carioca;" depois, porque era considerada uma joven moderna, educada á *yankee*, e esse enlace inesperado, com um cavalheiro inteiramente desconhecido, nas altas espheras sociaes, dava margem a commentarios picarescos, quer a respeito da noiva, quer a proposito do noivo.

De resto, os jornaes noticiaram que o joven casal embarcaria, no dia seguinte ao do casamento, para o Velho Mundo...

Afinal, á hora marcada, surgiu o cortejo nupcial.

Era longa a fila de automoveis.

Apesar de se esperar uma cerimonia discreta, despida de grandes apparatos, uma vez que a familia Villares lavara as mãos no caso, como Pilatos — quando os noivos se ajoelharam aos pés do sacerdote, e este pronunciou o "conjugo vobis" — o templo já estava repleto, o que dava á solemnidade um caracter de pomposidade e uma nota brilhante de mundanismo.

* * *

Nessa mesma noite, quando o *Cruzeiro do Sul*, o super-luxo, deixava a *gare* da estação Pedro II, com destino a S. Paulo, Carlos Alberto e Mme. Margarida — agora Mme. Altino Pacheco, para todos os effeitos — trocavam, risonhos, na intimidade de uma cabine confortavel, as suas impressões sobre o romanesco episodio.

— Eis-me salva! — rejubilou-se Margarida.

— Somos felizes porque tudo correu ás mil maravilhas, — exultou o advogado. De mais a mais, — frisou elle — Altino portou-se á altura da minha confiança. Desempenhou, dignamente, o papel de um authentico esposo.

Um excellente comediante!

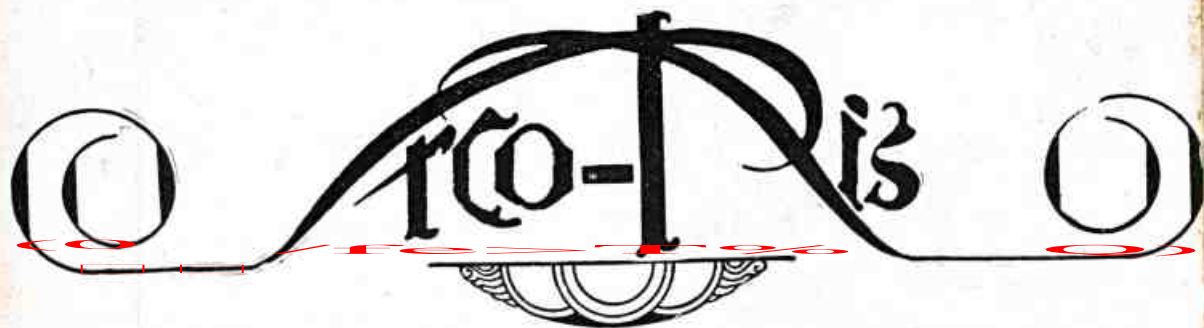
— Mas, custou-te uma fortuna — lamentou a recem-casada. Trinta contos de gratificação e uma viagem á Europa, para dar o seu nome a uma mulher...

Interrompeu-se, sem achar um qualificativo. Carlos Alberto galanteou:

— Uma mulher joven e bonita....

— Acaso mereço tanto ?

Numa explosão de incontida ternura, o amante beijou-a, affectuosamente, sobre as palpebras:

— A mulher que amamos verdadeiramente vale a nossa propria existencia.

APERITIVOS NOVOS...

Das 5 ás 7,
o aperitivo (é urbano e universal)
com o verão, que ahi vem e já promette,
é chic, é inevitavel, é fatal...

Enchem-se as mesas do elegante bar,
de homens de nota e gárrulas mulheres.
Bebidas, guloseimas, Baccho e Ceres,
á hora crepuscular...

Preciosas as mulheres...
E os homens vão... só para "apreciar"...
São novos-ricos... Afinal, que queres?
—Pretexto incondemnavel de flirtrar...

Olha aquella: sem meia, ou de meia invisivel,
sapatos de tressé, xadrez de couro.
E' pontual, é infallivel
E' firme, é ingleza ahi, no... bebedouro.

—Ingleza, assim morena? —Não é isso.
Ingleza, porque certa, chronometrica...
E uma elegancia que é devéras um feitiço,
e uma viveza de boneca electrica.

A bocca é camouflada em az de ouro,
o pescoço embrulhado num collar.
E ella passa embrulhando toda gente
com o olhar.
Si pudesse, moraria no Thesouro.
E, fatalmente,
o Thesouro
havia de quebrar...

Ella propria é o thesouro do Castello.
Ah! thesouro difficil de cavar!

—O que!? Já vae sahir, Mademoiselle?
seu vestido... que moda bem achada!
Sobre os ossos... a pelle,
e sobre a pelle... nada!

Aquella moça que chegou entre dois typos.
ou anda só, ou anda a tres. E' das modernas.
Refresco a dois canudos... ou dois pipos...
E mostra as ligas, ao cruzar as pernas...
—Uma gorda entre magras. Tres. Motivo
para moldar:
As duas magras são o aperitivo.
E a gorda? A indigestão para o jantar...

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Nel mezzo del camin... áro, attonito, indeciso, om o olhar vago, distenido dolorosamente para planura quieta e verde, le onde vim, sempre a ubir, numa escalada inrata e ardua, a escarpa brupta desta metade da ida... Lá em baixo, a sbater-se na cinza da ninha saudade, tudo o que constituiu o sentido, expressão da vida que ivi até hoje, até este nomento... E somente gora, quando já não osso retroceder do alto lesta escarpa ingreme a que attingi, desilludido e cansado, é que, respondendo ao grito, ao intimo clamor dos meus anseios nais insistentemente acaiados, chegam até aim, vindos de longe, de nuito longe, os écos profundos e reveladores de dos os sonhos de felicidade que persegui. Em eio, porém, ao turbilhão e á vertigem do ambiente que me cercava, carreado pelo *rio immenso da vida* que corria rumoroso e escoachante a meus pés, não chegou a meus ouvidos, a tempo de lhe comprehender a harmonia e a serenidade de seus rythmos suaves esubtis, a musicação espiritual da minha felicidade.

Nel mezzo del camin... Pervaga, ao redor de mim, numa dolorosa interrogação, a retina entristecida e afflicta, a velar, carinhosa e solicitamente, no *abat-jour* da saudade que a envolve, todo o mundo do meu passado. Lá em baixo, a planura quieta, a paz, a serenidade, a sombra acolhedora, o amor, a alegria, a luz reveladora, a... felicidade — a gotta d'agua fresca que teria saciado a séde de meus labios em febre.

E foi tão lenta, e tão ardua a subida, a ascenção de minha vida até aqui!

Recuar? Quem me dera poder recuar, tornar atrás, para recomeçar de novo, de olhos abertos e ouvidos apurados, a marcha ascencional agora bruscamente interrompida, agora que vou descambar para o outro lado da montanha; agora que vou começar a descer, sempre a descer, timido e angustiado, com o olhar e a alma e o coração insistentemente volvidos para trás, sempre para trás...

Nel mezzo del camin... — descerrar, angustioso, dos olhos para a revelação do outro lado da vida, daquelle por onde se veiu, numa semi-inconsciencia de vertigem e de febre, a semear, sem saber colher, o enthusiasmo e a fé, o amor e a alegria — todas as grandes e profundas illusões que fazem o rythmo e a expressão da propria vida...

Sorvo, agora, gotta a gotta, na angustia e no desespero da descida, como quem sorve um calice de amargura, o vinho eucharistico da minha propria revelação.

Se pudesse voltar, se pudesse retroceder? Sinto-me tão só, tão exhausto, para descer sem um guia, ao menos!

Despenhar-me? Rolar de calhão em calhão, ladeira abaixo, com a minha carga — a pesada carga dos sonhos que sonhei e que nunca realizei?

Mas, *nel mezzo del camin* de minha vida tu me surgiste, e, generosa e amiga, quizeste descer commigo a escarpa aspera e dura. E vamos os dois a descel-a, seguros e confiantes, porque um e outro soubemos fazer florir, na rocha mesma do nosso soffrimento commum, o jardim suspenso deste amor de outomno, de onde olhamos e adivinhamos e sentimos correr, sob nossos pés, sinuosa e marulhosamente, o rio immenso, mysterioso e profundo da vida...

Esta graciosa «hespanholita»... é uma «salerosa» brasileira, do Maranhão. E' mlle. Lucia Barreto Mendes Vianna, filha do senador Godofredo Vianna, que acaba de regressar da Europa. Mlle. Lucia fez successo, a bordo do «Sierra Morena», com o seu «travesti» sevilhano, por occasião da passagem do Equador. Foi ella, com o seu sorriso lindo, a nota galante da festa...

SORRINDO...

Se pudesses adivinhar, se pudesses penetrar em meu coração, neste momento, logo comprehenderias a razão deste sorriso amigo e bom que brinca em meus labios e se desmancha em caricia nas minhas pupillas enternecidas.

Ha festa, hoje, um grande baile á fantasia no salão de honra de meu coração. E minhas illusões, e meus sonhos, e minhas esperanças, e meus anseios de felicidade, vestem-se de azul e verde — o azul de uma linda e illuminada tarde de novembro — e o ver-

de do vestido que trazias nesse dia — para dançarem o bailado commemorativo do primeiro anniversario do nosso amor.

Talvez nem te lembres mais, não é?

Um anno...

Quanto soffrimento o tambem quantos momentos de felicidade encerra esse primeiro cyclo do nosso amor!

Lembrar-te-ás, ainda, daquella tarde illuminada e azul de novembro?

Ha um anno esperamos pela realização do nosso sonho de felicidade. E' muito, talvez, se não é pouco. Porque — dizem — esperar, saber esperar sempre é melhor do que... realizar. Todo ideal realizado é um ideal ultrapassado — escreveu guem. Mas, o nosso é um ideal differente dos outros, porque nós nunca conseguiremos ultrapassar o.... nosso amor, que teve principio mas nunca terá fim. Não é?

E nós, que temos sabido esperar, saberemos tambem *realizar*.

Esperar?...

La fatigue charmante et l'attente adorée
De l'ombre nuptiale et de la douce nuit...

ESTRELLAS CADENTES

O triste, triste était mon âme
A' cause, à cause d'une femme...

Por tua causa tambem minha alma, ha tres longos dias, estava tão triste, tão triste... Porque, querida, durante tres dias, ao sol da minha vida não se aqueceram nem ella, nem meu coração. Tu me faltaste. Tu não vieste. E, em vão, eu te esperei. Em vão, entre as banhistas de Ipanema procurei descobrir aquella em cujos olhos negros e serenos foi palpitar, scintillar, brilhar o raio de sol que me coube na vida.

Até a praia parecia tomada de tristeza e de inquietação, como se o sol deslumbrante, que a cobre com seus beijos quentes, sentisse tambem a tua ausencia, e, indifferente, não désse plena expansão á caricia doida da sua festa de luz.

Hoje porém tu vieste e a praia e o mar, e o céo, e o sol — tudo te recebeu festivo, alacremente.

Eu, eu não quiz, porém, dar-te logo a entender a alegria de criança com que te acolhia. Fiquei retrahido, a observar-te de longe, emquanto as ondas brincalhonas faziam festas a teus pés.

E só quando, desequilibrado-me, vieste a correr para mim, acariciando-me com a luz suave de teus olhos negros fitos nos meus, é que, deslumbrado e feliz, deixei expandir-se e espraiar-se tambem a teus pés a onda de ternura da minha alma e de meu coração.

E no mar verde de meus olhos, querida, tomaste um banho de caricia...

ROSAS DE SANTA THEREZINHA

Meu principe e meu amor. — Não sei por que de certo tempo para cá sinto-me inquieta, intranquilla. Meu principe e meu senhor... perdôe-me, perdôe á sua Santa Therezinha este instante de duvida.... mas acho-o tão

UMA corrente viva de jovialidade e de encanto radioso.... A garota é um élo fragil que promette ser forte....

VINCULADAS por um só laço de graça, de harmonia e belleza. «L'union fait la force»... da conquista... de um noivo...

differente, tão mudado!

Que tem você? Por que não me escreve? Por que não respondeu, até hoje, á minha ultima carta?

Ando tão preoccupada, tão afflicta... Será que você já não me ama, que outra mulher lhe roubou o coração, seu coração que julguei meu para sempre, meu principe?

Perco-me num mundo de conjecturas e de supposições loucas, que me torturam e me entristecem profundamente.

Não! Não pode ser — isso seria cruel demais — não é? — você esquecer-me, você deixar de amar a sua Maria do Céo, do... céo só porque encontrou a você na terra e pela felicidade, pela divina felicidade que lhe trouxe o seu amor.

Mas... esse silencio, esse silencio fóra de proposito, esse silencio tão expressivo, que me angustia, que traz até mim tão só o éco de uma dolorosa inquietação — que significará, meu Principe?

Até o tempo aqui veiu contribuir tambem para mais me amargurar. Chove continuadamente no meu longinquo sertão mineiro e aos dias claros, de sol, illuminados e festivos, succederam os dias sombrios, tristes — sombrios e tristes como minha alma.

Minhas rosas — o roseiral onde, todas as semanas, vou colher as flores que habitualmente lhe envio, parece um jardim de inverno, um jardim a ostentar uma esquisita floração de melancolia...

Escute, não lhe posso escrever mais. Trémulas, no espelho da minha retina, volvida ansiosamente para você, para o meu passado ainda de hontem, uma a uma, silenciosamente, rolam e deslisam pelas minhas faces as lagrimas que já não posso conter e que vão pontilhando o papel em que lhe escrevo com uma reticencia de... dôr.

Como sou fraca, eu, que me julgava tão forte, eu, que desconhecia, até bem pouco, a dor de amar, o soffrimento, a tortura do bemquerer! Mas prefiro que assim seja, meu Principe, porque tudo que me vem de você é sagrado para mim: amor, carinho, soffrimento, tudo...

Depois, não sou eu sua escrava? Não é você meu... *senhor?* E contra o *senhor* a escrava, humilde e dedicada, não tem o direito de rebellar-se... não é?

Não, não me revolto, não me rebello. Soffro, soffro muito, e sinto-me feliz ainda em soffrer por você, pelo nosso amor.

Não seja máu, porém, meu Principe, e venha em auxilio de sua Santa Therezinha, da sua sempre — *Maria do Céo.*

SEARA ALHEIA

De Henrique Bustamante y Ballivián.

Alma, cómo ardían los luceros del cielo del trópico
en esa noche funeral,
cuan sangrienta era la luna,
cuan blanca la láctea vía sideral
y cuan lleno de dolor el réquiem
que vertía en la noche el rumor del mar;
como lloraba todo,
y tú no podías llorar!

La vida estaba suspensa,
como en la eternidad;
tú no sabías si estabas soñando,
si era un doloroso recuerdo que venía a sollozar,
si tu vida se iba, sin saber de donde
la venían a llamar.
Del dolor y de la angustia
era todo más allá,
y, sin lágrimas ni suspiros,
esperabas, sin saber que esperar.

Lenta pasaba la sombra
de la nocturnidad,
y las palabras que no decían nada
tomaban aspecto trascendental.
Cada paso, cada rumor, cada hoja caída
eran como un alma que se va.

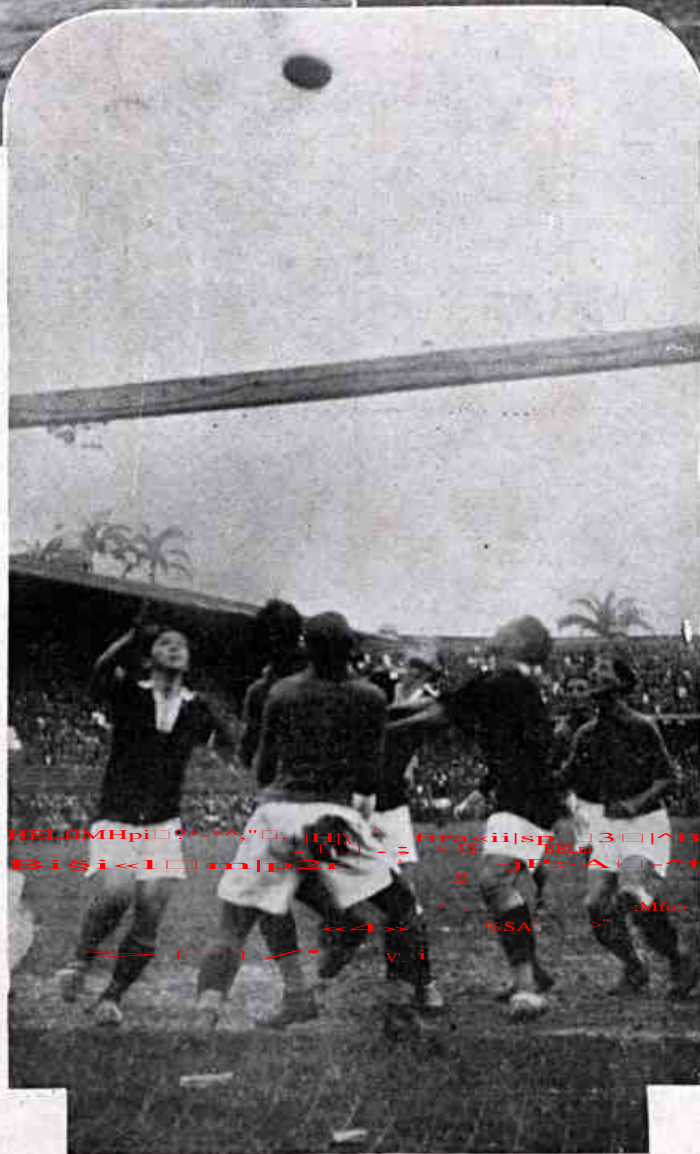
De pronto se hizo la luz dolorosa,
y aun así no podías llorar.
Te vi, toda pálida,
ir hacia otra palidez mortal.

Tenías suelto el cabello
y su muerta alegría parecia suspirar
en el pecho en que la angustia
no palpitó jamás.

Tú me dijiste entonces: "Lo que pude vivir ha pasado,
lo que soñé, ya nunca ha de llegar..."
Estabas tan triste que llorabas,
y yo no pude llorar.

FILIGRAMAS

Na luz vaporosa cuão se distinguia, mas as perspectivas se tornavam incertas, fluidas, á distancia, os tons confundiam-se, as formas eram indefinidas. Cada pedra, cada tronco, cada arvore antes pareciam o reflexo delles na agua tranquilla dum lago do que elles proprios. Esquecia-se a realidade da natureza ante aquella paisagem de sonho. Na serenidade do espaço mal vibrava um murmurio de moinho gyrando, um bater espaçado de monjolo, um grito de coruja. E mil rumoresinhos mysteriosos cochichavam nas sombras...

Noite de luar!

FILIGRAMAS

As tentações das grandes cidades estragam moralmente a vida. Para os pobres, os humildes, os simples de coração e os bons, viver no campo ou nos pequenos meios é preferivel. Porque não vendo o que vêm nos grandes centros, estão mais aptos a se conformarem com o pouco que tenham, sem a menor necessidade de sentir dentro de si o doloroso bater de asas dos desejos insatisfeitos.

Dahi aquelle profundo proverbio bretão: "o pobre que não vê ricos quasi que deixa de ser pobre."

Realizou-se domingo passado, no «stadium» do Fluminense, a primeira das tres grandes partidas que decidirão o campeonato de football da cidade. O America e o Vasco da Gama, entre os quaes está oscilando o titulo de campeão de 1929, foram os dois clubs contendores de domingo, e jogaram tão bem, que sahiram do campo como nelle haviam entrado: nem vencedores nem vencidos. Estão nesta pagina tres flagrantes do grande jogo no «stadium» do Fluminense.

FRANJAS

Olho tanto para os seus olhos... Sei que elles são pequeninos e rasgados como os olhos encantadores das gheishas. Não sei, no emtanto, de que côr elles são.

Pedi agora á minha saudade que me dissesse de que côr são os olhos bonitos que você tem. Minha saudade é fantasista. Deu-lhes nuances de ternura e de fascinação. Disse tambem que os seus olhos são dois sonhos brincando de felicidade...

Minha saudade está hoje tão risonha...

Oh! decerto ignora que você partiu para não voltar nunca mais...

Eu d'irei sempre que os seus olhos são negros. Negros como a minha dôr, como a noite apagada de minh'alma.

E a saudade hade vir sempre espalhar constellações fulgurantes nas duas miniaturas de noites dos seus olhos negros...

MATTOS ALÉM.

Outros aspectos do grande encontro America-Vasco, que domingo movimentou o «stadium» do Fluminense e empolgou os nossos meios sportivos. São phases sensacionaes do importante jogo que deu inicio á disputa final do campeonato carioca de «football».

"INQUIETOS"

O romance do sr. Luiz Delgado é, desde o titulo, exacto. Corresponde á séde que nos atormenta, a vozes interiores que ignoramos subam do nosso ser, ou da realidade ou irrealidade dos outros... Encontramo-nos deante de figuras que o romancista, mansamente, com o gosto da analyse, surprehendeu na vida.

Nenhuma fabulação. O creador não fantasia sublimidades ou mesquinhezas para tornar menos ou mais desinteressantes as suas creaturas. A audacia, a generosidade, a fé não constituem imperativos para quem se dispõe a catalogar, depois de conferir, os artigos de indefinivel commercio, que são os homens... Nem o seduz qualquer prova, observando as almas, porque a luz não lhes alcança todos os angulos.

Paulo Garcia, Claudio, Bemvenuto, Alfredo Tavares, Eugenio e o professor Pires são os seus "inquietos". Que desejam? o movimento, a contemplação, a indiffrença? O primeiro é um hesitante, que se procura avistar, dia a dia, sem frieza e sem fervor. De uma familia de agricultores, nasceu com nervos placidos, indole doce e quieta, que tacteia, incapaz de escolher o caminho melhor.

A sensualidade violenta corrompe, pouco a pouco, a timidez cerebral de Claudio. Ha em Bemvenuto a aspiração socialista, o prazer de subir, dissimulado na flamma que toca o idealismo ingenuo de Alfredo, para as revoluções vingadoras. Solitario, Eugenio procura ajuste entre o seu destino e a disciplina do contingente.

Todos são novos, de uma geração que desconhece as suas origens, por obscuras. Todos realizam a vida, sem conseguir entendel-a, soffrendo, sorrindo, avançando, esquecendo... O professor Pires, propagandista da Republica, inactual na sua velhice, amarga o vexame do regimen nascido "sem uma conferencia sua". Faz-se prudente por suggestão, desapprovando a temeridade dos que combatem.

Esses "inquietos" acabam vencidos, no impeto ou silencio, em um nivelamento anonymo. Assim Bemvenuto, Alfredo Tavares e o professor Pires. Morta a pureza moral, numa tragedia de rua, succumbe Claudio. Eugenio e Paulo Garcia, voluptuosos da indecisão, por mais que o queiram, não se reconhecem nos espelhos que a vida, com uma ironia maliciosa, lhes distribue, concavos, convexos...

A prudencia, a audacia, os sonhos de belleza fôram colhidos pela mesma decepção, resvalando no mesmo precipicio... De que lhes serviu a refrega ou a serenidade? O livro do sr. Delgado não nos deve, não nos póde responder. Para que nos movemos ou nos fixamos? Empolgará os destinos a sombra que hirta, lá no alto da montanha, os espera... Sombra talvez repousante caminho para a luz? Não o sabemos.

O sr. Luiz Delgado romanceia para se commentar e commentar-nos. As idéas não lhe parecem brinquedos que, infantilmente, conviria desmontar, sem intuito. Communica aos seus personagens ternuras discretas, sonhos, affirmações nitidas, delicadezas de su'alma.

Relampagueiam em "Inquietos" aphorismos, verdades fortes, sentenças de legitimo pensador. Esta, por exemplo, bastaria para justificar um livro: "Ás vezes, duas almas se encontram e se reconhecem, e, fóra daquelle instante, se apagam".

Esses aphorismos não nos offerecem o sabor dos manipulados, no tempo e no espaço, por centenas de espiritos, e, afinal, de qualquer fórma, nos parecem familiares. O pensamento do romancista é sempre grave, de uma gravidade secca e abafante, á Machado de Assis, refugindo á frescura, á surpreza das imagens. Sóbrio, nunca seria um colorista, por menos vigoroso, porque, talvez, a côr lhe pareça uma violencia indesejável para os sentidos.

Dou-me a pensar nos outros livros que o autor enfeitiçante escreverá. Nas suggestões, deducções e symbolos com que nos fará soffrer o espectaculo do poço profundo, onde as estrellas não gostam de se reflectir, que é a creatura humana. Na harmonia desse espirito que nos convida a reflectir em nossa inquietação.

OLIVEIRA E SILVA

"ALMAS DESOLADORAMENTE FRIAS..."

Almas desoladoramente frias
de uma aridez tristissima de areia,
nellas não vingam essas suaves poesias
que a alma das cousas, ao passar, semeia...

Desesperadoramente estereis e sombrias
onde passam (triste aura que as rodeia!)
deixam uma atmosphera amarga, cheia
de desencantos e melancolias...

Nessa arida rudeza de rochedo,
mesmo fazendo o bem, sua mão é pesada,
sua propria virtude mette medo...

Como são tristes essas vidas sem amor,
essas sombras que nunca amaram nada,
essas almas que nunca deram flôr...

RAUL DE LEONI.

Os amigos e admiradores do saudoso poeta Raul de Leoni, o estheta de «Luz Mediterranea», o anno passado lhe renderam commovente homenagem com a inauguração do seu mausoléo em Petropolis, a cidade das nevoas puras e das hortensias e que o fidalgo poeta tanto amava. No dia 21 do corrente, passa o terceiro anniversario do seu fallecimento. Novamente, os seus amigos e admiradores irão render á sua memoria uma piedosa homenagem. A' beira do tumulo do artista de tão lindos versos falarão varios oradores, inclusive o poeta Francisco Villaespesa. Associando-nos a esse tributo de saudade, publicamos os dois sonetos de Raul de Leoni, que se encontram nesta pagina, e a ultima photographia do poeta.

VIVENDO...

Nós, incautos e ephemeros passantes,
Vaidosas sombras desorientadas,
Sem mesmo olhar o rumo das passadas,
— Vamos andando para fins distantes...

Então, subtis, envolvem-nos ciladas
De pequenos acasos inconstantes,
Que vão desviando, a todos os instantes
A linha leviana das estradas...

Um dia, todo o fim a que chegamos,
Vem de um nada fortuito, entretecido
Nas surpresas das horas em que vamos...

Para adeante! ó ingenuos peregrinos!
Foi sempre por um passo distrahido
Que começaram todos os destinos.

RAUL DE LEONI.

FILIGRANAS

Nós estavamos sentados no respaldo da longa janella americana, de costas para o mar, naquella tarde de domingo. Um rouferrho jazz-band estrugia na sala. As mulheres rebolavam os corpos seminús nos meneios dos trotes exoticos. Os rapazes encostavam os rostos imberbes ás suas faces macias. O chá fumegava nas chicaras de porcelana frisada de ouro. E lentamente a noite descia sobre a praia deserta.

Nós conversavamos dos eternos problemas que a humanidade antiga consubstanciou symbolicamente na esphynge. E o nosso pensamento corria louco como uma chimera...

Nisto, uma dama se approximou de nós, mostrou as perolas da bôca sangrenta e disse, o dedinho rosa espetado no ar:

— Fazendo confidencias, hein?...

E nós fizemos que sim, com a cabeça. Ella afastou-se. E o meu amigo murmurou:

— E' das que têm um guiso dentro da cabeça...

— Um? repisei eu, não: meia duzia...

Na Faculdade de Odontologia da Universidade do Rio de Janeiro foi prestada, sabbado ultimo, significativa homenagem ao professor Abreu Fialho, pelos grandes serviços daquelle mestre ao nosso ensino odontologico. Essa homenagem consistiu na inauguração de uma placa de bronze com a effigie do dr. Abreu Fialho e a data da officialização do curso de odontologia no Brasil.

O dia do empregado no commercio teve, em Recife, entre outras commemorações, a da sessão magna promovida pela Associação dos Empregados no Commercio de Pernambuco, e que se realizou com a presença de figuras representativas da sociedade recifense. No grupo acima, tomado por occasião dessa solennidade, apparecem, além de outros, o representante do governador do Estado, capitão José de Aguiar, o general A. Lavenere Wanderley, commandante da 7.ª região militar; o sr. Eliel Moreira da Costa, presidente da Associação dos Empregados no Commercio de Pernambuco; o deputado Arruda Galvão e os drs. Godofredo Freire e Ildefonso Magno.

TREPAÇÕES

O cavalheiro estava ansioso. O baile no elegante club já havia começado e, no emtanto, alguem, que era o seu encanto, a Cinderella da festa, ainda não tinha apparecido.

O cavalheiro, impaciente, ia e vi-

Julio, galante filhinho do nosso confrade Dupuy de Lome Moreno director da succursal de «La Prensa» nesta capital.

nha, por entre a multidão rutilante, afim de ver si descobria a formosa madame. E nada.

O nosso heróe estava já para desesperar, quando a encantadora madame deu entrada no salão, com a sua frescura de mulher joven e bonita e o seu decote escandaloso.

O cavalheiro exultou. Mas com tão grande dominio sobre si, que ninguem percebeu o seu contentamento.

Minutos depois, elle dizia, sério, e com uma grande linha:

— Dá-me o prazer de dançar esse fox, madame?

E ella:

— Pois não...

Elle enlaçou-a e suspirou ao seu ouvido:

— Por que demorou tanto, *suquinho?*

O resto não ouvimos...

* * *

O casamento do rapaz bastante conhecido nas rodas onde a gente se diverte está novamente annunciado para breve.

Ha quem acredite que desta vez o enlace, esperado ha muito, venha a ser uma realidade.

Nós ainda duvidamos e a noiva parece que é de opinião igual á nossa.

Pelo menos esta é a conclusão que devemos tirar de umas tantas attitudes ultimamente assumidas pela noiva, pois, de outro modo, não comprehendemos o que quer dizer a historia de um *flirt* com um joven official...

Umas fugidas escondidas, dos de casa, até a esquina, onde a gordinha apparece de quando em quando, e até discrétos encontros numa sala de cinema estão a indicar que *mademoiselle* não acredita no seu noivo, ou então que não está disposta a esperar, um, dois, tres annos pelo casamento tantas vezes annunciado e addiado...

A menina Maria Ione Rino, netinha do dr. Fabio Rino e de d. Francisca Rino.

E *mademoiselle* está com a razão, pois, quem muito espera... desespera.

* * *

O verão resuscitou a linda figura das areias de Copacabana. Resuscitou-a porque ella havia desapparecido desde que o inverno tornára deserta de sorrisos luminosos a orla branca da grande praia aristocratica.

Mas, o inverno se foi, e a morena de olhos voluptuosos resurgiu, para o encanto dos seus admiradores daquelle posto onde a sua plástica á Louise Brooks vira a cabeça voluvel dos homens...

Todas as manhãs e todas as tardes, quando as cortinas do céo estão descerradas, e o sol quente do verão derrama o seu oiro rutilante sobre a elegancia que alli acampa, mlle. chega, silenciosa, á praia, acompanhada sempre de uma irmãsinha ingenua, e se extende á areia, depois de se desfazer do roupão vistoso para melhor exhibir, a muitos olhos deslumbrados, o corpo de sereia. Não dá confiança a ninguem. Quem quizer que a aprecie assim...

No verão passado, ella fazia o mesmo. Chegava com a irmãzinha, deitava-se na areia, tomava seu banho e desapparecia até o dia seguinte. Ficou sendo conhecida, por isso, como a *Senhorita Orgulhosa*. Orgulhosa porque é bonita e moça. Si fosse feia e velha, seria... *Mlle. Melancolia* ou *Senhorita Desilludida*...

Os homens têm raiva das mulheres que não lhe dão confiança.

Aquella figurinha linda das areias de Copacabana, que resuscitou com o verão, não póde continuar a ser a *Senhorita Orgulhosa*, porque seu corpo de Venus bem merece o titulo de... *Miss Estrella do Mar*...

Carlos Marmo é um menino intelligente, que, com 29 mezes de edade, já conhece todas as letras do alphabeto e promette muita cousa antes dos tres annos... E' filho do sr. Nicolau Marmo e de d. Angelina Marmo, residentes no Paraná.

A corbelha de rosas, meu amigo, que stá aqui, a morrer, junto á minha mesa de trabalho, é um grito de amor, febril, delirante.

Estas rosas me fizeram recordar paginas antigas, que eu já houvéra jogado ao archivo do esquecimento. Você fez mal. Fez muito mal em fazer lembrar um passado rubro. Você é um quasi criminoso. Contrariando aquella proposição de Oscar Wilde, quando affirma que todos matam o seu amor, você é o criminoso que dá vida, a toda hora, ao seu amor que já morreu...

E você vae casar amanhã. Casa-se por amor? Casa-se por obrigação social? Por que? Acredite, ainda não descobri o verdadeiro motivo do seu casamento.

A's vezes, penso que você pretende variar um pouco de convivencia, casando-se com essa mocinha debil e inexpressiva. Porque, positivamente, você vae commetter uma rematada loucura.

Um homem elegante, cheio do amor das mulheres, um homem que possue essa sua cabeça crespa e revolta, interior e exteriormente, não se deve casar assim, com esse indifferentismo esteril. E' um attentado que você commette. Um ludibrio ás outras mulheres formosas e intelligentes que amaram em você o forte, o grande, o maravilhoso homem raro, nesta época de homenzinhos. Desculpe se lhe offendo a sua noiva pequenina e bôa. Quem sabe? Talvez, você ainda venha a ser feliz, com essa creaturinha que nos parece, a nós, os seus amigos, uma fatalidade ridicula ao seu destino tão formoso.

A vida é sempre um milagre de imprevistos. E você, que é superticioso, e tem chodó por macumbas e despachos, certamente, acreditará numa felicidade estranha, que essa mocinha inexpressiva lhe traga, talvez, á sua sorte...

Eu, porém, descrente que sou de feitiçarias, continúo a lamentar o acontecimento sensacional do dia: o seu casamento. Sinto devéras esse desenlace na sua existencia. Você tão generoso, tão cheio de individualidade, incorrer numa falta tão banal... Casar-se E com quem?... E para que?...

Os seus triumphos, na sua carreira, têm sido, evidentemente, triumphos pessoaes. Os seus meritos são pequenissimos, e, além de tudo, você sabe, admiravelmente, que o prestigio da sua seducção, da sua intelligencia são a sua varinha magica... Tudo mais, meu amigo, você saberá depois...

As effusões de admiração dos seus asseclas. As palmas que lhe batem ás suas victorias.

Tudo são fogos — fatuos... Não representam a verdade. Traem o sentimento mal occulto da sympathia amorosa com que as mulheres recebem os seus gestos, acolhem a sua elegancia. Eu tenho uma profunda saudade de você!

Foi a incentivadora da sua vida. A mestra humilde das suas atitudes. E por isso, recebi sempre, em grande parte, com tristeza ou com orgulho, as injustiças e os louvores que lhe lançaram á vida.

Comprehendi, que havia em você um traço de interesse real para um desenvolvimento artistico. E quando você surgiu, pobre, sem affirmação brilhante, eu tomei do seu pulso, senti-lhe o hythmo vigoroso, e defendi o homem desejado e bello em que você havia de se transformar um dia. Você foi um pouco da minha esperança. E chegando a ser realidade, tornou-se-me desencantamento.

E' sempre assim... A melhor ventura é aspirar. Realizar é triste consummação.

Quando você attingiu ás minhas previsões e aos seus sonhos, vae luzir em destino cadente, para um occaso sombrio.

E desse amor, que estas rosas accordam lembranças tão gratas, você se esqueça como se deve esquecer dos sonhos gloriosos que você sonhou.

Não resta nada dos dias perfumados que se foram...

Não. Nada resta.

A sua cabelleira revolta?... As minhas mãos de feiticeira?... Esqueci tudo.

Tudo voltou ás suas fórmas materiaes, sem a reviviscencia de uma esperança..."

:: Lanternas de Papel ::

O CULTO DA FORÇA

O dr. Ewaldo Figueiredo Santos, o joven medico paulista que acaba de regressar da Europa, transitou pelo Rio, ha dias, a bordo do «Cap Arcona», com destino ao seu Estado. O dr. Ewaldo Figueiredo volta ao Brasil depois de quasi dois annos de permanencia no Velho Mundo, onde visitou as principaes cidades e os mais importantes hospitaes, observando os modernos processos da ophthalmologia, de que é especialista.

A rainha Christina da Suecia affirmou que a força é o unico segredo de tudo conseguir. E, si analysarmos com bôa intenção o conceito da filha de Gustavo Adolfo, concluiremos que tem razão. Porque é a força moral quem domina o mundo e é a força physica que prepara a força moral. Nenhum organismo combalido, nenhum corpo fraco, nenhum individuo enfermiço póde ter coragem e valor, a não ser excepcionalmente. E, por isso, os latinos exigiam o corpo são para que a alma fosse sã.

A força dá a consciencia integral da individualidade, dá a pujança, a plenitude da saúde physica e, com esses attributos, produz a calma, mãe da verdadeira coragem. O homem physicamente forte é um equilibrado. Tem a certeza de saber e poder defender-se. Não ataca. Guarda o sangue frio nas peores emergencias. Difficilmente será criminoso por impulso. E a sua tranquillidade majestosa impõe necessariamente sua personalidade.

A simples observação ensina que os povos eugenicos são os mais virtuosos, no sentido mais lato que se dê á palavra virtude, do que os povos fracos ou de sangue inferior. Elles não procuram sua defesa pessoal na arma prohibida ou nos expedientes da covardia. A solida murraça resolve os pleitos entre os individuos, sem que a morte nelles intervenha. Sua moral é mais alta. Sua vida social, mais sadia. Sua vida economica, mais farta.

O culto da força, nesse sentido, vem de tempos immemoriaes. Não vejamos na divinização dos diversos Hercules do Oriente e do Archipelago simplesmente o que possa parecer aos espiritos de vôo curto: mera adoração da força material, do musculo, sem outra finalidade. Não. Porém a religião da cultura physica no que ella representa de mais geral e completo como esforço para a robustez racial, para o aperfeiçoamento das altas qualidades de luta e defesa do individuo, para se attingir o typo supremo, physico e moral, para a saude e para a belleza!

O gymnasio grego é, nesse proposito, uma instituição maravilhosa e delle saem os hoplitas e os athletas, mas tambem os legisladores e os heróes. Graças ao gymnasio, republiquetas ridiculas como territorio — Athenas, Sparta, Thebas, desafiam a colera dos reis, povoam o mar de triremes, sustentam os choques de guerras infindaveis, resistem ás tyrannias e anarchias, esperam de pé as phalanges macedonicas e sómente curvam a cabeça quando as catapultas de Roma rodam sobre o mundo. E, refazendo as olympiadas, erigindo os estadios, creando os concursos athleticos, federando as associações esportivas, organizando os "sokols" tcheques, as ligas de gymnastas allemães, os escoteiros universaes e tantos outros, o mundo moderno segue as lições do mundo antigo.

Os apressados jornaes desta éra febril, celebrando os campeões do pugilismo, do futebol, do remo, da pelota e do proprio disco redivivo e do proprio dardo restaurado, imitam simplesmente os autores de outr'ora, que fizeram chegar até nós a fama dos grandes athletas. Luciano de Samosata fala-nos de Glauco da Karystia e de Polydamas da Thessalia, Dionysio Siculo refere-se a Dioxippo "cuja gloria recahia sobre todos os gregos". Aristoteles cita, com Thucydides, o celebre Dorieus. O conde Graciano, pae de imperadores, vive nas paginas de Ammiano Marcellino. E Nicostrato, nas de Tacito e Quintiliano.

Entre todos os famosos athletas dos tempos idos, cuja memoria se venera, dois como que resumem em suas personalidades o prestigio de todos: Milo de Crotona, cantado pelos poetas gregos, e Sansão, perpetuado num dos mais notaveis episodios biblicos. Do segundo se diz que, cégo e acorrentado, posto entre as columnas mestras do templo philisteu em festa, empurrou uma para cada lado, fazendo abater o tecto para esmagar seus inimigos. Do primeiro se conta que, estando num banquete, estralejou e ameaçou ruir a cobertura da sala. Elle, então, trepando a uma mesa, metteu os hombros ás traves e, cariatide humana, aguentou o madeiramento que ia desabar, dando tempo aos convivas que se retirassem.

As duas lendas completam-se num magnifico symbolismo. Nellas se vê o poder destruidor e o poder constructor da força, seu potencial de energia para o mal e para o bem, como as duas faces da mesma moeda. Cultivemos o exercicio physico, rendamos culto á força sempre que ella fôr util á humanidade, como a de Milo de Crotona. E só em recurso extremo a empreguemos como a empregou Sansão.

CLAUDIO FRANÇA

Os amigos e admiradores do dr. Alfredo Vianna Filho, illustre e conceituado medico nesta capital, promoveram, quinta-feira ultima, 7 do corrente, data de seu natalicio, significativas homenagens de estima e sympathia ao distincto clinico patricio. A essas expressivas e justas manifestações de apreço, procurou, porém, modestamente, esquivar-se o dr. Vianna Filho, seguindo para Petropolis, onde, ainda assim, o foram alcançar os cumprimentos e votos de felicidade de todos aquelles que, tendo o prazer de seu convivio pessoal, sabem admirar-lhe o espirito e a cultura, e, tambem, seus nobres e elevados predicados de caracter e de coração.

Na residencia do noivo, em Copacabana, realizou-se, na semana passada, o enlace da senhorita Hilda Magalhães, com o dr. Rubens Mendes Vianna. O acto teve um cunho de fina e elegante simplicidade.

FILIGRANAS

As flôres curvavam-se curiosas á beira do caminho. Nem um vulto de homem estragava a paisagem que os meus olhos maravilhados viam. No fundo dos arvoredos tranquillos, os passaros chilreavam; de lá vinha o sussurro das fontes e o ciciar das fôlhas; e, de quando a quando, o estridulo apito duma cigarra cortava o espaço morno e quieto.

Na concha do valle, entre eucalyptus immoveis, branquejava uma torre de egreja. E, ao longe, por toda a parte, os gallos trombeteavam seu canto glorioso.

Dia de sol!

Mlle. Jurema Cabral e o dr. J. Wenceslau Junior, que se consorciaram, o mez passado, em Muzambinho, cidade de Minas. Os recem-casados residem, actualmente, em Alfenas.

Um flagrante do enlace da senhorita Hilda Camara com o tenente João Manoel Lebrão. Os noivos apparecem ahi entre suas progenitoras e seus tios e padrinhos, o industrial Manoel João Lebrão e senhora.

TEM!

Vem! Meu coração te chama anhelante e saudoso!

Dá-me o carinho silente dos teus olhos feiticeiros! Elles são para os meus olhos o que a aura fagueira é para as rosas do jardim, nos rosaes perfumados... Fita-me em silencio! Eu amo o teu olhar de brando fogo e de infinita ternura!... Eu antes quero ver-te silencioso e quedo como um excentrico e esthetico monge, cheio de graça mascula, do que deixar de ver-te, embora saiba que estou no teu pensamento. Vem! A minha vida sem a tua presença é uma longa e lenta agonia! Vem! Vivifica-me com a luz doce e dolente dos teus queridos olhos!

Por que me encantaste, ó Feiticeiro Merlino dos meus sonhos de outr'ora?!...

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

HA dias venho vivendo uma vida verdadeiramente da... China, taes as surprezas, os lances inesperados que me sacodem a alma, o coração e os nervos. E fico a lembrar-me dos episodios, das passagens de um livro de Julio Verne — As attribulações de um chinez na China — que já li ha muito tempo, tanto que já nem me recordo quando...

•

ISSO, porém, não vem ao caso. O que importa, no momento, é a minha presente attribulação, aquella em que me traz Melindrosa desde que, fraca e tolamente, lhe dei a certeza d omeu amor, confessando-lhe, ingenuamente, que por ella faria até o sacrificio do casamento.

•

VEJAM o que faz um momento de pieguice na vida de um homem. Vejam e que os incautos, todos os piégas do mundo, não esqueçam jamais o triste exemplo que lhes estou offerecendo.

"Tarde piaste, Esaú e, agora, é cahires na rêde do conjugo vobis, sem tugir nem mugir, a não ser que á tua consciencia leal e bôa não repugne uma escapatoria, uma sahida á ingleza, um tanto desairosa. Sempre te dizia: Esaú tem cuidado com o idiota de teu coração. Ouve-me a mim — tua razão — que sou mais secca e retrahida, convenho, do que elle, mas muito mais tua amiga. Cahiste numa cilada, numa verdadeira e indecente armadilha, porque quizeste. Bem que te abri os olhos, mais de uma vez, a mostrar-te o abysmo que seria para ti o apparente prato raso da vida de Melindre. Aquella simulada tentativa de suicidio, para com mover-te e arrastar-te á grande maluquice que estás na imminencia de commetter, tu recebeste como uma grande e indiscutivel prova de amor. E não sentiste que até os cantos de tua fronte estavam a bradar, revoltados, contra esse amor de peccado, que te levará, um dia, a tomar parte, a gosto ou contragosto, em conhecida e camarada irmandade."

•

ORA, meus senhores, tudo isso, toda essa ordem de considerações constitue uma verdadeira tortura, uma ponte de supplicios bem temerosa e falsa para os que querem passar da vida folgada de solteiro para o inferno do casamento, da vida a dois, ad perpetuam.

NOTAS THEATRAES

Salles Ribeiro é o primeiro tenor da Companhia Eva Stachino e é um artista de bella voz, que tem recebido os mais enthusiasticos applausos da nossa platéa. Salles Ribeiro, que é uma figura de prestigio do theatro portuguez, festejada dentro e fóra de seu paiz, visita-nos agora mais uma vez.

—

E Melindre? A serigaita não me deixa tranquillo mais um segundo, um instante. Ainda não fiz o pedido — o tal pedido official, que é a coisa mais off... side deste mundo — e ella, toda dengosa, com um arzinho cynico de quem arranjou um coronel, vive a apresentar-me a uma récua de individuos suspeitos — almofadinhos já se vê: — "meu noivinho, Esaú — o amiguinho, Fulano, Esaúzinho."

•

EU, com o meu geitão de martyr da grande bobagem sentimental da humanidade, sorrio pateta e heroicamente ao mesmo tempo, muito embora a dôr de... cabeça formidavel que de certo tempo para cá, me traz positivamente fóra dos eixos.

•

HONTEM convidei Melindre para um passeio. E levei-a, de proposito, para a Quinta da Bôa Vista. Ahi, calmo, sentei-me ao lado della, num banco rustico e fui-lhe dizendo:

— Escuta, Melindre. Sabes que te amo, que te quero, e que, por isso, e só por isso, estou disposto a casar-me comtigo. Tu, porém, além de seres mulher és tambem melindrosa, e, até hoje, tens levado a vida conforme as gaitas que te tocavam. Agora, ouve bem: só uma gaita vae tocar para ti e só conforme a sua musica é que deves dansar...

— Sim, Esaúsinho, tu vaes ser a gaitinha de tua Melindre...

— Sim, e só eu, se não queres sentir o peso da Favella do meu amor...

— A Favella do teu amor, Esaú! Que queres dizer com isso?

— E' que assim como sou um homem polido, educado, fino, sou tambem um homem da Favella, quando, em materia de amor, uma mulher qualquer entender fazer de minha respeitabilidade uma especie de casa da Viuva Costa...

— Meu bemzinho, tu estás doido! Terás bebido demais, Esaúsinho? Se não crês em mim, no meu amor, é melhor acabarmos com isso, Esaú. Tu me insultas! Adeus. Vou atirar-me debaixo de um automovel. Isto não é vida!

— Melindre, vem cá, filhinha. Não penses em tolices. Tenho um ciume louco de ti. Ciume e medo de que, um dia...

— Não. Nunca. Amo-te e só a ti, Esaúsinho. E, para ficares tranquillo, vou prometter-te uma cousa...

— Que é? Anda, dize...

— Nunca mais cumprimentarei a qualquer almofadinha, nem irei a parte nenhuma a não ser em tua companhia...

— Sim, queridinha, obrigado. Como tu és bôasinha, minha Melindre adorada...

O mais não digo. O guarda é que acabou, camaradamente, por nos piscar o olho, como quem diz: basta, meninos, de maluquice.

ESAÚ & JACOB

As gravuras acima focalizam dois aspectos das cerimonias commemorativas do primeiro anniversario do fallecimento de Jackson de Figueiredo: ao alto, após a missa na Pedra da Joatinga, quando discursava o dr. Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde); em baixo, a mesa que presidiu á sessão publica do Centro D. Vital, vendo-se, na tribuna, Tristão de Athayde, presidente daquella associação.

JACKSON DE FIGUEIREDO

No dia 4 de novembro corrente, data do primeiro anniversario do passamento do inesquecivel escriptor, dr. Jackson de Figueiredo, seus amigos e admiradores tomaram a iniciativa de levar a effeito, sob o patrocinio do Centro D. Vital, commovedoras solemnidades.

Além da missa de requiem, celebrada na Cathedral Metropolitana, por s. excia. revma. D. Sebastião Leme, acolytado pelos revmos. Monsenhor Mello e Souza e conego Benedicto Marinho, foi rezada tambem pelo revmo. padre José Gomes, vigário da Gavea, uma missa em suffragio da alma do saudoso pensador patricio, na Barra da Tijuca, na Pedra da Joatinga, de onde foi elle, ha um anno atraz, arrebatado pelas ondas. Procedeu-se tambem ahi, após a tocante ceremonia religiosa, á inauguração de uma cruz de marmore incrustada na rocha, com os seguintes dizeres: *Jackson de Figueiredo 1891-1928*, fallando, por essa occasião, Tristão de Athayde e Aggripino Grieco.

A' noite realizou-se ainda, no Circulo Catholico, uma sessão publica presidida pelo dr. Afranio Peixoto, tendo fallado sobre a personalidade do notável escriptor os drs. Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athayde) presidente do Centro D. Vital, e Pontes de Miranda.

Ao ser encerrada a sessão, o dr. Afranio Peixoto, depois de dizer algumas palavras de saudade sobre o grande e inesquecível amigo, cuja memória ali se commemorava, pediu aos presentes para que, de pé, meditassem durante um minuto sobre a vida de Jackson de Figueiredo — o intemerato e valoroso combatente catholico.

—

INTERESSES DO DISTRICTO

Um senador imaginou fazer, do Districto Federal, uma unidade autonoma da Federação.

Para tanto, apresentou um projecto ingênuo, cheio de artigos e paragraphos, um projecto de arromba...

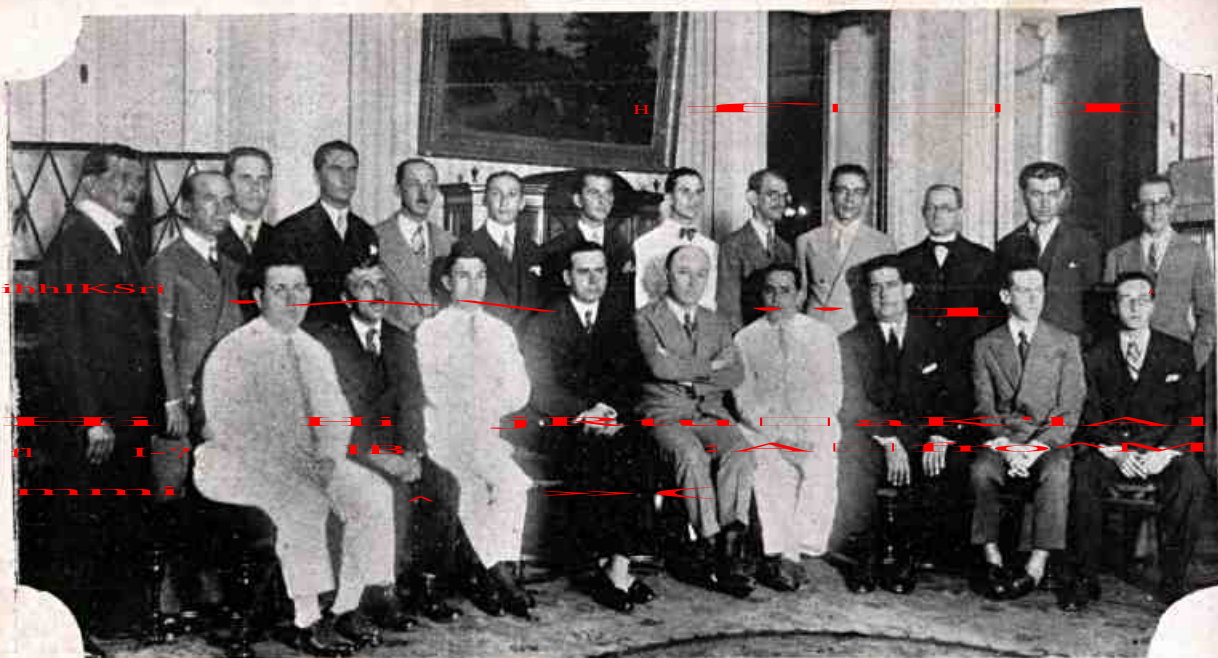
O povo, que está cansado de aturar os comediantes da politica do Districto Federal, deve ter achado graça.

De coisas complicadas nós estamos fartos.

O que se quer é juizo e trabalho, nada mais.

Já temos o chamado Legislativo Municipal, que affronta o brio e a paciencia do carioca, pois cuida de tudo, menos do legitimo interesse da população do Districto.

O senador devia antes pensar em um projecto acabando de vez com o tal Conselho, isto sim, que era um allivio geral, principalmente para as finanças da cidade.

O resto é bobagem...

O dr. Decio Parreiras, que acaba de regressar de Pernambuco, onde representou o Estado do Rio no Congresso de Hygiene recentemente alli realizado, foi, por esse motivo, homenageado pelos seus amigos e collegas, que lhe offereceram um almoço, quinta-feira penultima, no Palace Hotel.

[illegible]

Linha atravessada:

— Tu não és mais a mesma...

— Eu? Por que, querido?

— Sim, tu.

— Mas cite um facto, dê uma prova qualquer disso.

— São coisas que se não provam nem testemunham, porém que o coração adivinha nas menores coisas, que a alma sente nas menores expressões...

— Oh! eu daria tudo para tirar-te essa duvida. Entretanto, nem sei o que dizer...

— E', nem sabes...

— Sim, não sei, mas virá o dia em que verás o contrario...

Tossi sem querer. As duas vozes:

— Tem gente na linha. Vamos desligar.

E desligaram...

Com a presença das figuras mais representativas do nosso mundo medico, realizou-se, sabbado ultimo, a inauguração do Instituto Laringologico, á rua Alcindo Guanabara. São directores do novo estabelecimento, destinado a doenças de garganta, olhos e ouvidos, os illustres cirurgiões drs. Augusto Linhares e Alvaro Tourinho, e ambos portadores de titulos que lhes dão o maior destaque nos meios medicos e sociaes. O flagrante photographico mostra um aspecto da solennidade.

II

A ENCHENTE

FOI em abril, na época das grandes chuvas.

A atmosphera, pesada até então, fez-se mais pesada ainda com o augmento do calor; o céo toldou-se por completo, escondendo-se atrás de nuvens grossas e negras, e pelas encostas das serras começaram a descer tenues gazes muito brancas, que os velhos plantadores apontavam medrosamente. Durante a noite, ouviram-se ao longe roncos surdos, que faziam estremecer todas as coisas, como si os trovões, deixando de correr no céo, tivessem passado a abalar o seio da terra.

E na manhã seguinte, quando acordámos aos primeiros clarões de um dia nebuloso e triste, o phenomeno já havia começado, a catastrophe tivéra inicio. Ao mesmo tempo que cahia do céo uma chuva forte, inclemente, quasi destruidora, que batia soturnamente nos telhados e nas janellas, as aguas do rio começaram a subir, a crescer, a galgar as margens, como si outros rios invisiveis tivessem vindo engrossar a caudal já por si volumosa que atravessava o villarejo.

Primeiro desappareceu a areia branca que separava as aguas da encosta barrenta; depois, o volume d'agua cobriu as faces quasi ingremes que formavam o pequeno valle em cujo fundo deslisava o rio nos tempos de calma; por ultimo, as planicies das margens, mais altas e mais distantes, as paredes das casas e as plantações foram sendo lambidas pelo lençol liquido que subia, subia, infatigavelmente, como arrastado para um destino certo.

Dias inteiros, talvez uma semana, a povoação viveu assim: no alto o manto pesado das nuvens, através do qual não passava o sol e, em baixo, o manto das aguas barrentas, quasi ennegrecidas pela terra que se desaggregava. Lá de cima, das portas dos casaes que se apoiavam nos flancos da collina e para onde corrêra todo o povo que morava na planicie, nós viamos o rio que se fizéra immenso, que avassalava as plantações, que envolvia as casas e que parecia querer galgar as serras para ir despejar a sua correnteza nas vertentes da montanha.

Os velhos plantadores diziam que as aguas, ao baixar, deixariam sobre a superficie o lôdo que fecundaria a terra, o lôdo bom que daria vida nova ás plantações, que faria farta a colheita do futuro. Tudo dependia de que a descida se fizesse lentamente e a enchente não demorasse muitos dias...

Mas o rio, como si soubesse das esperanças nelle depositadas, foi máo, foi traiçoeiro!

Certa manhã, ao despertar, vimos que o sol dourava tudo e que as aguas haviam descido, como puxadas por bomba infernal, quasi occupando o leito commum. Tudo fôra transformado: no alto, onde deixáramos sombras, encontravamos fulgurações violentas; na terra, onde deixáramos um lençol, encontravamos uma crosta de de lama, onde as folhas humedecidas do capim adheriam ainda. Chapinhando no lôdo, descemos da collina até a encosta da pendida e vimos que o colosso lá estava, novamente preso no seu leito, novamente transformado em correnteza, rolando para o infinito as suas aguas sujas, barrentas, furiosas, onde boiavam folhas e ramos.

Depois, foi a calamidade.

Dias de sol ardente trouxeram a peste, a febre, o apodrecimento das plantações, a fome. A terra, que as aguas deviam ter fecundado, tornou-se má, por excesso talvez de vitalidade, e destruiu as sementes, destruiu as raizes, destruiu os homens. E nós, no villarejo, vivemos dias de luto e de dôr, soffrendo justamente as consequencias daquillo que pensámos fosse feito para nos trazer a felicidade no futuro...

. . . .

Assim aconteceu entre nós dois.

O amor que te votei surgiu bruscamente, imprevistamente, gerado, talvez, pelo toque do meu olhar admirado na scentelha de majestade que de ti irradiava. A onda de sympathia que avassalou minha alma, na vez primeira em que te vi, cresceu, subiu, avolumou-se, até se transformar em torrente vertiginosa e louca, em verdadeira caudal de amor. A pouco e pouco, deixei que ella submergisse tudo que em mim vivia antes: primeiro foram os meus amigos, depois os meus caprichos, os meus sonhos; depois a minha tranquillidade, a minha vida; mais tarde eu mesmo, todo inteiro.

Vivi do teu olhar morno e mysterioso, do teu halito perfumado e brando como o roçar da brisa da contemplação da tua figura que resumia para mim o céo, a terra, o presente e o futuro. O meu passado desappareceu sob a enchente desse amor e a propria arvore das minhas esperanças não escapou ao teu assedio, pois tudo que eu esperasse da vida seria para depôr aos teus pés.

Muita gente chamou loucura a minha renuncia; houve quem dissesse que eu só despertaria daquelle amor quando fosse tarde, quando todas as minhas energias estivessem adormecidas, inutilizadas. Eu, porém, ria de todos, porque julgava que o teu amor era o céo, embora me puzesse na alma um inferno de ansia e de desejo, porque pensava que elle jamais acabaria a não ser comnosco, quando nós tambem tivessemos acabado para o mundo.

Mas tu, por que soubesses das esperanças que eu em ti depositava, foste má, foste traiçoeira!

Um dia, não sei como, fugiste da minha vida, como si te arrastasse o turbilhão infernal do mundo. Inesperadamente, os meus olhos, que estavam habituados a encontrar a luz da tuas pupillas, encontraram as trevas do abandono, e o meu coração, que estava acostumado a encontrar o calor de tua caricia, encontrou apenas

O Rio da Vida

(Conclusão)

o frio cortante da ausencia e do esquecimento.

Em minha alma, ficou apenas o lôdo pegajoso da saudade, tolhendo-me os movimentos, impedindo-me o despertar para nova existencia, cobrindo de negro tudo que antes andava dourado de alegria. Ainda hoje, annos passados, esse mesmo lôdo, secco e transformado em poeira, sobe-me á garganta e faz-me suffocar com soluços dolorosos.

Minha alma tornou-se esteril, pelo excesso de vitalidade do passado. Nella não medram mais as illusões e os sonhos e eu tenho vivido dias de luto e de dôr, soffrendo justamente as consequencias de um amor que julguei nascesse para me trazer felicidade no futuro...

A menina que foi ao circo...

A menina que foi ao circo ficou encantada!...

Viu o homem que engolia fogo... a mulher que dava saltos complicados...

E um cachorro que sabia lêr...

Gostou muito de tudo aquillo. Tanta belleza!

O domador com o casaco bordado de galões de ouro!

Nem reparou n'aquelle homem magro que extendia o tapête...

Não desconfiou que a rcupinha do cachorro que sabia lêr servia para cobrir as costellas eriçadas como palliteiro...

E a menina que foi ao circo voltou para casa, contente, mas achando muito curto o espectaculo.

— Si você soubesse como fez bem em ir s'embora logo!...

— Não vale a pena a gente ficar muito tempo neste circo! Acostuma com os trabalhos... Sabe que o leão é cégo e manso.

Não fica com medo... nem acha perigoso...

Tudo perde a graça. Os artistas ficam conhecidos...

Que coisa mais sem graça conhecer um artista!

Se você ficasse mais tempo no circo, veria que desencanto.

Os galões dourados do domador?

Latão...

A mulher que salta aquelles complicados saltos mortaes, coitada! já levou uma porção de tombos...

O cachorro que sabe lêr faz um mez que está roendo ôsso imaginario...

E então você ficaria reparando no homem triste que desenrolava o tapête...

Que vida! Meu Deus.

Tudo feio...

Tudo falso...

Tudo triste...

Que bom o espectaculo ter acabado lógo p'ra você!

Nem teve tempo de reparar nessas cousas sem graça...

E nós ficamos aqui, esperando o fim da pantomima...

P'ra depois ir dizer a você que o leão era bravo mesmo, que o circo é perfeito, que tudo é bom...

Nada feio...

Nada falso...

Nada triste...

GIL MOREL

ADÃO

(Conclusão)

coços eram t e s o s como chaminés e só davam passagem a palavras sombrias como fuligem. Hoje... (mettendo a mão no collarinho de dois dedos, flexivel) olhe... pode-se virar a cabeça para todos os lados, olhar para baixo...

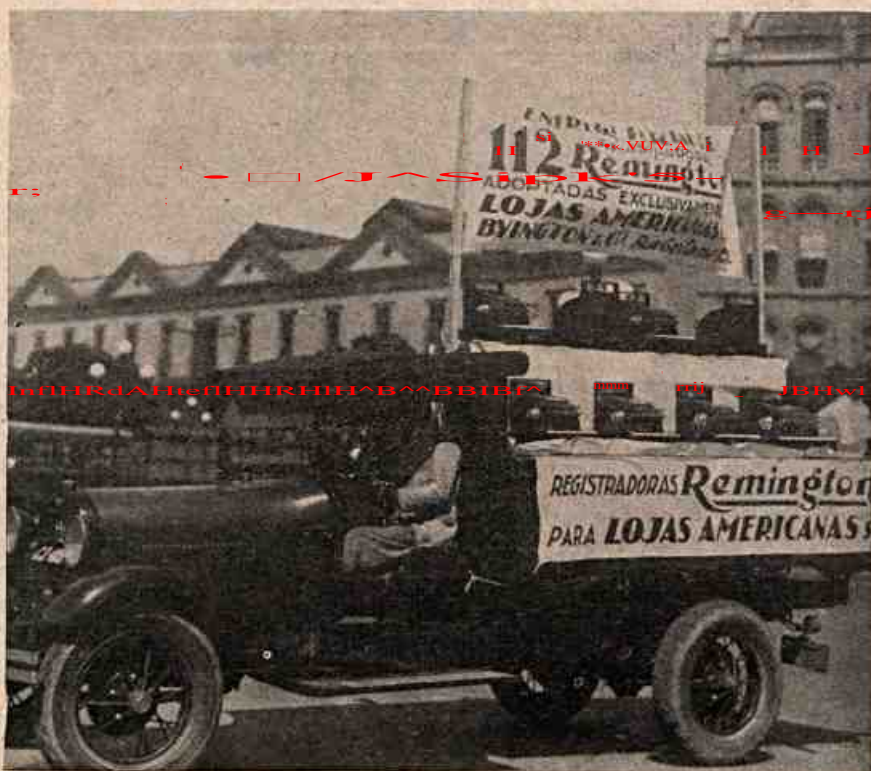
Nestor. — E não era melhor quando só se podia olhar para cima?

Octavio (*sem se desconcertar*). — Meu caro, os homens não estão nos ares... nem as mulheres e, como diz Bilac, mais vale: "Ficar na terra e humanamente amar".

EVA

(Conclusão)

Os pés dos moveis foram inventados pelos homens para forçar as mulheres a varrerem em baixo delles... e convencerem as tolas de que não lhes sobra tempo para serem independentes. Nós, as de hoje, somos mais sabidas. Revoltamo-nos, abandonamos as vassouras... e logo elles descobriram que os moveis não precisavam de pés. E' um symbolo, mamãe; a divisa feminista devia ser: "O voto para a mulher..." e abaixo os pés dos moveis!"

Os srs. Byington & Co. acabam de vender ás Lojas Americanas S. A., 112 Caixas Registradoras Remington, o que representa o maior pedido feito por uma só firma aos concessionarios daquella acreditada marca de Registradoras. A gravura acima mostra um caminhão com parte dessa importante encommenda, que vale pelo melhor elogio á excellencia das Caixas Registradoras Remington.

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Si á tua pelle, menina, queres dar
A pureza do lyrio, a luz do sól,
Não te demores... Corre, vae comprar
O rei dos sabonetes — o "EUCALOL".

Luiz Maña Filho.
Rua Rebello Horta 28 e 30
Cataguazes (Minas)

Um Romance Vulgar

De PIERRE VILLETARD

VICTOR Lapeyrade, depois de trinta e cinco annos de administração, havia sido aposentado. A sua carreira era daquellas que serviam de exemplo aos que se iniciavam na vida.

Elle havia feito uma ascenção direita e constante até o grao de chefe de repartição. Com a idade, elle renunciou a esse logar sem amargura.

Solteiro, escravo de habitos que elle denominava, pomposamente, "meus principios", envelhecia entre a sua gata e a sua *gouvernant*, austera figura que o inquietava e lhe queimava a sôpa.

Diziam-no frio, egoista, insensivel ás alegrias como ás miserias da humanidade.

E, no entanto, o sr. Lapeyrade tinha o seu romance...

Romance chato, vulgar, tão pobre de incidentes que, por nada no mundo, o velho funccionario ousaria revelar. Remontava á epoca longinqua em que Victor Lapeyrade trazia um *béret* em que se podia ler "Intrepido", em grossas letras de ouro.

Sua mãe, uma pequena burgueza, levava-o para brincar nos terraços do Luxemburgo.

Lá, elle encontrava outras creanças, mais ricas do que elle, sem duvida, a julgar pelas suas vestes, que, diariamente, appareciam lindas e custosas como si fosse nos domingos.

Entre esses, Victor notou uma formosa garota, cujos cachos louros dançavam sobre um pescoço claro.

Uma tarde, ella veio procural-o. Levou-o pela mão e elle foi admittido n'uma partida de barras.

Bruscamente, a pequena lhe perguntou:

— Como se chama você?

E elle, timido:

— Victor Lapeyrade.

A creança fez um biquinho roseo:

— Eu, — declarou ella — eu me chamo Anna de Maupertuis.

Mas ella não o humilhou mais, uma vez que elle era seu convidado.

Depois disso, elles brincavam sempre juntos. Certa vez, como a *miss* tivesse esquecido o *lunch* de Anna, elle lhe offereceu metade do que trazia, e ella o acceitou, mui naturalmente.

Elle a amava, ternamente, sem ousar confessal-o. Ella, por sua vez, parecia ignorar esse affecto infantil.

Anna era uma creança vivida, alegre, e esvoaçava como uma borboleta. Quando o verão chegou, ella partiu com os seus paes, para a beira-mar. Ella prometteu a Victor de lhe trazer muitas conchas. Mas nem no outomno seguinte, nem na primavera, ella tornou a vel-a. Julgou que ella tivesse morrido, e ficou pezaroso.

Ora, alguns annos mais tarde, — Victor era, então, um jovem caixeiro viajante — teve elle uma palpitação forte quando, ao desdobrar um jornal, leu nos écos mundanos: "Realiza-se hoje o casamento de "Mlle. Anna de Maupertuis com o barão João de Roquefeuil..."

Elle calculou: ella tem dezenove annos; e, de repente, pensou: "Como ella deve estar linda, actualmente!" E reteve cuidadosamente a hora e o dia da cerimonia; depois, encurtando o seu almoço, se encaminhou com um passo commovido para os lados de Santo Agostinho.

Postado em frente á egreja, esperou. Mas quando as carruagens chegaram, elle teve medo, e desappareceu como si fosse um ladrão.

Passaram-se os annos.

Victor avançava em annos.

Todos os dias, ao abrir o jornal, lançava um golpe de vista á secção de notas sociaes. E como a baroneza de Roquefeuil era uma pessôa conhecida, não lhe foi difficil acompanhar a marcha da sua vida.

Soube que ella frequentava a pesagem, os chás elegantes, possuia um castello em Turene e passava os seus invernos na Côte d'Azur. Elle soube mais que lhe haviam nascido dois filhos — Rolando e Simone — e que o seu *yacht Mariflor* havia feito um cruzeiro pelas costas da Irlanda.

Deste modo, elle não vivia só. Os seus olhos fixavam uma estrella, que lhe parecia mais luminosa ao triste crepuscular de sua vida.

Certa manhã, como elle repousasse, depois do café, os pés agasalhados no cobertor de lã, o titulo da noticia lhe fez soltar um grito de surpreza. Elle acabava de lêr:

"A baroneza de Roquefeuil, presidente do Abrigo dos Pequenos Refugiados do Tardenois, agradece, de antemão, todos os donativos que lhe façam chegar ás mãos."

Desde esse momento, elle não pensou mais em outra coisa.

Por que não havia elle de ir, em pessôa, levar á baroneza a sua modesta offerta? De mais a mais, elles agora estavam velhos. A sua entrevista não teria consequencias. E quem sabe? Das suas recordações, surgeria uma sympathia melancolica.

Hesitou durante dois dias. No terceiro, pôz a sua casaca, a sua gravata mais fina, e apresentou-se em casa da baroneza, que habitava um sumptuoso hotel nos Campos Elyseos.

Um creado o introduziu em um salão luxuoso, e elle esperou ser attendido. Dentro em pouco, uma porta se abriu. Uma dama appareceu. Era ella...

Havia neve nos seus cabellos louros. Mas Victor Lapeyrade, com um pouco de bôa vontade, reconheceu os olhos da pequenita de sua infancia.

— Madame — disse elle — quer permittir-me...

E intimidado, como no dia da partida de barras, em que elle figurou, entregou á baroneza uma nota de vinte francos.

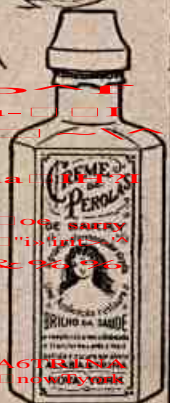
— Agradeço-lhe muito o seu donativo, caro senhor, — disse ella, inclinando-se.

Depois disso, elle não tinha mais nada a fazer senão retirar-se. No emtanto, elle não pôde deixar de dizer:

— Sou Victor Laperade.

A baroneza sorriu, os olhos um pouco alheios. Apparentemente, ella fazia um esforço enorme para se recordar daquelle nome. Então, o pobre homem comprehendeu e não insistiu mais. Saudando-a ceremoniosamente, elle se retirou.

E como as calçadas estavam seccas, elle foi até o jardim do Luxemburgo e sentou-se num banco, um pouco triste, sem duvida, mas cheio de ternura pelas creanças que alli brincavam, como antigamente, em roda das pelouses...

Créme
de
Perolas
de
Barry
O artigo mais necessario no toucador de uma dama
Por menos cuidado que tenha havido com o rosto, ao applicar-se esta excellente preparação, fica liso e de uma côr branco-mate, muito attrahente.
E' superior aos pós de toucador, porque não se nota, nem cahe.
A' venda em todas as pharmacias.

VARINHA DE CONDÃO

REFORMAS — Soceguem minhas graciosas leitoras que não gostam de discussões nem de assumptos sizudos, pois não vou tratar de reformas do nosso codigo (divorcio) nem de reformas sociaes (bolchevismo), sinão de reformas muito mais agradaveis e interessantes pel omenos no julgamento da maioria. E em tudo e por tudo não prevalece a lei da maioria?

Ora, pois, falemos dessas muito mais palpitantes reformas. Sempre que se inicia uma estação, e mormente quando a moda acaba de passar por uma transformação um tanto séria, como agora, o aproveitamento dos vestidos é assumpto que se impõe.

As cinturas subiram, as saias alargaram. Quem não possue um vestido quasi novo, mas cuja blusa está longa demais para o gosto moderno, e algumas dessas toilettes singelas, de côrte recto, tão em uso ainda o anno passado?

Como transformal-as? "That is question". E' uma questão muito mais importante do que a celeberrima do Hamleto, pois é uma questão vital, emquanto que a outra era uma questão... mortal.

Eis a resposta: si se trata de um vestido cuja cintura lhes parece fóra do lugar, agora que nos habituamos a vel-as onde Deus as póz, ou mais ou menos, podem aproveitar o figurino, disfarçando essa antiga cintura com uma barra em bicos de côr mais escura e que reapparece na blusa e nos punhos afim de "tapear" os olhos dos mais para que não pensem que é reforma. Si tambem a largura da saia fôr pequena, é facil augmental-a com dois grupos de plissé de um tecido condizente com o do vestido, como, per exemplo, georgette para crêpes de sêda, voile de tom mais claro para voile liso, e de tom que combine si fôr cassa estampada, etc. O mesmo plissé, na gola, passando por baixo da barra, de côr escura, dá uma elegancia original ao traje. Conforme o exija a tonalidade do vestido, barra e plissé podem ser da mesma côr.

Si o vestido apenas estiver justo podem concertal-o como se vê na gravura 1, embutindo-lhe uns pedaços de fazenda, estampada si elle fôr liso, e vice-versa.

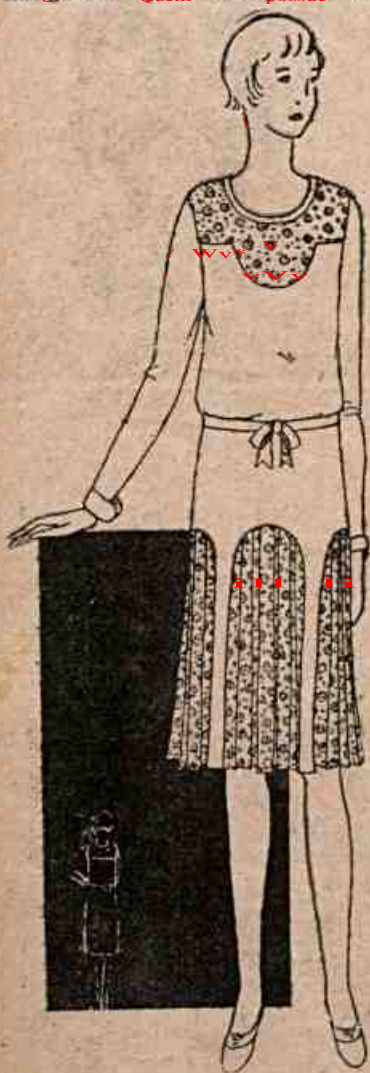
(*Fig.* 1)

O PROBLEMA DAS CINTURAS — As cinturas muito altas vêm preoccupando grande numero de mulheres. Difficilmente se têm resignado á inesperada mudança já hoje perfeitamente implantada. Entretanto, mesmo em Paris é de crêr que existam algumas recalcitrantes á nova ordem, porquanto muitos costureiros têm adoptado o alvitre conciliador e diplomatico de supprimir a causa do descontentamento. A moda exige a cintura no logar, as mulheres suspiravam por vêl-a descida; elles a não põem nem alta, nem baixa. Não a põem de todo, contentam-se com idical-as de leve, ou por meio de um franzido gracioso, ou por meio de um côrte justo, accentuado por finas pinças quasi sempre de um lado só.

Assim esses dois lindos modelos das figs. 2 e 3.

O primeiro, de Martial et Armand, é de crepe estampado beije

(Fig. 2)

sobre fundo azul marinho. A tunica é toda abotoada nas costas com pequenos botões de fantasia. A' golinha muito estreita, sobrepõe-se, partindo da nuca, a écharpe preguеada que repete a linha franzida da cintura. Das

(Fig. 3)

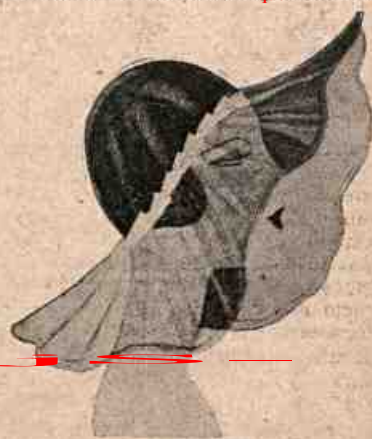
mangas, justas no pulso, decahem uns pedaços franzidos que combinam com a écharpe.

O segundo modelo, de Bernard et Cie., é muito distincto. Trata-se de um vestido de georgete côr de chumbo, com a saia enrolada, terminando na frente, e original peitilho de georgette azul matizado em tres tons suaves. Imaginei que, realizado com crêpe setim azul marinho, tambem ficaria lindo.

FANTASIAS PARA CHAPÉOS — A moda geralmente é pouco economica. Renova os feitios, desce e sobe as cinturas, inventa palhas e tecidos desconhecidos, e suas subditas são obrigadas a gastar, gastar sem conta afim de permanecerem "á la page", como dizem os francezes. Mas, ás vezes, a senhora moda distrae-se... e inventa umas novidades economicas.

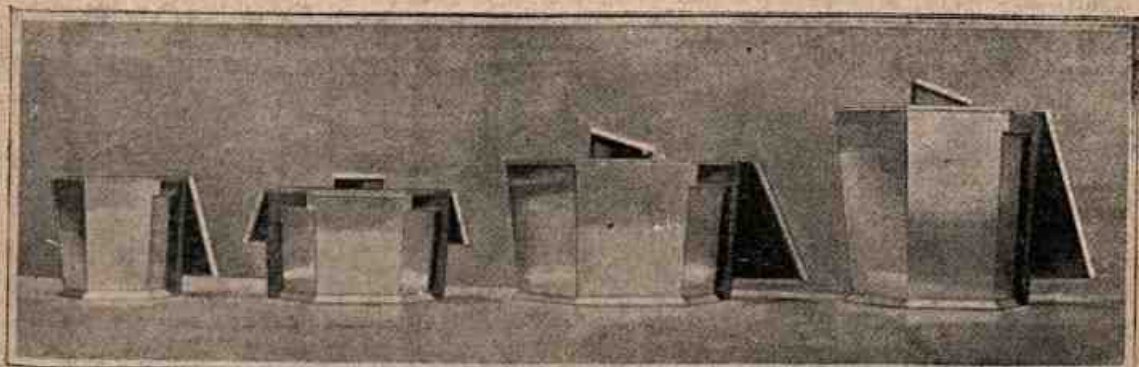
Quasi todas temos flôres, folhagens e cabouchons de crystal e strass, dos quaes não sabiamos o que fazer. Já estão muito vistos sobre as toilettes de baile, e os laços os têm substituido ultimamente. Quando apparecem, são de preferencia de gaze, velludo, pellica.

Eis que vendo ha dias numa linda collecção, desenhos copiando modelos de Suzanne Talbot para a tarde, encontro flôres de crystal empregadas com frequencia e arte. Eis na fig 5 um agraciosa toque de velludo negro, de feitio estranho lembrando o adorno de um idolo; sua linha muito singela tem como ornamento unico os tres cabouchons de strass prendendo um levissimo véo de tulle. O mod. 6, de tulle tambem negro tem uma cercadura scintillante de folhas chatas de crystal. Ambas são proprios para toilettes luxuosas de chás, visitas de cerimonia, etc.

CHÁS ELEGANTES — Chapéos luxuosos para recepções trazem á idéa apparelhos de chá. O cubismo até nelles vem triumphando. Li ha dias no interessante jornal para crianças, que publica semanalmente a *Gazeta de São Paulo*, uma curiosa historia; na casa de um gato travesso a mania do cubismo era tamanha que nem as

(Fig. 5)

rodas do carro de Bébé, nem a bola tinham o direito de ser redondas, para o maior desespero do pobre bichano. Pois vamos

(Fig. 6)

caminhando para lá. E si duvidam, observem esse curioso apparelho de prata de Jean Pinforcat, o mestre da joalheria franceza (fig. 4). Quem diria que se trata de bules, assucareiro, leiteira?

(Fig. 4)

O Homem Sandwich

ACTO PRIMEIRO

UM RECLAME SENSACIONAL

A scena representa uma cutilaria

O cutileiro engenhoso — "Quem não chora não mamma, e para a venda... inventa." Este é meu lemma. Graças a meu espirito revelador, a minha inventiva prodigiosa, hei de conseguir que o publico fixe a attenção em minha cutilaria. Minha ultima creação — o cutelo "*grand-soir* de folha saborosa" — supera a todas as invenções conhecidas.

O viajante, maravilhado — O cutelo "*grand-soir*, de folha saborosa"?

O cutileiro engenhoso — Eu pensei que todos os revolucionarios modernos deviam levar entre os dentes um grande cutelo. Pois bem. Com meu cutelo "*grand-soir* de folha saborosa", ajunto a essa necessidade revolucionaria a delicia de impugnar o cutelo de essencias variadas: uma composição especial que permitte saborear, ora o menthol, ora o limão, ora a groselha. Isto é, um homem de "cutelo entre os dentes" poderá á vontade saborear as essencias de sua predilecção, sem deixar nem um só minuto de inspirar o terror entre os circumstantes. Como detalhe, lhe direi que meu cutelo "*grand-soir*, de folha saborosa" perfuma a respiração e póde curar a tosse, por mais rebelde que seja.

O viajante maravilhado — A Russia vae tirar-lhe da mão sua ultima creação!

O cutileiro engenhoso — E' verdade. Trata-se de um excellente artigo de exportação. Mas é que, além disso, conto, para nosso paiz, com uma idéa tambem amigavel e de resultados certamente surprehendentes. Trata-se do *bolchevique sandwich*, que ha de fazer um annuncio de minha cutilaria.

O viajante maravilhado — "Bolchevique sandwich"?

O cutileiro engenhoso — Sim. Um homem sandwich, a quem contractei, percorrerá as ruas vestido de bolchevique, o cutelo entre os dentes e mettido entre dois cartazes, com o reclamo de meus artigos. Mas, silencio. Ahi chega meu bolchevique..., que vem buscar o cutelo para começar seu trabalho. *(O "bolchevique sandwich" entra na cutelaria. O cutileiro engenhoso lhe põe na mão o cutelo)*. Tome, meu amigo. Este é o cutelo que deve levar sempre, sempre, ouviu?, entre os dentes. O exito dessa propaganda está precisamente nisso.

O "bolchevique sandwic" — Póde ficar tranquillo. Ha vinte annos que não faço outra cousa sinão ser "homem-sandwich". Além disso, senhor, eu tenho minha consciencia. *(Põe o cutelo entre os dentes, e sáe)*.

ACTO SEGUNDO

A CONSCIENCIA DO "BOLCHEVIQUE-SANDWICH"

A scena representa uma rua

O cutileiro engenhoso — Vou ao encontro de meu "bolchevique-sandwich". Quero julgar por mim mesmo da efficacia do annuncio... Ali se fórma um grupo de pessôas em torno de meu "homem-sandwich"! E' elle! E' meu homem! *(Afasta, a empurrões, as pessôas que rodeiam o "homem-sandwich" e vê, com indignação, que elle não traz o cutelo entre os dentes, e que, no emtanto, fuma tranquillamente seu cachimbo)*. Oh! Que é isto? Miseravel! Canalha! Eu o contractei para ter um cachimbo entre os dentes?

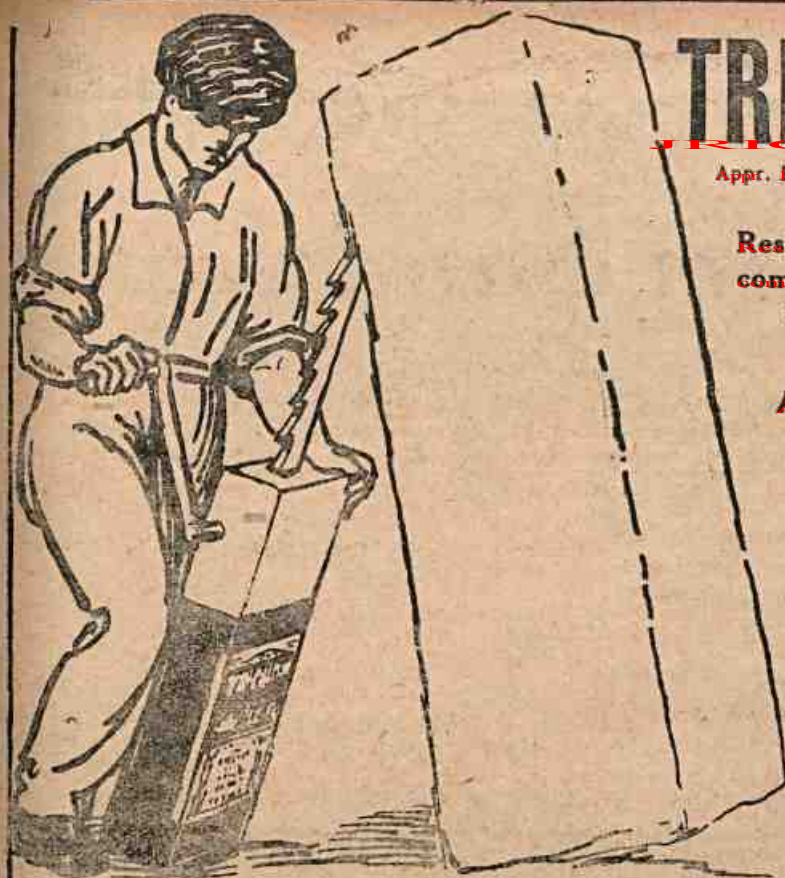
O "bolchevique-sandwic" — Oh! Permitta-me, senhor, que eu lhe explique. Eu tenho o direito de fumar, sempre e quando não falte ao combinado.

O cutileiro engenhoso — O combinado, meu caro senhor, é que deve passear sem tirar o cutelo de entre os dentes.

O "bolchevique-sandwich" — Perfeitamente. Mas, póde o senhor assegurar que eu não tenho entre os dentes seu cutelo? Não deixei de o ter um só minuto!

O cutileiro engenhoso — Mas, que cynismo! *(Estalando em cólera)*. Então o senhor tem o cutelo entre os dentes?... Tem-no?...

O "bolchevique-sandwich" — Sim, sim, senhor, tenho-o! *(Tira de um dos grandes bolsos sua dentadura com o cutelo entre os dentes e a levanta triumphante sobre sua cabeça)*. Eu sou desdentado de nascença, mas tenho minha consciencia, meu senhor! *(Com indignação)*. E' o senhor capaz de repetir que eu não tenho seu cutelo entre os dentes?

(E tornando a metter a dentadura, com o cutelo entre os dentes, no bolso, continúa, magnifico e triumphante, seu passeio).

TRICALCINE

Appr. D.N.S.P. sob o Nº 364 em 31-8-13

Restabelece o estado geral
como a cábrea ou a alavanca
levantam esta pedra.

ANEMIA
DEBILIDADE
RACHITISMO
ESCROFULOSE
BRONCHITES
TUBERCULOSE

LABORATOIRE SCIENTIA
21, Rue Chaptal, PARIS

JULIEN & ROUSSEAU
174, Rua General Camara
RIO DE JANEIRO

DIGESTONICO

do Dr. VICENTE

Appr. D.N.S.P. sob o Nº 169 em 24-3-1927

é o preparado mais scientifico
e eficaz

contra

As Dôres do Estomago

ARDORES

DYSPEPCIAS

ACIDAS

Laboratoire des
"PRODUITS SCIENTIA" - PARIS

A venda em todas as Pharmacias

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

ORCHIDEAS SILVESTRES

DA METRO

Cinema ODEON — Tres bellos nomes e um titulo suggestivo levaram, muito logicamente, ao Odeon um publico elegante e amante de bons filmes. Ha, claramente, por parte do publico, do publico frequentador assiduo de cinema, fome de bons filmes, d'aquelles filmes que mesmo com orchestras mediocres, nos davam uma profunda impressão de arte, pelas almas que dentro d'elles se agitavam. Lewis Stone e Greta Garbo são as duas creaturas de sempre, que sentem profundamente o que fazem e que no silencio da téla nos sabem transmittir as paixões que os arrebatam. E' um filme de requinte emotivo, como só elles sabem exteriorisar, e ademais decorrendo n'um ambiente elegantissimo, o que é muito para o publico carioca que sabe ver.

Cotação — BOM

APPARENCIAS FALSAS

DA FOX

Cinema PATHE' PALACE — Um film alegre, com boa phantasia, para não dizer ingenuidade. Emfim, se não houvesse estas cousas não haveria filmes. Ambiente de embarcadiços. Uma menina elegante e formosa entre aquelles homens rudes. Alguns chinezes e umas scenas crueis, que põem á prova, mais uma vez os musculos de George O'Brien. O film vê-se com relativo agrado, mas não fica da sua visão uma muito profunda impressão. Technica impeccavel e direcção sem relevo.

Cotação — SOFFRIVEL

PERFIDIA

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — Não queremos dizer que este film seja uma prova negativa do valor extrinsico do eminente Emil. Mas, incontestavelmente, esta producção Paramount vale mais pela constituição do ambiente e pela creação de typos. Com a segunda dessas circumstancias, a syncronisação valorisou-se, e ficamos em frente d'um bello film, sem as côres sombrias que o argumento em si lhe devia acarretar. Esther

NOS CINEMAS DA AVENIDA (*Conclusão*)

Ralston, que era um elemento em hostilidade artistica n'uma concorrencia geral de typos conhecedores da ambiente, creou com grande relevo a sua figura, o que mais ainda valorisa o seu trabalho. A technica do filme é impeccavel. Ha detalhes na direcção que são verdadeiramente surprehendentes. Por tudo isto, achamos de boa justiça a

Cotação — BOM

ROUGE ET NOIR

Da Ufa

Cinema RIALTO — Stendhal, se tivesse visto realisada, na arte reveladôra do *ecran* esta sua obra de imaginação, chegaria a acreditar que se trataria d'um facto indiscutivel da vida real. O sôpro romantico do enredo em que se agitam, sob o impulso do idealismo, aquellas figuras admiraveis, foi alimentado por uma grande expressão de arte, como só sabem realisar e comprehender os temperamentos artisticos. *Rouge et Noir*, mesmo com o seu discutivel valor historico (o unico lado fraco da pellicula), é u mtrabalho de admiravel direcção com uma meticulosa reconstituição de ambiente social e politico, e uma rigorosa endumentaria. A interpretação, sem grandes relevos, é, no emtanto, de molde a satisfazer plenamente o interesse da platéa, sendo que Lil Dagover se destacou sensivelmente.

Cotação — BOM

O AMOR DE APACHE

Da Ufa

Cinema RIALTO — Os estudios allemães tambem gostam, de quando em vez, de ridicularisar os costumes dos outros paizes. Não se recordam da *Princesa das Ostras*, em que os costumes dos ricaços norte-americanos eram ridicularisados ao extremo? Este film da Ufa tambem põe a America e França em maus lençoes. Deve, porém, affirmar-se que esta pellicula, sem ser um assombro, nos dá um argumento interessante, com bastante espirito romantico. N'elle se destacam os trabalhos technicos, que são muito valiosos, e a interpretação, mormente por parte de Ruth Wener.

Cotação — SOFFRIVEL

UM REMEDIO EFFICAZ CONTRA O PELLO

São muitas as damas que sabem como proceder para conseguir uma temporaria desapparição dos pellos que as enfeia. Mas, em compensação, poucas são as que conhecem o remedio que produz resultados definitivos. Este remedio é o porlac puro, pulverizado, substancia que é facil achar em todas as pharmacias. O porlac é applicado directamente ás partes affectadas pelos pellos. Este tratamento não só provoca a sua instantanea desapparição, como tambem impede o seu reapparecimento, dado que em um tempo relativamente curto, produz a morte e a queda das raizes pilosas.

Impressões de um exilio

.... Vejo-me adormecido perto do velho pagode, já familiar, que ali está, isolado na ilha verde, e aonde os pescadores vêm orar a Budha para que lhes encha a rêde.... E mesmo sem abrir os olhos, encontro na memória a grande bahia de montanhas, sombrias, que circumdam a ilha verde; e revejo tambem o interior do pagode de madeira, com os seus idolos, os seus tres ou quatro monstros, velhos gnomos, vestidos de azinhavre, que adormecem na humida obscuridade.

Como foi que pude chegar até lá, a esse bello paiz de Turane, situado á beira do mar da China? E quando será que sahirei desse exilio?

Recordo-me agora...

Foi uma coisa imprevista: uma ordem de partir, que chegou como um relampago, num bello dia de primavera.

Havia guerra por aqui. E era forçoso deixar tudo embarcar em Brest, partir sem olhar para trás.

Depois de uma semana agitada, de preparativos, de adeus, chegou o dia do apparelhamento: a bordo se fez o grande appello solenne das partidas, emquanto as costas bretãs se apagavam por detrás de nós nas longitudes infinitas.

* * *

Depois o mar se tornou mais azul, o céo mais limpido, o sol mais quente; e a Algeria appareceu e, como sempre, me perturbou.

Muito curta, muito fugitiva foi essa demora em Alger, ante do inferno amarello da Asia.

Esse encanto algeriano é feito para mim de mil lembranças de uma época passada da minha existencia; e depois os perfumes da Africa, coisas indiziveis e imponderaveis que estão na luz e no ar.

O dia, o repouso á sombra doce, ou as caminhadas de outr'ora, sobre os cavallos de spahis, com o amigo Si-Mohammed. E a noite, no alto, na cidade mourisca, mysteriosa e branca sob a lua, as flautas arabes gemendo durante horas a sua tristeza estridente, sobre as mesmas notas eternas, com um grande ruido de tambor, a unica musica que me encanta ainda — agora que estou cansado das harmonias "raffinées"...

* * *

Depois atravessamos ainda aguas tranquillas e azues até o Port-Said, grande mistura de todas as nações da Europa, com um fundo do Egypto, e desertos infinitos de areia adusta.

Depressa, rapido, passou o isthmo de Suez, os areaes brilhantes do paiz de Moysés, as miragens, as caravanas trepadas sobre os comoros da praia, e nós descemos o mar Vermelho.

E o calor augmentava, e o azul do céo se toldava de areia, e quasi já não se respirava.

Era em julho.

Uma larga brisa de fornalha soprava-nos pelas costas.

A' noite, as estrellas mudavam. O Cruzeiro do Sul subia, lentamente, no céo; e eu o fitava com uma emoção de longinqua saudade.

* * *

Emfim, entramos no oceano Indico, com uma brisa egual, tempo tepido e puro. A calma se fazia em nós com as dilacerações das partidas, e a espantosa distancia augmentava sempre...

De PIERRE LOTI

... A ilha encantada de Ceylão, entrevista de longe, sob um céo negro...

A terra ahi estava juncada de fôlhas e de flores cahidas da abobada immensa das arvores; a terra estava molhada por chuvas diluvianas; as noites eram quentes e sombrias, e o cheiro irritante do musgo enchia o ar.

Uma perturbação sensual e pesada, que vinha de olhos indianos, e era lançada por mulheres de braços de bronze, cercados de prata, que marchavam com tranquillidade de deusas vestidas de "draperies roses"...

* * *

Depois vem a vida sã e repousante do mar, o grande apaziguamento do largo, que apaga tudo. Faziamos rumo sob velas, para Malacca, e cada dia era o mesmo céo admiravelmente puro, o mesmo encantamento de luz.

* * *

O "mousson" que nos havia trazido, morrera á aproximação do Equador; e, uma tarde, a ponta do reino de Achem nos appareceu na luz dourada. Então, sobre a agua ainda mais quente, os primeiros "junques" se mostravam com as suas velas dobradas como azas de morcegos: chegamos á extrema Asia, entramos no inferno amarello.

E, em Singapura, sob as grandes plantas equatoriaes, começou em torno de nós o immundo grulhar chinez, a agitação simiesca de olhos rasgados até ás temporas, das cabeças rapadas e das caudas.

* * *

Rapidamente subimos de novo o mar da China, levados pelo "mousson" de sudoeste.

Oh! essa chegada a Tonkin, por um tempo sombrio e sob torrentes de chuva!

Nesse dia, eu me levantava, ainda muito fraco, de uma insolação, a unica molestia séria da minha vida, que me levou a dois dedos da morte.

Era de manhã, muito cedo. O meu marinheiro Sylvestre, que estava ás minhas ordens, vendo-me abrir os olhos, me disse: "Chegamos a Tonkin, commandante!"

O nosso navio marchava sempre; mas, de facto, pela minha vigia aberta, eu via, vagamente, passar coisas de uma inverosimilhança inteiramente nova: gigantescos "menhirs" escuros sahiam de todos os lados do mar.

Havia milhares, que desfilavam, uns após outros. Era como um mundo de *pierres-debout* formando avenidas, circos, dedalos; uma Bretanha desmedidamente augmentada e abrazada, por um fogo latente, porque o céo era mais negro que um céo de inverno sobre o paiz celtico.

Suppuz que ainda estivesse delirando, que via coisas imaginarias — um paiz dantesco, e procurei dormir novamente.

Mas não: era a bahia de Ha-Along, mui simplesmente, uma região de aspecto unico sobre a terra.

Uma insolação não dura muito, quando não se quer morrer; no dia seguinte, recomecei o meu serviço e pude assegurar-me de que tal paiz era real.

* * *

ESPIRITO ALHEIO

— Garçon, não veiu um senhor perguntando por uma senhorita vestida de marron?

— Sim, senhorita. Mas esperou uma hora e acabou sahindo com uma vestida de azul...

— Que amolação! Hoje vêm jantar comnosco as Lacerda.

— Fique tranquilla, patrôa. Vou preparar o jantar e asseguro-lhe que nunca mais ellas virão...

— Sabe qual é o melhor isolador?

— Sim, senhor: a pobreza.

ANTES TARDE...

O *farrista* (pela manhã). — Es tu, querida? E' para avisar-te que vou chegar muito tarde esta noite, em casa...

UM PSYCHOLOGO

— *Ella.* — São tres horas. Vou á casa da modista provar um vestido. Não demorarei nem dez minutos.

— *Elle.* — Bem. Mas não te esqueças de que jantamos ás oito.

FALANDO DE CORAÇÃO ABERTO

5 de Julho, 10 horas da manhã

Senhora, declaro que me conquistou. Não quero reflectir mais. E' mister que lhe revele o meu enthusiasmo. A senhora é aquella que eu esperava. Si a senhora enviuvou tão depressa é, não ha duvida alguma, que a sorte se apercebeu do erro que havia commettido; e si elle me poz no vosso caminho é que elle deseja, sem tardança, reparar os seus desacertos, em relação á sua pessôa.

Venho pedir a sua mão.

A minha fortuna é representada por uma terra que possúo na Borgonha (quarenta e dois mil francos de renda) duas casas em Paris, *boulevard* Malesherbes (sessenta mil francos) o meu pequeno castello da rua Faisanderie e a minha villa de Cannes. Tenho um velho tio que mora em Dijon. Elle me estima muito. Eu por mim estimo-o bastante e não desejo, de modo algum, a sua morte. Mas emfim, elle tem setenta e dois annos, e eu trinta e dois. Não sei o que elle me deixará, mas elle é ainda mais rico do que eu...

Eu lhe devia esses esclarecimentos. Como vê, não é uma grande fortuna, mas tambem não é uma miseria.

A senhora, sem duvida, irá perguntar porque, em taes condições, eu já não estou casado... E' bem simples: eu tenho reflectido bastante, antes de dar esse passo.

E' uma verdadeira doença. Peso o pr' e o contra; peço informações, organiso *enquetes*, etc. Quero conhecer os antecedentes do partido que se me apresenta — até á terceira geração.

Consulto medicos, notarios. Por pouco não desempenho uma comedia, não me disfarço, afim de conhecer o verdadeiro caracter da minha futura companheira.

Desse modo, dirá a senhora, nenhum partido resistirá.

Eu era verdadeiramente absurdo? Não! Não sou absurdo porque, de hesitação em hesitação, de recusa em recusa, pude chegar até á senhora.

Do dia de hontem, passado em casa do bom Malaterre, é que vae depender toda a minha vida. Elle não pensa senão na senhora. De minha parte, sei que lhe devo alguns esclarecimentos.

Julguei-me tão feliz com a delicada sympathia que a senhor ame testemunhou, expontaneamente, que sai do meu natural. Desculpe as minhas vivacidades, algumas anecdotas, talvez inopportunas. Si fui um tanto desastrado, espero que as circumstancias attenuem a minha falta. Depois do almoço eu já era seu intimo.

A senhora esteve deliciosa, durante o dia todo. Não tentarei comparal-a a quem quer que seja: não via senão a senhora.

A senhora não é, graças a Deus, dessas creaturas que falam de tudo a torto e a direito. Devia ter seguido o seu exemplo, em mais de uma occasião. Não estava senhor de mim e certamente havia enveredado por um falso caminho. Tudo o que eu dizia e fazia era para lhe ser agradavel.

Quem sabe si lhe não pareci até um pouco grotesco?

Não foi senão uma caricatura minha que lhe mostrei.

Saiba quem sou. Vou falar-lhe de *coração aberto*;

De
JACQUES DES GACHONS

Seu um homem pacifico, um apaixonado dos habitos. Não tenho a preoccupação de augmentar a minha fortuna, mas não pretendo dissipal-a. Desejaria legar aos meus filhos — sempre sonhei ser um chefe de familia — afim de fazer figura no mundo. A fortuna é a liberdade; eis porque eu a estimo. Paris não me desagrada no inverno; mas prefiro antes a provincia. Quando eu me casar, mandarei reformar um avelha casa que possuo, perto da egreja de São Miguel, em Dijon, a cem metros da casa do meu tio Henrique, e nella passarei o outomno. Terei prazer em assistir regularmente á vindima. Tenho um excellente mordomo, o pae Etiennes mas nada vale o olho do patrão. E depois, que bello espectaculo, senhora, a Borgonha apresenta, nsta época!...

Occupo-me de algumas obras de beneficencia. Odeio os sports. Não amo senão o bom theatro. A sociedade me aborrece. Nasci para a vida discreta do lar.

Emfim, estou muito mais perto da senhora do que podia hontem parecer. Si eu a comprehendi, direi que a senhora nasceu para uma existencia grave, regular, util. A senhora é tão bella quanto bôa. A agitação parisiense a fatiga. Somos desenraizados recalcitrantes. Retornemos a terra, á bôa e sã natureza.

Senhora, desculpe a precipitação desta carta e tudo quanto ella contem de illogico e contradictorio.

Respeitosamente, affectuosamente — tanto peor! — a palavra se precipita do bico d aminha penna — Venho pedir-lhe que una a usa vida á minha — que a esperava para tornar a sua verdadeira e definitiva direcção...

Dentro de oito dias, irei, si me permitte, colher o fructo das suas reflexões. Quanto a mim, ainda uma vez, não reflicto mais: eu a amo! *Paulino de Mirmond.*

* *

5 de julho, 10 horas da manhã

Caro senhor, o sr. me conquistou.

Queira perdoar-me a audacia da expressão, muito precipitada, bem o sei; mas tenho necessidade de me fazer conhecer melhor. O senhor não viu de mim, hontem, senão uma especie de carga melancolica. Sai — e isso para lhe ser agradavel, confesso-o — sai um pouco do meu natural. A culpa é toda do nosso amigo Malaterre.

Elle me havia dito: "O meu velho camarada Mirmond é a melhor creatura do mundo. Mas tem idéas esquisitas. Provinciano de alma, não pensa senão nas suas vinhas, nas suas obras sociaes, no seu futuro, na sua fortuna, etc., etc.

Acabado esse panegyrico, elle o apresenta á mim. O senhor me fala, e dentro em pouco todo o scenario se modifica.

Por traz da minha mascara severa, eu o observava com attenção. O sr. é encantador, porque não é rebarbativo.

As suas idéas são vivas e modernas. Julga as pessoas e as coisas com o mais gracioso espirito. Depois desse justo elogio, vou falar-lhe de minha pessôa — de *coração aberto.*

Não sou, em absoluto, a joven timida e reservada, que me revelei hontem, para obedecer ao tratante do Malaterre.

Adoro Paris, os pequenos theatros e os jantares alegres. De vid acampestre não comprehendo outra que não seja Trouville e os sports. Os campos e os bos-

FALANDO DE CORAÇÃO ABERTO

(Conclusão)

ques me aborreçam. Além disso, desejaria viajar. Ir para frente, por toda parte, nã oimporta onde! Não me deter nunca em parte alguma. Gostaria de percorrer o mundo com um companheiro alegre, — tal qual o senhor — e com muito pouca bagagem. Nada de filhos, não é?

O principal na vida é a gente se entender.

Somos muito da nossa época, tanto um como o outro, para não hesitar em confessar os nossos desejos e não temer satisfazel-os.

Reflictamos ainda uns oit odias — oito dias, com os tempos que correm, vale tres mezes regulamentares de outr'ora; — depois venha ver-me. E creio que estaremos de accordo, quer para nos acceitar, quer para nos recusar, gentilmente. — *Aline de la Riveraye.*

Lendo a carta de Paulino, Mme. de la Riveraye desatou numa gargalhada. Emquanto isso, á mesma hora, os braços de Paulino caiam desolados.

Decorridos os oito dias, Mme de la Riveraye recebeu a visita esperada. Houve, a principio um certo embaraço.

— Acho tudo isso muito interessante. O resto não tem grande importancia, disse Aline.

— Eu, disse Paulino, acho tudo isso providencial. Porque, emfim, o que nos confessamos, calculadamente, antes de nos casar, é o que, de ordinario, não se chega a saber senão no decurso de muito tempo...

— A nossa franqueza nos estreita, afinal...

— Ia dizer a mesma coisa. O resto é secundario...

— Somos bastante intelligentes para saber comprehender a necessidade de mutuas concessões.

— Está bem! E quando partiremos para a Italia? perguntou Paulino.

— Depois da vindima! exclamou Aline.

O BOM DETECTIVE

De JOSÉ M. BRAÑA

DEPOIS de lêr as innumeraveis aventuras de Sherlock Holmes, Nepomuceno Espinaço resolveu trocar sua profissão de corretor de sardinhas groenlandezas pela de detective particular. Para esse fim, alugou um escriptorio em um dos mais modernos edificios da avenida dos Contribuintes, a mais importante de Villa Equis, e mandou gravar na porta de vidros esmerilhados a seguinte inscripção: *Nepomuceno Espinaco, detective.* Em seguida, poz em circulação, por toda Villa Equis, uns prospectos, nos quaes se lia o seguinte:

"E' V Ex. um marido desgraçado? E' V. Ex. uma esposa infeliz? Si o é, recorra immediatamente a Nepomuceno Espinaco,, detective particular, ex-chefe do corpo de policias de Scotland Yard. Espinaco, com o seu olfato de *bull-dog*, descobrirá os maos passos de sua esposa, e levará a paz a sua casa. Do mesmo modo identificará os autores de anonymos injuriosos e os criminosos, por mais finos que sejam. Ao ser V. Ex. ou um membro de sua familia assassinado ou roubado, basta dar parte do facto a Nepomuceno Espinaco, e este, depois de um prolixo estudo, procederá á captura dos culpados, entregando-os á justiça. Recorra a Epinaco antes de recorrer á policia, si não quer perder tempo! Preços modicos. Segurança, seriedade e reserva absolutas. Expediente: de 7 ás 12 horas e de 13 ás 22, todos os dias. Não ha sabbado inglez nem descanso dominical."

Definitivamente installado, Nepomuceno Espinaco esperou tranquillamente a chegada do primeiro cliente. Não confiava muito em sua intelligencia e argucia, mas acreditava a pés juntos que a profissão de detective era uma das mais simples do mundo. Na sua opinião, tratava-se apenas de tomar a maior quantidade possivel de informações sobre os costumes e actividades da *victima*, si esta era um marido bilontra, e depois seguir-lhe os passos durante certo tempo até apanhal-o em flagrante.

Mas, apesar de seu grande desejo de ser util aos outros, e a si mesmo sobretudo, os dias decorriam sem que surgisse em seu escriptorio um unico cliente. Entretanto, não perdeu o tempo: entreteve as longas esperas copiando os processos do celeberrimo Sherlock Holms, pondo-se elle em seu logar e mudando os nomes de seus personagens e o logar da acção. Feito isso, fez um esforço pecuniario e lançou a publicidade taes aventuras. Uma vez impressas, as fez distribuir entre o publico, certo de obter, afinal, fama e dinheiro. Mas o tempo continuou correndo e não cahia ninguem em seu escriptorio para encarregal-o da investigação das infidelidades de seu conjuge, do roubo de um documento ou da morte tragica de uma familia.

Mas nada é eterno. Afinal, um dia cahiu um joven imberbe, com cara de actor cinematographico da ultima fornada. Seu aspecto não era muito tranquillisador. Disse-lhe ter necessidade de trocar umas palavras com elle sobre um assumpto de muita importancia. Antes que o visitante expuzesse seu assumpto, Nepomuceno Espinaco lhe fez seu auto-elogio e lhe offereceu um dos folhetos com suas suppostas causas. Então, o joven imberbe, repellindo o offerecimento de Espinaco, disse:

— Conheço esses folhetos e venho, precisamente, tratar delles. Sou Max Cox, o representante do autor dessas *causas novellescas* de que o senhor se apropriou, e venho apresentar-lhe a factura pelos direitos correspondentes, que sommam dez contos de reis, e communicar-lhe, igualmente, que vou intentar acção por usurpação literaria e falsidade, porquanto se aproveita o senhor de simples ficções novellescas para atrahir os incautos.

Ditas, estas palavras, o joven com cara de actor depositou sobre a mesa uma folha de papel cheia de numeros, e se encaminhou para a porta de sahida. Della se voltou para dizer:

— Fica o senhor notificado. Amanhã, aqui voltarei pela importancia da factura.

Ao ficar novamente a sós, Nepomuceno Espinaco puxou a cabeça, desconcertado:

— Metti-me em bôa. E agora?

Mas depressa recordou: sou ou não sou detective? Pois si o sou, devo começar por me ser util a mim mesmo agindo com um espirito de justiça digno do grande Salomão. Serei eu mesmo meu primeiro cliente. Vejamos: aqui ha um prejudicado, que é o autor das aventuras de Scherlock Holmes, e, um usurpador que sou eu. Em honra á verdade, o autor tem o direito de cobrar-me quanto lhe pareça como direitos literarios de suas obras, e, ao mesmo tempo, intentar acção contra mim proprio por usurpação e por enganar o publico. Sendo outro e não eu o usurpador, como detective que sou não teria outro remedio sinão proceder á captura do accusado e entregal-o á justiça. Mas, como sou eu o detective e o culpado ao mesmo tempo, não tenho outro remedio sinão agir contra mim mesmo, entregando-me aos juizes para que me appliquem o correctivo correspondente. Fal-o-ei assim mesmo contra mim, para provar que, como detective, sou muito serio e honrado no procedimento.

Assim o fez Nepomuceno Espinaco. E actualmente occupa a cella numero 27 do Pavilhão 3.° da Casa de Correcção, onde cumpre a pena pelo seu crime.

fazer-lhe uma manifestação de apreço e offertar-lhe um mimo.

Chegou o dia ansiosamente esperado pelos alumnos.

O major recebeu os rapazes com um banquete, a que se seguiu um baile.

Flores, musica, foguetes, moças, finas iguarias, bebidas, nada faltava á retumbante festa.

O presente era um segredo: os alumnos, inclusive os dois amigos do philantropo joven Osvaldo de Carvalho, ignoravam o que havia sido comprado para ser offertado em nome de todos.

Suppunham ser um objecto de arte de grande valor, pois o joven Osvaldo estava com a bolsa recheiada quando o foi comprar.

CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

Os gulosos pensavam que era coisa de se comer.

Estavam todos ansiosos, com grande curiosidade de saber em que consistia o presente, mas não lograram ser satisfeitos.

O major Ignacio da Rosa, por insinuação do orador designado pelos collegas para a entrega do mimo, déra ordem para só abrir a caixinha de madeira onde estava o mesmo acondicionado, depois de terminada a festa, na intimidade de seu lar.

• • •

Ao dia seguinte, pela manhã, após a retirada de todos os convidados, em presença da familia, muito curiosa, foi, emfim, aberta pelo proprio major Ignacio a caixinha de madeira.

Mas, oh, decepção e raiva de todos! Acondicionado em palha foi encontrado dentro um ordinarissimo gato morto, conservado a formol, sem um olho e sem o rabo!

Para maior desapontamento e raiva do major, uma sua netinha, menina de quatro annos, exclama:

— Ih, que *bicho* feio!

E apontando o gato com o dedinho, ainda frisou em tom alegre, dirigindo-se á avó:

— *Olle, vovó, é zaroio como vôvô;* só tem um olho...

O alumno Osvaldo de Carvalho não havia recebido dinheiro algum dos paes, e na occasião estava na quebradeira.

O gato não lhe custára nada; fôra obtido por intermedio da Maria Candida, uma preta muito magra, muito feia e muito pernostica, lavadeira dos tres inseparaveis amigos, que os alumnos appellidaram de Maria "Macaca".

Carnet de Marfim

(HENRIQUE MENDES CALÇADA)

As tres Americas são os tres Reis Magos do mundo moderno.

* * *

A expressão "Meu Thesouro" tem, na bocca de certas mulheres, uma significação terrivelmente precisa.

* * *

O espelhinho da bolsa substitue esse segundo par de olhos que as mulheres queriam ter na nuca.

* * *

Essas vacillações que, deante da lauda branca, assaltam o escriptor em sua ansia de encontrar para cada idéa as palavras justas — essas lacunas da concepção podem corresponder á lentidão de seu pensamento ou á sua falta de memoria. Mas tambem podem ser assim como o tácito protesto de um instincto esquisito contra as imperperfeições do instrumento que o escriptor se vê obrigado a manejar. Bem póde ser que essas momentaneas inhibições, esses estados de passageira impotencia, esses claros da creação poetica correspondam a outros tantos claros ou lacunas do idioma. Nossa vaidade natural nos leva a pensar que a palavra humana constitue um instrumento perfeito para exprimir idéas e sentimentos. E, fazendo questão de patriotismo, ha até quem chegue ao excesso de collocar o proprio idioma por sobre os outros, como si todos elles não fossem igualmente rudimentares, como si em todos elles não estivesse vibrando ainda a voz do selvagem. Cabe, por isso mesmo, no possivel, que o poeta não procure afanosa e inutilmente em sua memoria, branca nesse momento como a lauda virginal, uma palavra que exista e que esqueceu, nem siquer alguns dos infinitos gallicismos, italianismos, germanismos e anglicismos que a Academia ainda não autorizou, — mas uma esquisita e insubstituivel palavra expressiva de alguma idéa sutil, de algum matiz delicado que os homens estupidos não perceberam ainda.

* * *

Tudo o que não é bom jornalismo, nem bôa logica, nem bôa moral, nem bom cinematographo, está na imminencia de ser bôa literatura.

* * *

Olhar uma mulher é, ás vezes, tão perigoso como olhar um leiloeiro no exercicio de suas funcções. Um olhar indifferente dirigido ao homem que vende em leilão é interpretado sempre como uma offerta, e assim a gente, de repente, tem arrematado uma excellente mobilia de sala de jantar ou um lote de fazendas de que não precisava. Assim tambem se iniciam alguns amores e sobrevivem alguns casamentos.

* * *

Não se póde evitar que o máo escriptor abuse da chuva, do amor, do frio, do beijo, do transatlantico, da morte, do *frac*, do *fumoir* e... das reticencias...

A allegoria do amor continúa sendo a dos idyllios de Theócrito, de Bião, de Garcilaso: uma pastora reclinada sobre um leito de macio relvado e, a seu lado, um pastor que tange o seu instrumento musical. A allegoria do casamento é uma mulher que soluça aos pés de um homem que berra...

* * *

Em materia de arte tudo o que não é gracioso é desgraça.

* * *

Em algumas escolas primarias norte-americanas, um professor de astrologia faz o horoscopo dos alumnos, indicando os que com o tempo serão ministros ou gerentes de banco, afim de que os outros, saibam a que têm que andar e não percam seu tempo.

* * *

Em virtude dessa logica admiravel que rege as acções humanas, vão ás acções humanas, vão para as corridas de touros os cavallos velhos, porque já não servem para nada; emquanto que para a guerra vão os homens jovens, talvez porque delles depende tudo.

* * *

Quando, na rua, caminhando atraz de uma mulher, apressamos o passo para poder ver-lhe a cara, desistimos, ás vezes, do intento, desalentados, porque, no gesto do desconhecido que caminha em direcção contraria, vemos, como num espelho, reflectida a cara de uma mulher feia.

* * *

Ha escriptores faceis que, pretendendo passar por escriptores difficeis, conseguem transformar-se em escriptores impossiveis.

VERSOS

Á Lingua Portugueza

Amei-te... Amo de mais os teus roseos fulgores,
Sol da minha paixão, musa do meu retiro:
Por ti meu coração tem sido enlevo e flores,
Por ti transponho o céu num luminoso giro!

Quando Ruy te colmou de galas e primores,
Delirei de emoções, por que ora inda suspiro...
Se alguem te louva, eu gozo o amor dos teus amores!
Se alguem te infama, eu soffro, e o golpe ultriz desfiro!

Sagrei-te minha vida... E ao pé da campa escura
Inda elevo ao teu nume a hostia de uma alma pura.
Inda voto ao teu garbo os poucos annos meus!

Que eu possa, emfim, de olhar sereno, calma face,
Possa em ti soluçar, no anseio do trespasse,
Um sonho... uma saudade... o derradeiro adeus!

BENEDICTO SALGADO

Stacomb

M.R.

Lars Hanson da Metro-Goldwyn-Mayer

Cavalheiro ou...

Qual será o seu "papel" na vida?

Stacomb mantem o cabello penteado

No cinema, como na vida real, o cabello cuidadosamente penteado indica o homem prospero, refinado ou culto; desalinhado e revolto, assignala o vencido na vida, o negligente, o bohemio. No primeiro caso STACOMB é indispensavel; no segundo desnecessario.

STACOMB é um crême opalino, subtilmente perfumado, que torna o cabello obediente e submisso. Não é um dos productos que o fazem graxento ou empastado; nem é como a agua que se evapora logo e o deixa quebradiço e sem brilho. Um pouco de STACOMB applicado pela manhã, o mantém alinhado e brilhante todo o dia, conservando-o sedoso e são.

Nas melhores perfumarias e pharmacias, ou remette-se amostra mediante $800 em sellos postaes.

WARNER INTERNATIONAL CORPORATION
Rua Conde de Bomfim, 214 — RIO DE JANEIRO

A "ACIDEZ" *é o peior inimigo das creanças*

A unica maneira segura e inoffensiva de modificar o leite de vacca e os alimentos artificiaes, para evitar as *colicas, os vomitos, a prisão de ventre*, etc. nas creanças, é accrescentar á mammadeira una colhersinha de

"LEITE DE MAGNESIA de PHILLIPS",

o anti-acido por excellencia, de fama universal. **Empregado pelas mães e receitado pelos medicos, ha mais de cincoenta annos.**

Indispensavel no lar, por *ser tambem o remedio o mais brando e o mais efficaz, contra a* **indigestão, os estados biliosos, a azia, e a acidez do estomago.**

Si não é "Phillips," não é Leite de Magnesia!

Exijam Phillips com rotulo em Portuguez

Paul J. Christoph Company

Ouvidor 98 — Rio — S. Bento 35 — S. Paulo